

Biane Peverada Jaques

“Eis, aí,
como tomei
contato com
o *Diário*”

Ascensão social-profissional do imigrante português
Maximiano Pombo Cirne a partir do *Diário Popular*
(Pelotas 1922-1949)



Esta obra, através de uma abordagem de carácter biográfica e utilizando como fonte principalmente o arquivo pessoal privado do Senhor Maximiano Pombo Cirne, possui como objetivo: analisar a trajetória profissional de Maximiano como jornalista e sua inserção no meio advocatício entre os anos de 1922 a 1949. Para tanto se observou a importância das suas relações pessoais e profissionais desenvolvidas no jornal *Diário Popular* de Pelotas. Sendo assim, será possível perceber como se deu sua ascensão social-profissional enquanto imigrante de origem portuguesa.



“Eis, aí, como tomei contato com o *Diário*”

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof.^a Dr.^a Clarice Gontarski Speranza

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

“Eis, aí, como tomei contato com o *Diário*”

**Ascensão social-profissional do imigrante português
Maximiano Pombo Cirne a partir do *Diário Popular*.
Pelotas 1922-1949**

Biane Peverada Jaques



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

JAQUES, Biane Peverada

“Eis, aí, como tomei contato com o Diário”: Ascensão social-profissional do imigrante português Maximiano Pombo Cirne a partir do Diário Popular. Pelotas 1922-1949 [recurso eletrônico] / Biane Peverada Jaques -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

127 p.

ISBN - 978-65-87340-24-1

DOI - 10.22350/9786587340241

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Maximiano Pombo Cirne; 2. Imigração; 3. Diário popular; 4. Advogado. I. Título.

CDD: 906

Índices para catálogo sistemático:

1. História da sociedade

906

Dedico este livro em memória de minha avó, Rosa Amélia Caldeira e meu tio, Roger Caldeira, que não puderam presenciar sua conclusão.

Agradecimentos

O mestrado começa no momento do insight inicial e só termina na impressão da versão final do trabalho. Durante todo o processo de elaboração do problema de pesquisa, de seleção, de análise, de escrita, de defesa e etc. pessoas se fazem presente. São elas que tornam esse caminho mais ou menos prazeroso, sendo assim, gostaria de agradecer todos e todas que de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa se tornasse realidade.

Primeiramente agradeço minha família, em especial, minha mãe Belane Jaques, meu pai Édison Luís e meu irmão Marlos Jaques, por acreditarem e serem meu porto seguro.

Meu obrigada, mais que especial e sincero, para as amigas: Suélen Noguez, Eduarda da Silva, Camila Braga, Jordana Pieper, Tamires Xavier e Juliana Behrend, sem vocês eu já teria enlouquecido.

Agradeço também as colegas e os colegas, professores e professoras que tive o prazer de conviver.

Aos amigos e amigas de fora do mundo acadêmico, porque nem só de academia se faz a vida.

Ao meu orientador, Aristeu Lopes, que serve de inspiração e exemplo da profissional que pretendo ser.

Agradeço ainda a família de Maximiano Pombo Cirne, em especial seu filho, Maximiano Pinheiro Cirne, pela confiança e disponibilidade.

Sumário

Prefácio	13
Aristeu Elisandro Machado Lopes	
Introdução	17
Capítulo I	37
Os anos iniciais	
Breve histórico acerca da trajetória de Maximiano	37
As origens em Portugal e o processo emigratório	39
A chegada ao Brasil	45
O retorno a Portugal e o interesse pelas letras	52
A volta para o Brasil e os primeiros contatos profissionais com o <i>Diário Popular</i>	60
Capítulo II	64
Jornalista	
O campo da imprensa	64
A imprensa pelotense e o início das atividades no <i>Diário Popular</i>	66
A crise no <i>Diário Popular</i>	73
Entreato	76
A reabertura do <i>Diário Popular</i> e a Rua XV de novembro	81
A profissão de Jornalista	85
Capítulo III	88
Advogado	
De jornalista a advogado	88
A solicitação da naturalização	91
A Faculdade de Direito de Pelotas	93
O falecimento de Manoel e a decisão de transferir residência para o Rio de Janeiro	97
“Expressiva homenagem ao distinto jornalista”	99
Última fase de atuação direta no <i>Diário Popular</i> : as reportagens	103
Operador do direito	108
Considerações finais	112
Fontes	115
Legislação	119
Referências	120

Prefácio

*Aristeu Elisandro Machado Lopes*¹

Lembro-me como se fosse ontem daquela tarde de outubro de 2011 quando a professora Beatriz Ana Loner, ainda resolvendo vários encaminhamentos para a sua aposentaria, que seria efetivada em dezembro daquele ano, chamou-me no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas para uma conversa. Primeiro, disse-me que deixaria aos meus cuidados o Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. Após o susto inicial, aceitei a tarefa que minha orientadora da graduação estava me destinando. Segundo, avisou-me que resolveria a parte burocrática sobre a transferência de seus bolsistas para minha orientação. Naquele mesmo dia, entrou na sala do NDH uma moça sorridente, uma das bolsistas da Beatriz, era Biane Peverada Jaques.

Daquele instante em diante estabelecemos uma parceria que não ficou restrita somente às tarefas da bolsa e da pesquisa, mas era o começo de uma amizade. Da mesma forma que eu, como ex-bolsista da Beatriz me tornei seu amigo, hoje posso dizer que a Biane, como minha ex-bolsista, é minha amiga. Logo, começamos a trabalhar no projeto de pesquisa *Traçando o perfil do trabalhador gaúcho*, que ainda continua em desenvolvimento sob minha coordenação, com os dados sobre os trabalhadores gráficos. Dessa pesquisa mais ampla, Biane fez uma seleção e desenvolveu sua monografia de conclusão de curso sobre os trabalhadores do jornal pelotense *Diário Popular*.

Com a monografia encaminhada, começamos a avaliar possibilidades para um projeto de pesquisa de dissertação de mestrado. Então, chamou-

¹ Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas

nos atenção um dos trabalhadores do jornal que havia solicitado sua carteira profissional: Maximiano Pombo Cirne (1910-1992). O trabalho de investigação sobre ele logo se mostrou exitoso. Inicialmente, foi verificado que se tratava não somente de um jornalista – conforme a profissão registrada em sua ficha de qualificação profissional, documento que está no acervo da DRT/RS – mas de alguém que teve uma vida mais ativa e multifacetada na sociedade pelotense.

Após essas primeiras incursões, Biane teve a grata surpresa de conseguir localizar o acervo pessoal de Maximiano. Como uma detetive a autora localizou, com auxílio de uma lista telefônica, o filho de seu futuro biografado, o Sr. Maximiano Pinheiro Cirne, que gentilmente disponibilizou os documentos para ela desenvolver a sua pesquisa de mestrado. Portanto, este livro é o resultado da sua dissertação: “*Eis, aí, como tomei contato com o Diário*”: *Ascensão social-profissional do imigrante português Maximiano Pombo Cirne a partir do Diário Popular. Pelotas 1922-1949*, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pelotas, sob minha orientação.

Na dissertação, agora transformada no presente livro, escolhas metodológicas tiveram que ser tomadas para dar conta da trajetória do biografado. Nascido em Aveiro, Portugal, no ano de 1910, Maximiano emigrou para o Brasil pouco mais de uma década depois, acompanhado por sua mãe, sendo que o pai já residia em Pelotas. Aos 24 anos, em 1934, ele começou a contribuir com a redação do *Diário Popular* com pequenas colaborações. Como destaca a autora: “Maximiano Cirne possuiu, até seu falecimento em 1992, uma estreita ligação com o *Diário*. Fato que pode ser observado pelas inúmeras referências feitas a ele pelo jornal” (p.39).

Em 1937 o *Diário Popular* foi fechado pelo governo de Getulio Vargas, Maximiano, então, começou a trabalhar na Associação Comercial de Pelotas. Em 1940 concluiu o curso de Direito na Faculdade de Direito de Pelotas. Logo, mudou-se para o Rio de Janeiro, para acompanhar o seu processo de naturalização, e começou a advogar, sobretudo em causas trabalhistas como advogado das empresas processadas. Já no começo dos

anos 1950, novamente em Pelotas, iniciou sua carreira política, como candidato a vereador. E em 1956 tornou-se vice-cônsul de Portugal na região sul do estado, atuando neste cargo até meados dos anos 1980. Ainda desenvolveria outras atividades nesse período: “contribuiu para a fundação do Lions Clube de Pelotas, foi gerente do banco português da cidade e atuou de forma efetiva nas questões relacionadas à Sociedade de Beneficência Portuguesa” (p.38).

A partir do resumo de sua trajetória, e da documentação produzida por ele e salvaguardada por seu filho, a alternativa metodológica encontrada para melhor desenvolver os objetivos da dissertação foi analisar apenas parte dessa trajetória. Em outras palavras, foi necessário selecionar sua atuação como jornalista e advogado, enfocando os anos entre 1934 e 1950. Sua atuação como vereador e cônsul, portanto, ficariam para um trabalho posterior.

Benito Schmidt, ao avaliar o trabalho do historiador interessado pelas biografias, é enfático e esclarecedor ao pontuar que não se traçam mais biografias tradicionais, com narrativas factuais e lineares, de grandes homens, mas, sim, “biografias que, partindo das experiências de um indivíduo, abordam questões mais gerais relacionadas à época na qual o mesmo viveu”.² A autora se ampara na proposta teórica e metodológica apresentada e desenvolvida por Schmidt para analisar parte da trajetória de Maximiano. Tal escolha foi importante, uma vez que a escrita foi produzida a partir dos documentos organizados pelo biografado, o qual, talvez consciente ou inconscientemente montou sua trajetória de forma linear e homogênea, o que poderia evitar dúvidas e questionamentos.

Biane soube problematizar sua fonte e, com elegância, questionar os documentos, (re)criando a trajetória de Maximiano, através de elementos constitutivos de sua vida, mas, concomitantemente, apreendendo as relações sociais nas quais estava inserido e que reverberaram na própria

² SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004, p 21.

constituição de sua biografia. Assim, apresenta-nos um imigrante português que chegou ao Brasil ainda criança e que no novo país construiu uma carreira sólida, com inserção na sociedade de Pelotas, desenvolvendo múltiplas ocupações, sendo que, com maior visibilidade, a de jornalista do principal veículo de comunicação da cidade.

Maximiano, entretanto, não era a regra, ao contrário, era a exceção. A maioria dos emigrados portugueses não conseguiu alcançar fortuna no além-mar. Muitos deles se dedicaram aos trabalhos manuais, à lavoura ou às atividades comerciais, nesse último exemplo estava o próprio pai de Maximiano, Manuel, proprietário do Armazém Cristal, que se localizava na Rua Voluntários da Pátria, e que chegou ao Brasil sem recursos. Maximiano foi um dos poucos que se destacou entre os demais conterrâneos que se estabeleceram no Brasil. Ele alcançou proeminência, diplomou-se advogado, tornou-se jornalista, foi eleito vereador, foi escolhido vice-cônsul. Estabeleceu conexões sociais muito mais amplas do que aquelas do pai, embora ambos tivessem suas redes solidificadas pela solidariedade e amizade entre os compatriotas.

O leitor recebe, agora, um livro de qualidade excepcional que apresenta vieses de uma trajetória de vida que alcançou notabilidade em sua época. Possivelmente, por este motivo, Maximiano recortou suas reportagens e textos publicados no *Diário Popular* e guardou documentos que julgou relevantes, ou seja, colecionou fragmentos documentais sobre a sua história. No entanto, se não fosse pela perspicácia da autora ao trabalhar com esse arquivo pessoal, sua trajetória ainda permaneceria conservada nos papéis colecionados ou no âmbito da memória familiar.

Introdução

Já era noite no dia 2 de fevereiro de 1922 quando Maximiano, a chamado de seu pai, Manuel, andou pela primeira vez na rua Marquês de Caxias¹ na cidade de Pelotas no sul do Rio Grande do Sul, em direção a rua Voluntários da Pátria onde era localizado o Armazém Cristal², estabelecimento de propriedade de seu pai. Havia desembarcado na cidade de Rio Grande acompanhado da mãe, Maria, impressionado com o aglomerado de pessoas na gare da Viação Férrea, e, principalmente, com a tecnologia da energia elétrica.

Logo cedo, na manhã do dia seguinte, o “saudoso e popular Carrico” fazia pontualmente a entrega do *Diário Popular*, quando Maximiano tomou o primeiro contato com o jornal. Naquele período ele sequer poderia imaginar que o *Diário Popular* teria uma influência tão significativa anos mais tarde em sua vida. No entanto, posteriormente, ele afirmaria com veemência que, nem mesmo nos seis anos em que esteve longe, estudando em Portugal³, deixou de ler o jornal, pois seu pai fazia sua remessa pelo correio por via marítima.

Quando Maximiano retornou a Pelotas passou a ter contato mais direto com o jornal, inicialmente com pequenas colaborações voluntárias até ser de fato efetivado. Procurava entregá-las pessoalmente ao redator-chefe e estudante de direito Guilherme Schutlz Filho, formando “fortes laços de amizade”. Foi neste período que Maximiano iniciou o curso de direito e

¹ Atualmente Rua Santos Dumont.

² Rua Marquês de Caxias n° 201.

³ De 1928 a 1934.

quando o *Diário Popular* passou por grave crise financeira decidiu que seria prudente desfazer o vínculo empregatício, logo o jornal seria fechado pelo governo Vargas.

Posteriormente, através da interferência direta de Maximiano, o *Diário Popular* retomou suas atividades. Ele passou então a ocupar um cargo de destaque no jornal, o de gerente. O que acarretou que repetisse o quarto ano do curso de direito. Necessitou decidir quais eram suas prioridades, elencou como sendo a principal concluir o curso. Passou então a atuar na redação do jornal até finalizar sua formação em direito. Era 22 de agosto de 1942 quando Maximiano despedia-se dos colegas do *Diário Popular* num jantar, o qual foi oferecido em sua homenagem, logo estaria transferindo residência para o Rio de Janeiro, para acompanhar de perto o processo de naturalização por ele solicitado. Lá iniciou sua trajetória como operador do direito e mais tarde, depois de deferida sua naturalização, retornaria a Pelotas para atuar como advogado da Associação dos Proprietários de Imóveis da cidade⁴. O *Diário Popular* e as relações lá cunhadas estiveram presentes na vida de Maximiano até o seu falecimento, em 1992. De fato, em novembro de 1980, ele contava, em uma edição comemorativa do *Diário*, como havia se dado sua atuação no jornal, concluindo a narrativa com a seguinte expressão: “*Eis aí, como tomei contato com o Diário*”⁵, que assumiu parte do espaço destinado ao título deste livro.

Dessa forma, proponho-me a analisar neste livro dois aspectos específicos da trajetória profissional, através de uma abordagem de caráter biográfico, de Maximiano Pombo Cirne⁶. São eles: sua atuação enquanto jornalista, principalmente quando relacionado com o jornal *Diário Popular* e sua inserção no meio advocatício. Ainda que seja abordado os anos iniciais da trajetória de Maximiano, o foco cronológico da pesquisa abrange

⁴ Esta narrativa foi inspirada nas impressões de Maximiano descritas na fonte: Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

⁵ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., p.3.

⁶ Os aspectos gerais da trajetória de Maximiano serão brevemente apontados no capítulo I.

principalmente as primeiras décadas de sua atuação profissional. Como marco inicial, elegemos o ano de 1934, quando começou sua carreira no *Diário Popular*; posteriormente, o ano de 1940 quando se forma no curso de Direito e finalmente o ano de 1949 quando retorna a Pelotas, depois de breve período no Rio de Janeiro.

Como visto acima, as pequenas colaborações voluntárias que Maximiano encaminhava ao *Diário Popular* o levaram a ascender profissionalmente no jornal. Quando este passou por uma grave crise financeira e acabou sendo fechado pelo governo Vargas, Maximiano possuiu participação ativa no processo de reabertura do jornal e passou a ocupar o cargo de gerente do *Diário*. Depois de concluir o curso de Bacharel em Direito necessitava realizar sua naturalização para poder atuar livremente no Brasil. Processo que acompanhou de perto no Rio de Janeiro, sem deixar de colaborar com o *Diário*, passando posteriormente a atuar como advogado.

Analisar a sua trajetória no campo jornalístico e sua inserção no espaço jurídico possibilitará que seja observado como se deu sua ascensão social-profissional enquanto imigrante no contexto social em que estava inserido. Este tema constitui-se na principal problemática que se pretende desenvolver nesta pesquisa. Em outras palavras, a problemática de pesquisa consiste em observar através de um estudo de caso, utilizando uma abordagem de caráter biográfico, como se deu a ascensão de um indivíduo imigrante. Considerando o campo jornalístico e dos operadores do direito como parte de um projeto de ascensão idealizado, de forma consciente e inconsciente, por Maximiano. No decorrer do livro espera-se que fique claro o quanto estes aspectos de sua trajetória permaneceram intrínsecos e colaboraram de forma fundamental para que ele se tornasse um “proeminente imigrante”⁷.

⁷ Esta terminologia foi utilizada por Ana Scott em: SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). Congreso de Historia Económica de Zaragoza. 2000, SESSION: LAS MIGRACIONES A AMERICA, Universidad San Pablo-CEU, Madrid, pp. 1-28, 2001.

Contudo, antes de começar a abordar de forma específica o objeto de análise deste livro, considere relevante explicar minha trajetória de pesquisa e os momentos nos quais ela se cruzou com os propósitos aqui desenvolvidos.

Já se passaram aproximadamente seis anos desde que minha trajetória pessoal cruzou-se com a academia. Ingressei no curso de História Bacharelado na Universidade Federal de Pelotas por influências externas e sem grandes expectativas, nunca havia pensado em de fato trabalhar com pesquisa. No primeiro semestre da graduação estava ocorrendo uma seleção para bolsista das Professoras Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gil. Não sei ao certo o motivo de ter decidido prestar a seleção, provavelmente tenha sido a fila gigantesca de inscrição que me fez perceber que não poderia perder a oportunidade. O fato é que não fui selecionada para a bolsa, mas felizmente fiquei de suplente.

No semestre seguinte eu estava cursando a disciplina de Organização de Arquivos Históricos II. Metade da disciplina consistia em uma experiência prática e eu decidi, em conjunto com a Professora Ana Inez Klein, que estagiar no local de atuação das Professoras Beatriz e Lorena poderia ser conveniente, uma vez que eu havia ficado de suplente na sua última seleção para bolsista. Naquele período, minha intenção era me integrar mais no curso, afinal, eu havia escutado que isso era muito importante.

Iniciei minhas atividades como estagiária no Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH-UFPel). Trabalhei inicialmente com o acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas coordenado pela Professora Lorena. Após alguns meses no NDH-UFPel surgiu uma oportunidade de trabalhar como bolsista de iniciação científica com a Professora Beatriz. Fui indicada pela Professora Lorena para esta atividade no projeto denominado “Traçando o Perfil do Trabalhador Gaúcho” que trata principalmente com o documento de solicitação da Carteira Profissional do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (DRT-RS).

Fui avisada de que a Professora Beatriz logo se aposentaria e que a coordenação do projeto que eu havia recentemente integrado como bolsista seria transferida para o Professor Aristeu Elisandro Machado Lopes. Entramos praticamente juntos no projeto e, sendo assim, iniciamos em conjunto uma pesquisa sobre os empregados gráficos do Rio Grande do Sul entre os anos de 1933 a 1943 no acervo da DRT-RS. Esta pesquisa mais tarde se tornaria meu trabalho de conclusão de curso⁸.

Naquele momento buscamos no acervo da DRT-RS todos os solicitantes da Carteira Profissional que desenvolveram atividades profissionais em indústrias gráficas entre os anos de 1933-1943, foram encontrados 1.095 empregados. Percebendo que o trabalho estava ficando com características muito quantitativas e com o objetivo de abordar o objeto de pesquisa por um viés qualitativo foi utilizado na análise uma abordagem de redução do recorte temático, focando em uma parcela específica dos trabalhadores gráficos do estado no período. Os empregados do jornal *Diário Popular* da cidade de Pelotas que solicitaram a Carteira Profissional na DRT-RS entre os anos de 1939-1942, perfazendo um total de 15 trabalhadores.

Dirigi-me, então, com uma lista de nomes, à Biblioteca Pública Pelotense com o objetivo de tentar encontrar referências sobre esses trabalhadores nas páginas do *Diário Popular* a partir do ano de 1939. Encontrei rapidamente o nome de dois deles: Maximiano Pombo Cirne e Pedro Campos. Ambos figurando no cabeçalho do jornal como diretor e secretário da redação, respectivamente. Infelizmente, até recentemente, não havia encontrado mais informações sobre Pedro Campos. No entanto, por possuir um nome mais peculiar, encontrar referências a Maximiano, inclusive na *internet*, foi mais simples.

Mais tarde fiz uma disciplina de História Oral com a Professora Lorena, e parte da avaliação final consistia em realizar uma entrevista de

⁸ JAQUES, Biane Peverada. **Os Trabalhadores das Letras: Empregados Gráficos do Rio Grande do Sul a partir da DRT-RS (1933-1943)**. Pelotas: UFPel, 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Bacharelado em História, Universidade Federal de Pelotas, 2014, 50p.

história oral. Deveríamos pensar em algum indivíduo que a entrevista pudesse ser útil para a nossa pesquisa de final de curso. Foi quando o nome de Maximiano voltou novamente, no entanto, meu objetivo inicial consistia apenas em realizar uma entrevista para a aprovação na disciplina.

Uma amiga conseguiu encontrar na lista telefônica o contato de uma mulher com o sobrenome Pombo. Fiz a ligação e expliquei que estava procurando familiares de Maximiano Pombo Cirne⁹ para uma pesquisa. Prontamente a senhora com quem falei conseguiu-me o telefone do filho de Maximiano, que também se chama Maximiano¹⁰. Logo no primeiro contato ele se mostrou extremamente interessado e disposto a cooperar com a pesquisa. Realizamos posteriormente uma entrevista de história oral temática sobre a trajetória profissional de Maximiano no *Diário Popular*, e, no decorrer da mesma, foi perceptível o quanto a entrevista seria útil para além da aprovação na disciplina.

Entretanto, foi no final da entrevista, quando os gravadores já haviam sido desligados, que o filho de Maximiano compartilhou comigo a principal informação para a realização desta pesquisa. Que possuía sob sua salvaguarda um “monte de recortes de jornal e documentos velhos” de seu pai. Combinamos um novo encontro para olhar a documentação, consistia em uma sacola que continha o acervo pessoal de Maximiano. Minha proposta inicial incidia em realizar uma reprodução digital, através de fotografias, da documentação. No entanto, ele genuinamente sugeriu que ficasse sob meus cuidados, durante o tempo que eu precisasse, o acervo pessoal de Maximiano, em uma espécie de regime de comodato até que a pesquisa fosse concluída. Percebendo a riqueza do acervo, constatei que seria mais proveitoso não utilizá-lo no trabalho final do curso, mas sim dedicar a essas fontes um projeto de pesquisa de mestrado.

Durante os quase quatro anos em que fui bolsista de iniciação científica no NDH-UFPEl fui incentivada a participar fortemente em atividades

⁹ Procurei por familiares de Maximiano, pois, de acordo com sua data de nascimento, 1910, ele teria, na época, 103 anos.

¹⁰ O nome completo do filho de Maximiano Pombo Cirne é Maximiano Pinheiro Cirne.

de pesquisa com a companhia das colegas e amigas, também bolsistas no NDH-UFPel. Foram essas as influências que acredito terem feito com que eu tomasse gosto pela pesquisa. Mas eu nunca havia pensado em fazer um curso de História, tão pouco de trabalhar com pesquisa, muito menos com biografia. Foram os meios e as pessoas as quais estive envolvida que me direcionaram e, inclusive, as oportunidades (e a falta delas também) junto com as minhas escolhas que moldaram minha trajetória.

Esta, aqui brevemente contada, foi a minha trajetória acadêmica até este momento. Pretendi com ela além de apontar como me envolvi, ou tropecei mesmo, com o objeto de pesquisa deste livro, demonstrar que somos condicionados a diversos fatores externos, os quais fogem constantemente do nosso controle. Sendo assim, almejei demonstrar alguns dos elementos de incerteza que permearam e ainda permeiam a minha trajetória. O meu percurso acadêmico transcorreu entre possibilidades, escolhas, incertezas e de forma alguma esteve dado desde o início. E isto não é diferente com as histórias de vida de outras pessoas, pois ninguém nasce com as escolhas definidas, elas são feitas diariamente de forma tanto consciente quanto inconsciente. É isso o que eu pretendo demonstrar neste livro, através da análise de alguns aspectos da trajetória de Maximiano.

A escolha de trabalhar com a trajetória de Maximiano em detrimento dos outros 14 trabalhadores do *Diário Popular* localizados para o trabalho final de curso da autora não foi aleatória, aliás, as escolhas do pesquisador nunca são. Maximiano passou a preservar a grande maioria de seus registros documentais a partir do ano de 1929 enquanto esteve durante breve período em Portugal¹¹. Constituiu, dessa forma, um *corpus documental* a seu respeito amplo e variado, que, após seu falecimento em 1992, passou a ser salvaguardado por seu filho.

Dessa forma, ressalta-se a importância da preservação das fontes, entre elas, as que compõem arquivos pessoais. A análise de caráter biográfico exige um suporte documental extenso sobre o sujeito para que seja viável

¹¹ Entre 1928 e 1934.

de ser produzida. Foi justamente o intento de constituição e preservação do acervo por Maximiano e, posteriormente por sua família, que possibilitou a realização desta pesquisa.

Como já foi mencionado, os documentos que compõe o acervo pessoal de Maximiano pertencem ao seu filho. Até o momento não haviam sido utilizados como fonte para a historiografia, constituindo-se, então, um acervo de caráter inédito para a pesquisa histórica. Trata-se de um *corpus documental* extremamente rico e variado que em hipótese alguma terá suas possibilidades esgotadas nas páginas que compõe este livro. O que me proponho a realizar, utilizando o acervo como fonte, é apenas umas das diversas possibilidades de pesquisa plausíveis de serem alcançadas.

O arquivo pessoal de Maximiano esteve sob a salvaguarda da autora durante todo o processo da pesquisa. O acervo, apesar de extenso, não possuía uma ordem lógica de organização, o que dificultava o acesso às informações nele contidas. De uma forma geral pode-se afirmar que a documentação encontra-se em bom estado de conservação e compreende principalmente os anos entre 1930 e 1992.

O arquivo pessoal privado de Maximiano foi organizado por mim e de acordo com os seguintes eixos temáticos: correspondência, documentação referente a Associação Comercial de Pelotas, Lions Clube, Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas, política, documentação pessoal e diversos. Além destes eixos temáticos, o fundo documental mais extenso consiste em recortes de jornal. Estes foram organizados priorizando a ordem cronológica em detrimento da temática. Foi feito um catálogo no programa *Excel*, o qual possui como objetivo permitir a visualização instantânea de informações específicas as quais são relacionadas diretamente ao ano de seu acontecimento.

O arquivo é composto principalmente por recortes de jornal com assuntos variados, mas, sempre relacionados de alguma forma com Maximiano. No período em que atuou profissionalmente no *Diário Popular* preservou diversas reportagens de sua autoria. Mais tarde, quando

deixou o *Diário*, continuou colecionando reportagens dos jornais que faziam referência ao seu nome¹². O que possibilitou que, aspectos de sua trajetória profissional permanecessem nas páginas dos jornais¹³ que compõe seu acervo pessoal.

A grande maioria dos recortes são identificados com o nome do periódico e a data, encontram-se também correspondências tanto recebidas quanto cópias das enviadas, normalmente tratando de assuntos profissionais¹⁴. Além de documentação de caráter pessoal¹⁵, tais como, carteira de identidade, CPF, diploma do liceu, certificado de reservista, etc.

Ainda que a documentação do arquivo pessoal de Maximiano tenha sido a mais empregada na constituição desta pesquisa foram também utilizadas outras fontes. Uma entrevista de história oral, realizada com seu filho, permitiu que fossem observadas de forma mais efetiva as relações pessoais de Maximiano. Outros dois acervos que merecem ser mencionados, mesmo que não tenham sido utilizados em larga escala na pesquisa, são: o Memorial da Associação Comercial de Pelotas e o acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas, salvaguardados na Associação Comercial de Pelotas e Núcleo de Documentação História da UFPel, respectivamente.

De acordo com Rejane Penna e Cleusa Graebin¹⁶, as fontes históricas de caráter privado, como é o caso do acervo pessoal de Maximiano, podem ser analisadas em pelo menos três aspectos diferentes.

No primeiro caso, como um instrumento para a construção de redes de relacionamento. No segundo, os documentos dos acervos particulares podem ser analisados quanto ao seu conteúdo. E, por último, ao encontro

¹² Existem referências acerca de: questões diplomáticas, jantares, sobre sua participação na fundação do Lions Clube, sobre o período em que foi gerente do banco português de Pelotas, sobre a visita do embaixador de Portugal a Pelotas, sobre a denominada "caravana da saudade" que visava levar os imigrantes portugueses para visitar sua terra natal, sobre o título de cidadão pelotense que lhe foi outorgado, entre outras referências.

¹³ Tais como: *Diário Popular*, *Diário da Manhã*, *Jornal da Tarde*, *O Jornal de Estarreja*, *A Alvorada*, *O Tempo*, *Voz de Portugal*, entre outros.

¹⁴ Encontram-se muitas mensagens parabenizando-o por seus atos e seus respectivos agradecimentos.

¹⁵ Neste fundo encontram-se também alguns documentos de sua esposa Auzendia.

¹⁶ PENNA, Rejane Silva & GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo Particular Júlio de Castilhos: Cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, UNESP-FCLAS-CEDAP, v. 4, n. 2, p. 55-73, jun. 2009.

das afirmações acima, a documentação de um acervo pessoal pode e deve ser analisada enquanto objeto de caráter privilegiado de investigação histórica. Afinal, na maioria dos casos este tipo de documentação não está disponível para a comunidade de uma forma geral. Neste sentido almeja-se que a análise da documentação pessoal de Maximiano permita apontar pressupostos e hipóteses até então negligenciados pela historiografia.

Levei em consideração que Maximiano possuía uma posição política, social e econômica, privilegiada para atuar em diversas questões da sociedade em que viveu. Sendo assim, busquei enquadrá-lo, nesta pesquisa, enquanto um “proeminente imigrante” e nas atuais concepções sobre as elites na historiografia, a qual busca principalmente problematizar a existência e ação dos sujeitos enquanto agentes sociais¹⁷.

De acordo com Heinz¹⁸, é justamente a imprecisão instrumental do termo “elite” que permite ao pesquisador estudar grupos, ou indivíduos, os quais ocupam posições-chave e que dispõe de poder determinado, tais como influência e privilégios, na sociedade em que atuou. Dessa forma, busquei observar Maximiano enquanto membro de uma elite no sentido em que, ele foi um indivíduo que deteve certo poder que foi definido por seleções sociais e intelectuais da sociedade e período em que viveu e atuou profissionalmente. Sendo assim, torna-se essencial focalizar nas ações e relações sociais e econômicas do sujeito¹⁹. Ainda que, aqui, Maximiano seja entendido como membro de uma elite, é este último aspecto da discussão que será relevante para as propostas deste livro, as suas ações e relações enquanto sujeito histórico.

Cada vez mais o historiador lida com uma sociedade que é altamente documentada, o que contribui para a composição de vastos acervos pessoais, tais como o de Maximiano. Levando em consideração o elevado

¹⁷ HEINZ, Flávio. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

¹⁸ *Id.*

¹⁹ MUGGE, Miquéias. História de elites e micro-história: aproximações metodológicas. In.: MARTINS, Maria Cristina & MOREIRA, Paulo Roberto (Orgs.). **Uma história em escalas**. A microanálise e a historiografia latino-americana. São Leopoldo: Oikos; UNISINOS, 2012, p. 305-322.

número de fontes, as quais foram salvaguardadas inicialmente pelo próprio Maximiano, e posteriormente por sua família, observou-se que uma das opções mais relevantes para analisar a documentação consistiria em uma abordagem de caráter biográfico.

Existe na historiografia uma ampla discussão acerca das diversas formas de se realizar uma biografia. Vavy Pacheco Borges²⁰ afirma que ela poderia ser desde um rápido percurso de vida até um modelo mais ambicioso que consistiria em “um mergulho na alma do biografado”. Outros autores como Alexandre Karsburg²¹ afirmam que existem diferenças entre a análise de caráter biográfico e a trajetória. Neste sentido, ao contrário da biografia que, nesta perspectiva, analisaria toda a história de vida do indivíduo. A “[...] trajetória, por seu turno, não tem por obrigatoriedade abordar toda a vida do sujeito; antes, procura centrar as análises num período determinado²²”.

Neste sentido, entendo que foi válida para a realização desta pesquisa, sem nenhum tipo de prejuízo, a utilização de suportes teórico-metodológicos empregado por autores que trabalham com ambas as tendências. Afinal,

[...] independentemente de se fazer biografia ou trajetória – toda ou parte da vida do sujeito – certos procedimentos devem se repetir: o principal deles é a reconstrução detalhada dos passos do biografado, com o máximo possível de fontes (de preferência fontes de natureza diferente), que devem ser sistematicamente confrontadas²³.

Neste sentido, uma das minhas principais referências para este livro é o trabalho de Benito Bisso Schmidt, o qual se inspira na perspectiva da

²⁰ BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In.: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-234.

²¹ KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-PPGHIS, Rio de Janeiro, 2012.

²² KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método de microanálise na construção de trajetórias. In.: VENDRAME, Maira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp. 32-52, 2015, p. 34.

²³ *Ibid.*

micro-história italiana²⁴ para trabalhar com biografia. Meu trabalho vai ao encontro da perspectiva do autor, quando proponho analisar por um viés biográfico a vida de Maximiano,

Certamente, não falo das biografias tradicionais – narrativas factuais e lineares dos ‘grandes homens’ desde o nascimento até a morte – cujo objetivo principal é o de apresentar o biografado como modelo de conduta a ser seguido: um ‘discurso de virtudes’, nas palavras de Michel de Certeau. Nem nas biografias sensacionalistas – do estilo ‘Os segredos de ...’, ‘A vida íntima de ...’ – destinadas a saciar os apetites voyeuristas dos leitores. Refiro-me, sim, às biografias que, partindo das experiências de um indivíduo, abordam questões mais gerais relacionadas à época na qual o mesmo viveu²⁵.

É preciso ter claro que, um dos principais desafios os quais recaem sobre os historiadores que se propõem a analisar a trajetória de um indivíduo, e enquadro-me entre eles, consiste na aptidão de articulação entre a história-narrativa e a história-problema. Para isso, foi necessário esquivar-se do que Pierre Bourdieu²⁶ denominou de “ilusão biográfica”. Em diversos momentos a recordação criada e montada por Maximiano, de forma consciente e inconsciente, no arquivo, tendia a indicar uma trajetória linear e homogênea e, principalmente, sem dúvidas e questionamentos pessoais.

Neste sentido, a proposta de Luciana Heymann²⁷ referente a pesquisa em arquivos pessoais privados aponta para a necessidade de “desconstrução” das representações destes acervos; os quais expressam uma identidade homogênea, linear e carregada de coerência; por meio do

²⁴ Este procedimento metodológico foi difundido na historiografia através do famoso livro de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes* (GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia de Letras, 1987.). Nele, por meio da reconstituição de fragmentos da vida e do pensamento de Menocchio, o qual foi perseguido pela Inquisição no século XVI, o autor formulou uma interpretação acerca da “circularidade” entre a cultura camponesa e a da elite.

²⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarina, 2004, p. 21.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

²⁷ HEYMANN, Luciana Quillet. *Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso de Filinto Müller*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 10, nº 19, p. 41-66, 1997.

acompanhamento do processo de constituição dos mesmos. No entanto, vale ressaltar que, esta desconstrução não significa qualificá-las enquanto “falsas”, mas, perceber seus condicionamentos e objetivos tanto explícitos quanto implícitos.

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário²⁸.

Neste sentido, é a representação, mais ou menos consciente, que orienta o esforço de apresentação ou produção de si²⁹ encontrada no arquivo pessoal de Maximiano. Afinal existem diversos critérios, conscientes e inconscientes, de acumulação e ordenação feitas pelo titular ao longo dos anos.

Ignorar a complexidade dessa ‘produção’, oriunda de motivações pessoais mas submetida a uma série de interferências de natureza social, é não perceber que estão em jogo, e muitas vezes em disputa, diferentes visões de mundo. Significa tomar como dado o que na realidade é resultado de um longo processo de negociação³⁰.

Sendo assim, no que se refere a análise da documentação pessoal de Maximiano, procurei levar em consideração que,

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 2006, p. 184.

²⁹ *Id.*

³⁰ HEYMANN, Luciana Quillet. *Op. Cit.* 1997, p.52.

que mobiliza. Algo que pode enfeitiçar o leitor/pesquisador pelo sentimento de veracidade que lhe é constitutivo, e em face do qual certas reflexões se impõem. Nesse sentido, o trabalho de crítica exigido por essa documentação não é maior ou menor do que o necessário com qualquer outra, mas precisa levar em conta suas propriedades, para que o exercício de análise seja efetivamente produtivo³¹.

Entendo o arquivo de Maximiano como um “lugar de memória”³², pois os documentos que o compõe são indícios visíveis e palpáveis sobre a vida do sujeito, acondicionados em um local específico de salvaguarda. Quando Maximiano morreu “seus respectivos objetos passaram a operar como vestígios. Esse legado material corrobora vidas e seus feitos vencendo a enfermidade biológica de seus detentores, resultando numa espécie de ‘biografia material’”³³.

Ainda que seja fundamental discutir a relação entre memória e identidade na constituição do arquivo de Maximiano é válido ressaltar que não devemos aceitar a identificação automática entre memória e arquivo pessoal³⁴. Joël Candau³⁵ afirma que, a memória é uma faculdade individual e faz parte de um conjunto de representações coletivas. As percepções essencialistas sobre identidade, as quais afirmam um conjunto cristalino, fixo, perfeitamente unificado e estável têm dado lugar a percepções que focam na diferença, no seu caráter maleável e fragmentado³⁶.

Em diversos momentos, as identidades podem ser inclusive contraditórias entre si³⁷, fato que frequentemente pode ser observado na

³¹ GOMES, Angela de Castro (Org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 15.

³² NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, n° 10, dez/1993, pp. 7-28.

³³ MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Personagens, seus objetos, suas imagens. Arcabouço material como evidência biográfica. **História Social**. vol. 1, n° 24, 2013, pp. 17-29.

³⁴ HEYMANN, Luciana Quillet. *Op. Cit.*1997.

³⁵ CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

³⁶ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, p. 7-72.

³⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

documentação referente a Maximiano. Sendo assim, o processo de identificação tornou-se mais problemático, provisório e até mesmo variável³⁸. Portanto, é possível afirmar que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, permanente e essencial, logo não se deve buscar esta ordem nos arquivos pessoais. Neste sentido, é perfeitamente compreensível que Maximiano assumisse

[...] identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura, e coerente é uma fantasia³⁹.

A relevância social de uma pesquisa acadêmica consiste inclusive em “dar voz” aos sujeitos através da utilização de fontes históricas. A realização, por um viés biográfico, da trajetória de Maximiano, contribuirá para que essa ambição seja alcançada. (Re) Criar uma trajetória através dos elementos constitutivos de uma vida, a de Maximiano Pombo Cirne, incide em apreender uma percepção inovadora acerca das relações sociais em que estava inserido.

Ao voltar-se para o passado, o historiador garimpa evidências materiais para tecer sua narrativa vasculhando dali fatos, exumando personagens, seres habitantes de um passado que se impõe no tempo presente de forma lacunar e imprecisa. Sob o amálgama da análise historiográfica, tece sua trama, conferindo sentido ao mosaico que lhe surge diante dos olhos⁴⁰.

É desse modo que o historiador *constrói* sua trama narrativa, através da simples e preciosa informação histórica. É através do convívio íntimo e

³⁸ *Id.*

³⁹ *Id.* p. 13.

⁴⁰ MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. *Op. Cit.* 2013, p. 18.

prolongado entre biógrafo e as fontes da pesquisa que nasce uma relação bastante curiosa. “Não a que existe entre o romancista e as suas criaturas, porque, por maior que seja a capacidade criativa do romancista, os seus personagens nasceram dele, só podem existir graças a ele, são, por mais que se queira, fictícios⁴¹”.

O impulso meramente narrativo é sem dúvida uma das maiores falhas que o pesquisador pode incidir, principalmente quando se trata da análise da trajetória do sujeito histórico. Para impedir que isso ocorra, a utilização do referencial bibliográfico é de fundamental importância, pois permite inserir a situação narrada em seu contexto histórico. Sendo assim, para o enriquecimento do trabalho a pesquisa se apoiou em uma vasta historiografia sobre as temáticas que colaboram, direta ou indiretamente, com a análise da trajetória de Maximiano.

Em primeiro lugar os estudos sobre imigração portuguesa e imigração de uma forma geral em que estão sendo amplamente utilizadas novas metodologias de análise inspiradas na micro-história, estudos de trajetória e de redes sociais. No entanto, ainda não direcionadas aos estudos de imigração portuguesa, sobretudo no que se refere àquela constituída na cidade de Pelotas. Em segundo lugar, os trabalhos sobre imigração portuguesa em Pelotas, normalmente tratam apenas de grupos ou se propõe a uma análise mais quantitativa da imigração. Por último os estudos sobre imprensa e imprensa em Pelotas, especificamente o *Diário Popular*. Estes tratam acerca deste campo através da sua estrutura sem abordar os sujeitos históricos que fazem parte do processo de sua formação.

O recente livro organizado por Alexandre Karsburg e Máira Vendrame, “Micro-história, trajetórias e imigração”⁴², composto por textos de

⁴¹ ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, Georges; et. al. **História e Nova História**. Lisboa: Teorema, pp. 33-42, 1986, p. 39.

⁴² VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

diversos autores, entre eles Antonio de Rudiggero⁴³, é um dos melhores exemplos sobre como a temática da imigração no Brasil tem sido amplamente discutida. Apontando como o procedimento metodológico da micro-história tem influenciado de forma positiva as pesquisas que tratam desta temática. Sendo assim, o estudo de trajetórias como uma abordagem de análise acerca do processo imigratório tem sido recorrente na historiografia. No entanto, como o panorama geral sobre o tema que ainda é muito restrito às etnias alemãs e italianas, o fenômeno da imigração portuguesa não é abordado.

Os trabalhos que tratam acerca da imigração portuguesa utilizam uma abordagem mais voltada para a análise dos grupos ou do processo de imigração de forma mais quantitativa. A pesquisa de Ana Maria de Moura Nogueira⁴⁴ é uma das poucas centrada na questão da memória da imigração portuguesa. Nela a autora buscou observar como se deu a construção da identidade social dos descendentes de imigrantes através do estudo das trajetórias de algumas famílias portuguesas, as quais eram ligadas a espaços de memória em Niterói entre 1900 e 1950, utilizando como fonte, principalmente, entrevistas de história oral. Ainda que a autora tenha trabalhado com a questão da memória e identidade portuguesa, esta pesquisa se difere no sentido em que se propõe analisar o processo de ascensão social profissional de um imigrante específico.

Já o trabalho de Ana Sílvia Volpi Scott⁴⁵ é uma importante reflexão sobre as problemáticas da imigração portuguesa no Brasil desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX. A autora realiza em um primeiro momento uma abordagem geral acerca da entrada dos imigrantes estrangeiros no país, entre eles os de origem portuguesa, no segundo momento, privilegia na análise os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro como

⁴³ DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: Perspectivas de pesquisa. In.: VENDRAME, Maira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp.162-181, 2015 B.

⁴⁴ NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. **Como Nossos Pais: uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1998, 157p.

⁴⁵ SCOTT, Ana Sílvia Volpi. *Op. Cit.* pp. 1-28, 2001.

sendo os grandes centros acolhedores de imigrantes. Dessa forma, não aborda especificadamente o estado do Rio Grande do Sul, que compreende também a cidade de Pelotas, que era um importante receptáculo imigrante.

No que se refere à temática da imigração portuguesa em Pelotas é ainda mais esparsa. Os trabalhos existentes, como o de Marcos Hallal Anjos⁴⁶ e Mário Osório Magalhães⁴⁷, focam apenas na história da cidade tratando a imigração de uma forma geral, sem atenção especial à portuguesa, e apenas como parte do processo de modernização das práticas socioeconômicas da cidade. O que existe em específico sobre o tema é um breve verbete sobre portugueses na obra “Dicionário de história de Pelotas”⁴⁸. Neste sentido, ao encontro das obras citadas e de forma diversa esta pesquisa trata acerca da imigração portuguesa na cidade através da perspectiva de ascensão social de um imigrante.

Em relação à imprensa o livro de Francisco Rüdiger⁴⁹ “Tendências do jornalismo” é a maior referência no que se refere ao Rio Grande do Sul. Nele o autor constitui um esboço histórico acerca do processo de desenvolvimento do jornalismo no estado, diferenciando da concepção de imprensa. No entanto, apesar de deixar claro a importância dos sujeitos históricos neste processo não os aborda. Sendo assim, este livro integra a discussão acerca do jornalismo no estado de uma forma inovadora.

No que se refere à imprensa pelotense o trabalho de Beatriz Ana Loner⁵⁰ acerca dos jornais diários da cidade na República Velha contribui para esta pesquisa no sentido em que aponta, ainda que de forma geral, os principais jornais em um contexto histórico-político específico. Porém, não aborda nenhum deles de forma específica, nem mesmo o *Diário Popular*,

⁴⁶ ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas: Gráfica Universitária - UFPel, 2000.

⁴⁷ MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro**. Pelotas: UFPel, 1993.

⁴⁸ MAGALHÃES, Mário Osório. Portugueses. In.: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: UFPel, pp. 201-202, 2010.

⁴⁹ RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.

⁵⁰ LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. **Ecoss Revista**, EDUCAT - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, pp. 5-34, abril de 1998.

um dos jornais de maior influência na cidade e até hoje em circulação. Dessa forma, é a dissertação de Rosendo Caetano⁵¹ intitulada “O nazi-fascismo nas páginas do *Diário Popular*” o único trabalho de fôlego que trata acerca do jornal. Nela o autor além de realizar uma análise sobre o nazi-fascismo nas páginas do *Diário Popular*, delineia um histórico acerca do jornal. Constituindo-se dessa forma na principal referência sobre o *Diário* inclusive para essa pesquisa.

A pesquisa utilizará como base os autores citados, entre outros, para constituir, ampliar e aprofundar a análise do objeto de pesquisa deste livro. Sendo assim, este trabalho propõe uma análise histórica que exceda os limites impostos pelas das biografias tradicionais.

Este livro possui três capítulos, que tratarão os anos iniciais de Maximiano, e do período de emigração (1922). Depois, o começo de suas atividades profissionais no *Diário Popular* em 1934 até sua formação em Direito no ano de 1940. Por último, sua atuação enquanto advogado no Rio de Janeiro e em Pelotas até 1949.

O primeiro capítulo trata acerca dos anos iniciais de Maximiano e da sua emigração. Apontando tanto os aspectos e o contexto da partida de Portugal bem como da chegada ao Brasil. Elencando os motivos pelos quais a família de Maximiano pode ter desembarcado em Pelotas no Rio Grande do Sul. Observando ainda como se deu o processo de adaptação da família e principalmente de Maximiano a região. Ainda no primeiro capítulo, e relacionado com o contexto de adaptação, aponta-se o início de suas atividades profissionais no jornal *Diário Popular* de Pelotas. A parte final do capítulo tratará do seu retorno a Portugal e finalmente do recomeço do curso de Bacharel em Direito em Pelotas.

O segundo capítulo tratará acerca da trajetória de Maximiano enquanto jornalista. Serão discutidas as suas primeiras atividades

⁵¹ CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do *Diário Popular***: Pelotas, 1923-1939. Pelotas: UFPel, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2014, 248p.

profissionais do *Diário Popular*. Abordando o período em que atuou voluntariamente no jornal e apontando como pode ter se dado seu crescimento profissional. Posteriormente, será discutido o período em que o *Diário Popular* passou por uma grave crise financeira bem como será apontado o processo de fechamento do jornal pelo governo Vargas. A parte final do capítulo tratará acerca do começo das atividades profissionais de Maximiano na Associação Comercial de Pelotas, sua participação na reabertura do jornal encerrando com sua atuação enquanto gerente do *Diário Popular*.

O terceiro e último capítulo tratará acerca da alteração profissional de Maximiano de jornalista para advogado. Será retomada a discussão sobre sua formação de Bacharel em Direito e a formatura no curso. Neste capítulo será abordada tanto a solicitação de naturalização feita por Maximiano, quanto como se deu esse processo. Abordando a sua última fase de atuação direta no *Diário Popular*. Tratará sobre a sua saída “oficial” do *Diário Popular* e a mudança para o Rio de Janeiro no contexto da Segunda Guerra Mundial. Encerrando o capítulo se abordará brevemente sua atuação enquanto advogado no Rio de Janeiro e em Pelotas até o ano de 1949.

Capítulo I

Os anos iniciais

Breve histórico acerca da trajetória de Maximiano

O objetivo principal deste livro é abordar apenas dois aspectos da trajetória profissional de Maximiano, ou seja, sua atuação enquanto jornalista e advogado. No entanto, julgou-se relevante realizar um breve histórico acerca de sua vida, apontando alguns dos outros vieses profissionais de sua trajetória, entre eles, sua atuação como vereador, benfeitor, vice-cônsul, entre outros.

No ano de 1910 nascia no distrito de Aveiro, em Portugal, Maximiano Pombo Cirne. Pouco mais de uma década depois acompanhado de sua mãe, Maria José e a chamado de seu pai, Manuel, Maximiano desembarcava no Brasil. Tão logo chegou a Pelotas tomou contato com o jornal da cidade *Diário Popular*, do qual, desde então, se tornou um assíduo leitor. Em 1934, depois de um período em Portugal e de volta a Pelotas, iniciou sua atividade profissional com pequenas colaborações voluntárias no jornal. Maximiano Cirne possuiu, até seu falecimento em 1992, uma estreita ligação com o *Diário*. Fato que pode ser observado pelas inúmeras referências feitas a ele pelo jornal.

Em 1937, após eclodir uma grave crise financeira no *Diário Popular* que acabou sendo suspenso pelo Governo Vargas¹, Maximiano passou a trabalhar na Associação Comercial de Pelotas até se tornar diretor geral

¹ O *Diário Popular* foi suspenso em 1937 pelo Governo Vargas por ser um órgão do Partido Republicano. Ver sobre a Era Vargas: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

em 1938². Na ocasião em que retornou a Portugal iniciou, durante um breve período na Universidade de Coimbra, a faculdade de Direito. No entanto, foi em 1935, já em Pelotas que iniciou sua formação acadêmica enquanto Bacharel em Direito concluída no ano de 1940 na Faculdade de Direito de Pelotas.

Depois de mudar-se para o Rio de Janeiro, a fim de acompanhar o processo de naturalização por ele instaurado, começou a atuar como advogado em causas trabalhistas, atuando como advogado de empresas. Quando retornou a Pelotas passou a consultor jurídico da Associação dos Proprietários de Imóveis da cidade. Mais adiante, em 1951, iniciou sua carreira política candidatando-se pela primeira vez a vereador na cidade de Pelotas. Em 1956 tornou-se vice-cônsul de Portugal na região sul do estado até pelo menos a metade da década de 1980. Ainda neste período contribuiu para a fundação do Lions Clube de Pelotas, foi gerente do banco português da cidade e atuou de forma efetiva nas questões relacionadas à Sociedade de Beneficência Portuguesa³.

Durante toda a sua vida Maximiano esteve inserido em um contexto específico o qual possibilitou que conhecesse e se relacionasse com diversos indivíduos, cunhando uma rede de sociabilidade complexa. Esse foi apenas um esboço⁴ acerca da vida de Maximiano Pombo Cirne, apontando os aspectos de sua trajetória.

Dessa forma, pretende-se apontar, ainda que de forma sucinta, que este trabalho não almeja analisar toda a vida de Maximiano. Nas páginas que compõe este livro, com exceção dos anos iniciais de sua trajetória, serão abordadas apenas as primeiras décadas de atuação profissional de Maximiano, que compreendem aproximadamente o período de 1934 a 1950, enfocando dois aspectos profissionais: o jornalismo e a advocacia.

² De fato, em 1938 depois de se tornar diretor geral da Associação Comercial, Maximiano teve Condições para propor a compra do jornal pela Associação. O negócio foi concretizado em algumas semanas, passando Maximiano a ocupar o cargo de gerente do *Diário Popular*.

³ Fundada em 1859 e, ainda hoje, um dos principais hospitais de Pelotas e região sul do estado.

⁴ Todas as informações citadas referentes a Maximiano foram retiradas do *corpus documental* de seu arquivo pessoal.

Com o objetivo de observar como se deu o modo de ascensão social-profissional utilizado por ele enquanto imigrante.

Ainda é válido ressaltar que, posteriormente ao período cronológico aqui analisado, ele continuou atuando de forma ativa na sociedade a que pertencia. Sua ação enquanto vereador e Vice-Cônsul, por exemplo, não deve ser minimizada, pelo contrário, ainda carece de pesquisa e análise. Pois pode permitir a observação e compreensão das relações entre Brasil e Portugal, muitas das quais foram mediadas por ele.

As origens em Portugal e o processo emigratório

É sempre grato, aquém já passou a casa dos 70, recordar os momentos mais marcantes de sua vida.

Não digo isto por considerar-me velho. É que, com o passar dos anos sente-se necessidade de mostrar o que fomos e fizemos, desinteressadamente, apenas acalentados por um ideal⁵.

Era o ano de 1980, em uma edição comemorativa pelos noventa anos do *Diário Popular*, Maximiano havia sido convidado para escrever um artigo contando sobre sua passagem pelo jornal. Observa-se o tom nostálgico de todo o texto, de quem “recorda” pela “necessidade de mostrar o que fomos e fizemos”. Afinal, como coloca Candau, o “[...] indivíduo sabe que, uma vez que a profundidade de sua própria memória não vai além de duas ou três gerações ele mesmo será totalmente esquecido algum tempo após sua morte”⁶. Dessa forma, “recorda”, não de forma “desinteressada” como afirma, mas de fato “acalentado por um ideal”. O que, naquele momento consistia em apontar, como se deu sua ascensão, de forma próspera, em diversos aspectos de sua vida.

Ao mesmo tempo em que afirma não considerar-se velho por recordar, “já na casa dos 70”, os momentos, ditos como, “mais marcantes de

⁵ Minha passagem pelo “Diário Popular”. *Diário Popular*. Pelotas. n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, pp. 2 e 3, 2° cad. p.2.

⁶ CANDAU, Joël. *Op. Cit.* 2011, p. 139.

sua vida”, aponta em tom despreocupado pouco mais adiante no texto: “*Como passa depressa o tempo... Estou a ficar velho...*”⁷.

De fato, em 1980, já faziam 58 anos desde que Maximiano emigrara aos 12 anos de Portugal para o Brasil. Ele não foi o único, em 1922, emigraram de Portugal para o Brasil 28.622 pessoas⁸.

O processo emigratório em Portugal para a colônia do Brasil⁹, constante desde o século XVI¹⁰, pode ser visto como resultado do baixo nível econômico e social da população, que, por sua vez é o efeito de um crescimento econômico lento devido a fraca industrialização¹¹ e o predomínio das atividades agrárias no país na virada do século XIX. Eram as remessas de dinheiro dos emigrados para o Brasil no início do século XX que davam suporte financeiro ao Estado português¹². Neste sentido, a emigração diminuía, inclusive, o desemprego enquanto problema social e servia como válvula de escape para a tensão do incipiente movimento sindical operário e camponês de Portugal¹³.

De 1815 a 1911 a população portuguesa duplicara (passando de cerca de 2.928.420 para 5.547.708 habitantes¹⁴).

Paralelamente a este crescimento houve uma considerável melhora nas condições gerais de vida em Portugal cujos indicadores são o crescimento urbano,

⁷ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas. n.º 70, 15 e 16 de novembro de 1980, pp. 2 e 3, 2.º cad. p.2.

⁸ SIMÕES, Nuno. **O Brasil e a emigração portuguesa**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.

⁹ Para saber mais sobre o processo de colonização inicial portuguesa no Brasil ver: JOHNSON, Harold. A colonização portuguesa do Brasil, 1500-1580. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. São Paulo: FUNAG/EDUSP, v.1, p.241-281, 2004.

¹⁰ Sobre este processo ver: PEREIRA, Mirian Halpem. **A política portuguesa de emigração (1850-1930)**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

¹¹ REIS, Jaime. A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870, 1913. **Análise Social**, Lisboa, v. XXIII (96), pp. 207-227, 1987.

¹² PEREIRA, Mirian Halpem. *Op. Cit.* 1981.

¹³ *Id.*

¹⁴ NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. **Como Nossos Pais: uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1998, 157p, p.22.

a construção de estradas de ferro e a formação de centros industriais. No entanto esse crescimento não foi suficiente para permitir que se absorvesse o excedente de população. O país continuava pobre¹⁵.

No entanto, mesmo com algumas restrições implantadas pelo governo brasileiro nas primeiras décadas do século XX, o grande movimento emigratório para o Brasil permanece até 1930¹⁶. De acordo com Ana Nogueira¹⁷, no final do século XIX e início do século XX a maior parte dos imigrantes lusos era do sexo masculino, adultos, agricultores e vinham sozinhos. Tais condições caracterizam, inclusive, Manoel, pai de Maximiano.

Primeiro quem veio para o Brasil foi o meu avô [pai de Maximiano, Manoel], motivado pela Primeira Guerra mundial, pouco trabalho, lá [...] a família se dedicava [...] na primavera e verão à agricultura e no inverno a pesca. Não tinha emprego, ele veio para o Brasil tentar ficar rico vamos dizer assim, que eles achavam na época¹⁸.

O período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX foi palco de uma maciça entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil¹⁹, entre eles os de origem portuguesa. No entanto, existem poucos estudos sobre a temática atualmente. “O estudo dos imigrantes portugueses deve procurar fontes que permitam recuperar a trajetória destes indivíduos, que de outra forma estarão diluídos na população brasileira em geral”²⁰. É o caso do acervo privado de Maximiano, não fosse esta documentação seria provavelmente impraticável a pretensão de se realizar a análise de sua trajetória como imigrante português.

O estudo de trajetórias individuais ou de grupos, enquanto perspectiva metodológica garante a constituição de um cenário social de práticas e

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ PEREIRA, Mirian Halpem. *Op. Cit.* 1981.

¹⁷ NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. *Op. Cit.* 1998.

¹⁸ CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

¹⁹ Sobretudo aqueles de origem Alemã e Italiana.

²⁰ SCOTT, Ana Sílvia Volpi. *Op. Cit.*, 2001, p.4.

compreensões possíveis. É, portanto, essa realidade de caminhos diferentes, escolhas e ideias opostas e partilhadas que temos que recuperar em nossas análises sobre a imigração para o Brasil²¹.

O processo emigratório constitui-se enquanto uma longa viagem há sempre uma partida, um trânsito e por fim, uma chegada²². O que poderia ser “[...] definido como um simples deslocamento no espaço, influencia indivíduos, configura grupos sociais e modifica estruturas”²³. Neste mesmo sentido, Antonio de Ruggiero afirma que a imigração representa um trauma, “um momento de ruptura fortíssimo dentro da identidade familiar. É como se a partir de uma nova vida em um país estrangeiro, se rompessem em parte os laços com o passado e se formassem novas raízes familiares [...]”²⁴

A emigração para o Brasil representava uma importante estratégia familiar e de reprodução social²⁵. “A variabilidade das escolhas e das trajetórias migratórias – individuais ou coletivas – permitem acessar uma determinada realidade social e cultural, apontando para um contexto de infinitas outras possibilidades”²⁶. No processo de transferência os emigrantes passam a ser encarados como atores sociais, protagonistas da sua própria história, que muitas vezes buscam se apoiar em amplas redes de relações para adquirir informações seguras referente às possibilidades de trabalho e outras vantagens no além-mar²⁷.

²¹ VENDRAME, Máira Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias: algumas reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In.: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp. 200-223, 2015, p. 220-221.

²² CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar (1889-1930). In.: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Orgs.). **Coleção Geral do Rio Grande do Sul - República Velha (1989-1930)**. Passo Fundo: 2007, pp. 395-418.

²³ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Op. Cit.* 2007, p. 395.

²⁴ DE RUGGIERO, Antonio. O laboratório de história oral da PUCRS e algumas reflexões sobre a utilização da oralidade para estudos migratórios. **Confluências Culturais**. V. 4, N° 2, pp. 114-122, set. 2015A, p. 118.

²⁵ SCOTT, Ana Silvia Volpi. **Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (séculos XVIII e XIX)**. Vol.6. Coleção de Monografias, Guimarães: NESP/Instituto de Ciências Sociais-Universidade do Minho, 1999.

²⁶ VENDRAME, Máira Ines. *Op. Cit.* 2015, p. 204.

²⁷ *Id.*

Todo o processo de transferência dos emigrantes, por mais singulares que sejam, permitem observar algumas lógicas de percepção e funcionamento do grupo social. Existem estratégias que são colocadas em funcionamento no processo emigratório. Cada família, de acordo com suas características e recursos disponíveis, elaborava suas escolhas de deslocamento através de contatos interpessoais. Neste sentido, o reencontro familiar “[...] pode ser definido como uma ‘busca obsessiva de identidade’ e se apresenta com mais força quanto mais as pessoas experimentam o sentimento de se distanciarem de suas raízes”²⁸.

A referência a origem é sempre uma invariante cultural, assim como em todo ato de memória, esta referência as origens se faz através de escolhas e seleções²⁹. Infelizmente não foram salvaguardadas documentações referentes ao período de transferência de Maximiano e sua família para o Brasil. No entanto, através de informações sutilmente encontradas no arquivo dele e principalmente na entrevista de História Oral com seu filho observou-se que, inicialmente, foi o pai de Maximiano quem emigrou, chamando posteriormente a esposa e filho.

*Ele veio para cá [Manoel], colocou um armazém [...] daí ele chamou o filho [Maximiano] que tinha na época dez anos aproximadamente. Veio para trabalhar com o pai [...]*³⁰.

Segundo Herbert Klein, a política de imigração brasileira variou muito ao longo dos séculos XIX e XX e pode ser dividida em três modelos básicos de atuação³¹. Em um primeiro momento, até a primeira metade do século XIX, devido à entrada praticamente ilimitada da mão de obra escrava africana, o governo do Brasil Imperial expressava um interesse moderado na promoção da imigração.

²⁸ CANDAU, Joël. *Op. Cit.* 2011, p. 137.

²⁹ *Id.*

³⁰ CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas,-RS, 2013.

³¹ KLEIN, Herbert. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1994.

Em um segundo momento, a partir da metade do século XIX, com a perspectiva do fechamento do tráfico negreiro no Atlântico, o governo imperial passou a considerar a possibilidade de utilização de mão de obra do imigrante europeu nas plantações de café. O terceiro modelo, o qual de fato nos interessa para critério desta pesquisa, inicia no final do século XIX, com a Abolição da escravatura, onde a imigração passou a ser subsidiada para a nova demanda de trabalhadores livres. No entanto, não existem registros de que a imigração de Maximiano e sua família tenham sido ou não subsidiadas pelo governo brasileiro. Porém, devido à política de subsídio do governo, deduz-se que não, pois até onde se sabe, nenhum deles trabalhou inserido na nova demanda de trabalhadores livres, que consistia em mão de obra para o campo.

A cultura portuguesa no Brasil não pode ser compreendida separadamente da questão imigratória. “De fato foram praticamente cinco séculos de presença portuguesa, primeiro como colonizadores, depois como ‘assimilados’ e finalmente como imigrantes, construindo uma ‘tradição’ cultural vinculada aos grupos de portugueses que se estabeleceram na nova terra”³². Neste sentido, o imigrante representaria a modernidade.

Ana Nogueira³³ afirma, em relação a uma parcela significativa dos imigrantes portugueses que foram para Niterói nas primeiras décadas do século XX, o mesmo que foi constatado em relação a Maximiano no Rio Grande do Sul no mesmo período. Adaptavam-se construindo uma identidade burguesa e tipicamente urbana, através de seu trabalho e dos espaços beneficentes e culturais típicos da comunidade imigrante portuguesa. A família de Maximiano pode ter se dirigido ao Rio Grande do Sul pelos “[...] fatores de atração resultantes da implementação de políticas imigratórias nos primeiros tempos republicanos, expressas em atos legislativos relacionados à imigração e a colonização”³⁴.

³² NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. *Op. Cit.* 1998, p.18.

³³ *Id.*

³⁴ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Op. Cit.* 2007, p. 400.

A chegada ao Brasil

Manoel havia chegado ao Brasil alguns anos antes³⁵, em decorrência da Primeira Guerra Mundial quando Maximiano desembarcou no porto da cidade de Rio Grande-RS no dia 2 de fevereiro de 1922. Toda a década de 1920 pode ser considerada como um período de grande efervescência na sociedade brasileira. O sistema oligárquico apresentava sinais de enfraquecimento e a eclosão de graves conflitos no seu interior evidenciava este esgotamento. O país passava por uma fase de transição, cujas rupturas mais drásticas seriam concretizadas mais tarde com o movimento de 1930³⁶.

Além da chegada de Maximiano no Brasil, o ano de 1922 aglutinou uma sucessão de eventos que alteraram de forma significativa tanto o panorama político quanto cultural brasileiro. As comemorações do Centenário da Independência, por exemplo, introduziram o rádio e impulsionaram a atividade de documentários e produção de obras de ficção no Brasil, demonstrando, dessa forma, um processo de modernização brasileira que entrava em voga³⁷.

A Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista, o movimento tenentista, a criação do Centro Dom Vital, a comemoração do centenário da Independência e a própria sucessão presidencial de 1922 foram indicadores importantes dos novos ventos que sopravam, colocando em questão os padrões culturais e políticos da Primeira República³⁸.

³⁵ Não se sabe ao certo o ano da imigração de Manoel para o Brasil.

³⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Sumara Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 387-416, 2011.

³⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 334.

³⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Sumara Conde Sá. *Op. Cit.* 2011, p. 389.

Naquele momento Maximiano passava a entrar em contato com uma sociedade diferente da que estava acostumado. Em relação à iluminação elétrica, por exemplo:

*[...] coisa nova para mim, que procedia de pequenina aldeia portuguesa da Beira Litoral, da região marinha de Aveiro, onde as dependências da casa em que nascera eram iluminadas pela candeia de azeite*³⁹.

É importante destacar que a década de 1920 foi marcada, do ponto de vista econômico, por altos e baixos. Depois de passados os primeiros momentos de dificuldades, o Brasil passou por um processo de crescimento expressivo, que se manteve até a crise de 1929. A economia brasileira passava por um momento de complexificação através da diversificação da agricultura, a expansão de empresas já existentes, um maior desenvolvimento das atividades industriais e o surgimento de novos estabelecimentos ligados a indústria de base⁴⁰.

Durante as décadas de 1920 a 1940 ocorre um processo de nacionalização da cultura. A modernização das populações urbanas contou também com a organização de esportes, o que foi fundamental para socializar e integrar a vida na cidade com a população imigrante⁴¹.

Quando Manoel emigrou para o Brasil, como inúmeros outros imigrantes, tinha como objetivo se estabelecer e se fixar, para depois, receber a família. Neste sentido, os imigrantes recém chegados possuem o processo de adaptação facilitado⁴². No caso de Maximiano, quando chegou ao Brasil, no porto de Rio Grande, dirigiu-se imediatamente à Pelotas, onde seu pai já havia fixado residência e aberto um pequeno comércio de alimentos. Pode-se afirmar, portanto, que, diversas das dificuldades iniciais passadas pelos imigrantes que partem desamparados, talvez vivenciada

³⁹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

⁴⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Sumara Conde Sá. *Op. Cit.* 2011.

⁴¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.* 2011.

⁴² CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Op. Cit.* 2007.

por Manoel, não coincidem com a situação lidada por Maximiano em sua chegada ao Brasil.

Devido à circunstância de partida e chegada ao país, sem grandes dificuldades, Maximiano teve a oportunidade de encontrar no Brasil,

[...] uma terra hospitaleira, desta linda e florescente cidade de Pelotas, admirada por todo Rio-Grandense que se presa [sic]⁴³.

Podem ter sido vários os motivos pelos quais Manoel escolheu a cidade de Pelotas no extremo sul do Brasil para viver. No entanto, é válido ressaltar que os primeiros povoadores da cidade eram de origem portuguesa. Estabeleceram-se na região devido a invasão espanhola à Colônia do Sacramento em 1762 e a Vila do Rio Grande de São Pedro em 1763⁴⁴. Foi a partir da segunda metade do século XIX que se ampliou o fluxo migratório e em 1899 o censo populacional de Pelotas revelava que 18,46% da população eram de imigrantes e destes, 43,6% de origem portuguesa⁴⁵.

Presente na cidade, o elemento estrangeiro participou do processo [de modernização] na medida em que trouxe consigo novas ideias e práticas sócio-econômicas, transformando a cidade de características predominantemente luso-brasileira em uma cidade cosmopolita, resultado de intenso intercâmbio cultural onde diferentes e diversos grupos sociais entravam em contato inelutavelmente⁴⁶.

Mário Osório Magalhães⁴⁷ aponta que os últimos anos do Império brasileiro foi o período de apogeu da cidade de Pelotas. “Esse centro urbano também apresentava uma sociedade cosmopolita, como a capital do

⁴³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Adeus!. **Recorte de Jornal**. A Luz. Pelotas, 23 de março de 1929.

⁴⁴ MAGALHÃES, Mário Osório. Portugueses. In.: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório. **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: UFPel, pp. 201-202, 2010.

⁴⁵ *Id.*

⁴⁶ ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Gráfica Universitária - UFPel, 2000, p.24.

⁴⁷ MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro**. Pelotas: UFPel, 1993, p. 24.

estado⁴⁸.” Possuía condições econômicas, urbanas, sociais em desenvolvimento, principalmente devido a indústria do charque, que havia sido estabelecida na cidade no final do século XVIII. Outro fator relevante era o porto da cidade que a interligava com Uruguai, Estados Unidos e Europa⁴⁹.

A cidade de Pelotas, um dos principais centros urbanos da Província de São Pedro, recebeu excepcional impulso em direção a um processo de modernização no último quartel do século XIX. Melhoramentos em infra-estrutura (iluminação, transporte, água e esgoto), aformoseamento de largos e ruas, e novos padrões de linguagem em arquitetura e comportamento comprovam a afirmação. Tal transformação fez de Pelotas uma cidade capaz de atrair elementos estrangeiros desejosos de satisfazer as mais variadas ambições pessoais⁵⁰.

Ao passo em que a maior parte dos imigrantes de outras nacionalidades dirigia-se, no caso de São Paulo, por exemplo, para as fazendas de café o imigrante luso, na maioria das vezes, optava por dedicar-se a outras atividades. O comércio era a principal delas⁵¹ e, portanto, a instalação em meio urbano era frequente. Antonio de Ruggiero verificou, em relação à região fronteira do Rio Grande do Sul, uma presença européia atraída principalmente por relações comerciais privilegiadas por se encontrarem em região de fronteira⁵². Sendo assim, Pelotas possuía um forte processo de imigração espontânea no meio urbano durante a metade do século XIX⁵³. Esse processo pode ser verificado ainda no início do século XX através da imigração de Emanuel.

⁴⁸DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: Perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp.162-181, 2015B, p. 177.

⁴⁹ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Op Cit.*, 2000.

⁵⁰ *Id.* p. 23.

⁵¹ SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Op. Cit.* 2001.

⁵² DE RUGGIERO, Antonio. *Op Cit.* 2015B.

⁵³ *Id.*

Ele [Manoel] veio para cá colocou um armazém na, hoje é Santos Dumont, esquina Voluntários, armazém Cristal. Dizem que era um armazém muito forte, armazém de secos e molhados [...]»⁵⁴.

Como já foi mencionado, Manoel depois de emigrar para o Brasil, montou um mercado e passou a se dedicar então as atividades comerciais. No entanto, não existem menções na documentação de que a família tenha sofrido algum tipo de “estigma de usurpador”, de fato, não consta nenhum tipo de informação acerca da sua recepção na cidade. Todas as alusões aos anos iniciais da família no Brasil são claramente saudosistas e referem-se a um “país que aprenderam a amar”. Expressando a felicidade e contentamento por estarem na “Princesa do Sul⁵⁵” do além-mar. No entanto, sabe-se que as situações de preconceito eram frequentes entre os imigrantes, eram comumente estigmatizados,

[...] como usurpadores de espaço no limitado mercado de trabalho do início do século [XX], esses imigrantes foram muitas vezes vistos como inimigos dos interesses do país, porque só teriam ganância de explorar, através do comércio de gêneros alimentícios, de botequins ou do setor imobiliário, demonstrando pouco interesse em trabalhar na terra, produzir, queixa tão comum entre os lusófonos do início do século⁵⁶.

Deduz-se, portanto, que de forma consciente ou mesmo inconsciente as referências a isto não tenham sido exaltadas, inclusive no arquivo privado de Maximiano. Afinal, a memória pressupõe escolhas e um processo constante de seleção. Neste sentido, o esquecimento é fundamental para a criação da identidade do sujeito.

A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ela pode ser o

⁵⁴ CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

⁵⁵ Epíteto de Pelotas, para saber mais ver: MAGALHÃES, Mário Osório. *Op. Cit.* 1993.

⁵⁶ NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. *Op. Cit.* 1998, p.20.

êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou membros de um grupo fazem de si próprio⁵⁷.

Atualmente existe um relativo consenso entre os pesquisadores em admitir que a memória e a identidade são construções sociais que acontecem em uma relação dialógica com o *outro*⁵⁸, marcada pela diferença⁵⁹. “A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética de que da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente uma na outra para produzir uma trajetória de vida [...]”⁶⁰. É ainda,

[...] a base da construção da autoimagem, isto é, de uma identidade, e por isso memória e identidade são inseparáveis. Agora, a identidade de cada indivíduo se forma através de um processo de relacionamento com o passado, com os antecessores e, sobretudo, no caso da imigração, com a experiência familiar dos pioneiros que chegaram⁶¹.

Dessa forma, se percebe que, a memória é construída e atualizada de forma contínua e esta sempre ligada a identidade.

As identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de ‘traços culturais’ – vinculações primordiais – mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sócio situacionais – situações, contexto, circunstâncias – de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitárias ou étnicas. Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros ou provisória ou definitivamente descartados⁶².

⁵⁷ CANDAU, Joël. *Op. Cit.* 2011, p. 127.

⁵⁸ *Id.*

⁵⁹ WOODWARD, Kathryn. *Op. Cit.* 2014.

⁶⁰ CANDAU, Joël. *Op. Cit.* 2011, p. 16.

⁶¹ DE RUGGIERO, Antonio. *Op Cit.*, 2015A, p. 118.

⁶² CANDAU, Joël. *Op. Cit.* 2011, p. 27

A perda de memória acarreta em uma perda de identidade, o ser humano constrói sua identidade no decorrer do tempo. Entendendo o arquivo de Maximiano como um “lugar de memória”, ele passa a organizar uma imagem satisfatória de si. Os documentos guardados seriam lembranças, que, “no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel a coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida”⁶³. Maximiano não guardou a fiel lembrança do acontecimento, pois ela é algo distinto do acontecimento passado, é uma imagem que age sobre o acontecimento⁶⁴.

Ana Scott apresenta alguns dos mecanismos de inserção na sociedade brasileira⁶⁵ utilizado pelos recém chegados lusos no século XIX, os quais os diferenciavam dos demais imigrantes. Um dos principais fatores que lhes conferia certa autonomia e vantagem, se comparado com os demais, consiste no fato de dominarem a língua do país de acolhimento.

Neste sentido a identidade cultural e linguística favoreceu sem dúvida o imigrante português, principalmente o que vinha por conta própria, do qual a burocracia imperial exigia características étnicas e culturais compatíveis com a ideologia civilizatória do embranquecimento⁶⁶.

O outro fator que deve ser levado em consideração é a existência de uma rede informal de solidariedade e amizade compartilhada entre eles. A imigração lusa no Brasil tradicionalmente é relacionada às atividades de benemerência e assistencialismo⁶⁷. “Se por um lado, o abandono a terra natal representava a ruptura de alguns vínculos sociais, por outro, ela era a condição que permitia a renovação ou criação de laços com conterrâneos”⁶⁸. Estas entidades surgem justamente devido a situação de pobreza

⁶³ *Id.*, p. 65.

⁶⁴ *Id.*

⁶⁵ SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Op. Cit.* 2001.

⁶⁶ NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. *Op. Cit.* 1998, p. 21.

⁶⁷ CHAVES, Larissa Patron. *Op. Cit.* 2008.

⁶⁸ VENDRAME, Máira Ines. *Op. Cit.* 2015, p. 207.

e desamparo de inúmeros imigrantes, as quais ainda hoje estão espalhadas por inúmeras cidades brasileiras⁶⁹.

Dessa forma, muitos dos denominados “proeminentes imigrantes”, perspectiva a qual se pode encaixar Maximiano, “[...] vão ter seus nomes ligados a estes pólos institucionais onde reuniam-se para manter as tradições e as identidades típicas de sua terra”⁷⁰.

[...] enriquecidos que, às expensas de seus bens, praticavam atos de benemerência e assistência aos que representavam o avesso da imigração bem conseguida, trazendo à luz o lado mais sombrio e triste daqueles que tiveram seus sonhos de riqueza frustrados, e que muitas vezes por vergonha, tentavam esconder esta situação de fracasso e miséria de familiares, amigos e conterrâneos⁷¹.

De acordo com Ana Scott⁷² se as associações de beneficência se proliferaram este é um sinal inequívoco de que a maioria dos imigrantes portugueses possuía uma vida dura e repleta de privações⁷³. A grande maioria dos imigrantes portugueses não conseguia alcançar o tão sonhado sucesso no além-mar. A trajetória política, social e econômica “bem sucedida” de Maximiano não era a regra. No entanto, realizar um estudo de caso acerca desta grande maioria de imigrantes menos afortunados não se constitui enquanto tarefa simples. Afinal, a maioria dos poucos registros sobre a sua existência apresenta apenas dados quantitativos, que, apesar de importantes informações para a pesquisa acadêmica, infelizmente não possuem elementos suficientes para um estudo de caso.

O retorno a Portugal e o interesse pelas letras

⁶⁹ SERRES, Juliane C. Primon.; QUEVEDO, Éverton Reis; REICHARDT, João Carlos. (Org.). **Beneficência Portuguesa: a primeira Sociedade de Socorros Mútuos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

⁷⁰ SCOTT, Ana Sílvia Volpi. *Op. Cit.* 2001, p.20.

⁷¹ *Id.*, p.21.

⁷² *Id.*

⁷³ Sobre a realidade dos imigrantes pobres ver: MENESES, Lená Medeiros de. Bastidores: um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro. **Acervo Revista do Arquivo Nacional**, v. 10 (2), pp. 3-16, 1997.

Infelizmente existem poucas referências documentais acerca das décadas iniciais da trajetória de Maximiano. Principalmente no que se refere ao primeiro período em que esteve no Brasil. O que se sabe, é que permaneceu no país durante seis anos como “caixeiro” do mercado de seu pai. Foi quando, em 1928, por motivações pessoais, decidiu retornar a Portugal.

Veio para trabalhar com o pai como caixeiro da venda, entregando as compras de carroça, balaio. E ai aqui ele ficou um bom período até que ele quis estudar, o meu avô dizia que não havia necessidade de estudar porque ele tinha todas as condições de continuar com o trabalho que ele tava tendo e com o negócio. Mesmo assim ele insistia em estudar e, começou a estudar escondido a noite no colégio Universal, que é na Biblioteca Pública, funcionava na Biblioteca Pública. Dizia que ia dormir pulava a janela, estudava, voltava. Nisso o meu avô pegou ele duas vezes, estudando durante o dia atrás de sacos de arroz, de grãos, rasgando os cadernos e como ele dizia dando uma “taria” de laço nele. Até que na terceira vez ele disse, ou tu fica no Brasil e trabalha ou te mando para Portugal, e ele retornou para Portugal⁷⁴.

Podem-se observar neste trecho da entrevista realizada com o filho de Maximiano diversas questões relevantes. Como já foi mencionado, ele havia emigrado para o Brasil a pedido do pai para trabalhar no mercado da família. Sua função, como fica clara na passagem, era a de “caixeiro”, entregando as mercadorias compradas pelos clientes. Não se sabe se ele recebia algum tipo de pagamento pelo serviço, a mão de obra familiar muitas vezes não costuma ter uma remuneração adequada. Naquele período como se observa na passagem a seguir, ele, diferente dos demais indivíduos os quais convivia em Portugal, já dominava o artifício da leitura.

[...] desde os 10 anos me havia habituado a ler o semanário da minha terra ou um que outro jornal do Porto ou Lisboa, em voz alta, junto à lareira, após a ceia, para os familiares e trabalhadores da lavoura, quase todos analfabetos⁷⁵.

⁷⁴ CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

⁷⁵ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas. n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., p.2.

Não existe como elencar ao certo os motivos pelos quais Maximiano decidiu continuar os estudos depois de emigrado para o Brasil. Inicialmente não possuía o apoio do pai, pode-se inferir que Manuel acreditava, que, de forma relativamente satisfatória, seu negócio deveria ser suficiente para manter financeiramente a família, entretanto, necessitaria da dedicação exclusiva do filho.

O curso noturno da Biblioteca Pública em Pelotas era voltado para trabalhadores nacionais brancos ou negros e imigrantes desamparados, ou seja, para as classes populares⁷⁶. Não era de se esperar que o filho de um comerciante, ainda que imigrante, frequentasse o curso noturno da Biblioteca Pública naquele período. No entanto, como Maximiano insistia em manter os estudos, procurava escapar de casa à noite para ir ao colégio destinado as classes populares da cidade.

De acordo com a entrevista ele foi descoberto pelo pai em mais de uma ocasião, então, recebeu as seguintes opções: para permanecer no Brasil deveria trabalhar no mercado da família, caso contrário, deveria retornar para Portugal. Maximiano decide, em 1928, pelo retorno à terra de origem.

No dia da partida, à bordo do Alcídio, Maximiano escrevia um texto, que, mais tarde seria publicado no jornal *A Luz*, em Pelotas. A redação do periódico, antes de publicar a carta, fazia a seguinte apresentação:

De nosso bom amiguinho, Maximiano Cirne, que se acha atualmente em estudos no Grande Colégio Universal, no Porto (Portugal), recebemos apreciada cartinha, pedindo-nos uma assinatura d'A Luz.

Maximiano Cirne, goza aqui de íntimas relações, principalmente no seio dos acadêmicos de comercio [...].

⁷⁶ PERES, Eliane. **Templos de Luz**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense 1875-1915. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995, 178p.

Em nossa página principal, publicamos o seu “Adeus!” aos inúmeros amigos que aqui deixou, bem como á uma gentil menina, por quem o seu coração de jovem não cansa de bater⁷⁷.

Na carta, ele afirmava que:

[...] o destino, este cruel destino, fez com que neste momento eu abandonando também a mulher que amo, aquela que tinha eleito para rainha do meu coração. Cruel destino!...

Oh! Quem não sente saudades de tudo isso no momento da partida?

- Adeus, cruzeiro do sul!...

- Adeus, terras Brasileiras!...

- Adeus, sinceros amigos!...

- Adeus, Princesa, vou partir⁷⁸.

Através da observação dos trechos acima, se pode perceber que no retorno a Portugal, Maximiano apontava como responsável pela partida, o “destino, este cruel destino”, ele se expressou usando também as palavras “abandonando” e “saudades”. O que permite inferir que, Maximiano, apesar de, teoricamente, ter tido a oportunidade de escolher retornar para Portugal, não o fez de forma discriminada. Despedia-se com pesar e utilizando a palavra “princesa”, possivelmente em duplo sentido, para se referir à menina a quem amava e a cidade que lhe recepcionara.

A carta de Maximiano foi publicada na página principal do jornal reafirmando o que o próprio redator escrevera, que lá, “gozava de íntimas relações” as quais mais adiante, seriam fortificadas. Seu retorno a Portugal foi em 1928 e, quando a carta foi noticiada em 1929, ele já se encontrava estudando no Grande Colégio Universal do Porto⁷⁹. É válido ressaltar que se trata de um colégio de ensino particular e, não existem referências de

⁷⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Adeus!. **Recorte de Jornal**. A Luz. Pelotas. 23 de março de 1929.

⁷⁸ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Adeus!. **Recorte de Jornal**. A Luz. Pelotas. 23 de março de 1929.

⁷⁹ GRANDE COLÉGIO UNIVERSAL DO PORTO. Disponível em <<http://www.gcolegiouniversal.com/portal/?s=2>>. Acesso em 25 de março de 2016.

que Maximiano desenvolvia alguma atividade remunerada naquele período. Dessa forma, é possível pressupor que a efetuação do pagamento de seus estudos e estadia em Portugal era feito por seu pai.

Nota-se, portanto, que seu retorno a terra de origem provavelmente pressupunha de fato a retomada dos estudos do ensino liceal⁸⁰. Recebendo o diploma do curso complementar de Letras do Liceu Alexandre Herculano em 1933⁸¹. Posteriormente passou a cursar Direito na Universidade de Coimbra por alguns semestres antes de, mais tarde, retornar ao Brasil.



Figura 1. Maximiano Pombo Cirne 1929/1930 em Portugal
Fonte: Arquivo Privado de Maximiano Pombo Cirne

Era final de dezembro de 1929, Maximiano escrevia as seguintes palavras na cidade do Porto em Portugal:

⁸⁰ O ensino Liceal era dividido em dois ciclos, seguidos de um curso complementar em letras ou ciências.

⁸¹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Diploma do curso complementar de Letras do Liceu Alexandre Herculano. **Documentação Pessoal**. Porto. 25 de julho de 1933.

- *Oh! minha mãe, minha mãe!...*
 – *Porque me deixaste tão só, partindo para a morada Celeste?*
 – *Tu mal sabes, ó mãe, desde o dia em que partiste, como tudo esta mudado. Teu filho abandonou a terra hospitaleira onde estava, indo para a sua pátria frequentar os doces templos de Minerva, e hoje, vivi sem amparo, sem bastão amigo onde se possa amparar, vive no meio da multidão, sujeito a ser atraído para o abismo da desgraça, para os bacanaís, para a lama, do mundo moral que corrompe os dons altruístas dum coração.*
Mas dize... porque não me respondes quando por ti chamo... não me houve?
 – *Acaso não retribui aos teus carinhos com beijos que só um filho sabe dar a uma mãe?*
 [...]

 – *Mas que hei de fazer agora?*
 – *Conformar me com a tua bondade, ó Onipotência Divina.*
 – *Ai! que triste a sina minha!...*
 – *Ai! que triste o fado meu!..*⁸².

Estas palavras permitem inferir que Maximiano possuía uma forte relação com a mãe, Maria José. Fato que pode ser (re) assegurado devido ao tempo em que permaneceram sozinhos, sem Manuel, em Portugal. Pode-se afirmar que grande parte da infância de Maximiano, no período anterior a sua emigração, ele havia convivido pouco tempo com o pai. Portanto, no decorrer da pesquisa percebeu-se a necessidade de descobrir quando se deu o falecimento de Maria José e foi constatado que ela faleceu no dia 17 de junho de 1928. É possível presumir, portanto, que a morte da mãe pode ter sido um dos fatores que culminaram em seu retorno para Portugal.

A perda é um dado antropológico universal: desde o nascimento, irremediavelmente e sem esperança de domesticá-la, todo ser humano faz dela sua companhia obrigatória, abandonando sucessivamente a juventude, a saúde, os amigos, aos pais, os amores, as ilusões e ambições, antes de perder-se a si próprio. A maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda nos

⁸² ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. MÃE!... **Recorte de Jornal.** A Luz. Pelotas. 08 de fevereiro de 1930.

informa sempre sobre o jogo da memória e da identidade no interior da sociedade considerada, em particular quando se trata de heranças do passado⁸³.

Durante toda esta estadia em Portugal Maximiano afirmava frequentemente em poemas que eram publicados em Pelotas no jornal *A Luz*, seu amor e saudade por “alguém”, pela “primeira e única flor de seu ramalhete”, enfim, “a uma rainha”. Ele a chamou de Zaudiena, um anagrama do nome da mulher que futuramente seria sua esposa, Auzendia.

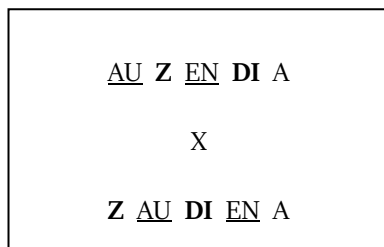


Figura 2. Anagrama desenvolvido por Maximiano para criar o pseudônimo da amada

Maximiano, através da sua “fala como estudante”, publicou, em 1932, no *Concelho da Murtosa*, sobre a freguesia de Bunheiro⁸⁴ e a instrução do seu povo. Apontava para a necessidade dos empreendimentos altruístas como progresso e melhoramento indispensável para Bunheiro. Solicitava, através de uma palestra, a contribuição do povo local para a construção de uma escola com o objetivo de “instruir e educar” as crianças da comunidade.

Não sejamos pessimistas, encarando todos os empreendimentos com desdém; por que o pessimismo, tal como eu o compreendo, é a anulação do progresso [...]

Meus Srs. Eis-me chegado a um ponto em que já foquei os principais pontos desta minha palestra; porem, não quero, de maneira alguma, deixar de tocar num ponto, talvez o mais importante, e que, para mim, tem um alto significado, que é a construção da futura Escola de S. Silvestre.

⁸³ CANDAU, Joël. *Op. Cit.* 2011, p. 189.

⁸⁴ Bunheiro é uma freguesia portuguesa do concelho da Murtosa.

A comissão encarregada de dar andamento ás obras já possui em caixa alguns milhares de escudos que, todavia, não são os suficientes para a conclusão da mesma.

Eu sei bem que o nosso povo já se sente cansado de voz e bom som, que não desamparem a Escola e que contribuam de qualquer maneira para a sua pronta efetuação.

É um melhoramento indispensável ao bom nome do Bunheiro, e estou certo que irá avante porque todos compreendem o fim altruísta a que é destinado: instruir e educar as nossas criancinhas⁸⁵.

Maximiano demonstrava certo grau de interesse no que se tratava de escrever textos para serem publicados, e também de abordar determinados assuntos, como neste caso, sobre instrução. Abaixo segue mais um trecho de sua autoria, este trata acerca da comemoração do movimento de 31 de janeiro de 1891 no Porto.

Mesmo vencidos os revoltosos do 31 de Janeiro de 1891 nem por isso deixaram de ser para nós, jovens de hoje e homens de amanhã, os pioneiros da Liberdade e da República que tanto amamos – da nossa querida República pela qual tantos estudantes e homens insignes deram a vida lutando, não só com a palavra calorosa e convincente, mas também pegando nas armas redentoras que sabiam manejar tam [sic] bem como a palavra.

Para nós, académicos, o dia 31 de Janeiro tem e sempre há de ter o alto significado das grandes datas históricas⁸⁶.

Antes de retornar ao Brasil, em 1934, através da observação dos recortes de jornal dos textos escritos por ele em seu arquivo pessoal, é possível observar que, foi no período em que esteve em Portugal que começou a desenvolver de forma mais efetiva sua capacidade argumentativa. A decisão de realizar o curso complementar do ensino liceal na área de letras e não na de ciências muito provavelmente o tenha influenciado.

⁸⁵ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A freguesia do Bunheiro e a instrução de seu povo. **Recorte de Jornal**. O Concelho da Murtosa. Murtosa. 30 de julho de 1932. [Cópia do jornal].

⁸⁶ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O 31 de Janeiro no Porto. **Recorte de Jornal**. [?]. Porto [?], 15 de fevereiro de 1933.

Neste sentido, Maximiano realizou uma série de escolhas, entre as possibilidades que lhes haviam sido ofertadas. Naquele período ele não teria como imaginar a totalidade da sua dimensão, mas foram essas escolhas que permitiram sua inserção no universo jornalístico e, mais tarde, no campo jurídico possibilitando sua ascensão profissional que, por sua vez o tornaria um imigrante com características proeminentes.

A volta para o Brasil e os primeiros contatos profissionais com o Diário Popular

Este período em que Maximiano esteve em Portugal coincide com o denominado Estado Novo (1933-1974) de Antônio de Oliveira Salazar⁸⁷. Não é objetivo deste trabalho discutir acerca da experiência do Estado Novo de Salazar em Portugal. O Estado Novo de Getúlio Vargas no Brasil e as outras experiências conservadoras ou nazifascistas na Europa “[...] tiveram, uma fonte inspiradora comum, mas ajustes foram realizados no sentido de adaptar a doutrina à realidade ou aos desejos de cada caso”⁸⁸.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder no Brasil em 1930 deu início a uma nova fase da história política brasileira, através de um modelo corporativo de controle⁸⁹. A criação de um projeto político específico foi uma das marcas do governo Vargas. A “Revolução” de 1930 assumiu o caráter de libertação da trágica experiência liberal da Primeira República. O processo restaurador de 1930 e seu complemento em 1937 buscavam retomar a construção da nacionalidade. Os alicerces do Projeto Político do Estado Novo foram ordem, revolução, tradição e inovação⁹⁰.

Vargas liderou como chefe de governo brasileiro a transição de uma economia tipicamente rural para uma urbano-industrial e associou seu

⁸⁷ Sobre o Estado Novo de Salazar ver: SOUSA, Jorge Pais de. O Estado Novo de Salazar como um fascismo catedrático: Fundamentação histórica de uma categoria política. In.: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & CROCI, Federico (Orgs.). **Tempos de fascismos: Ideologia – Intolerância – Imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2010.

⁸⁸ D'ARAUO, Maria Celina Soares. *Op. Cit.* 2003, p. 218.

⁸⁹ *Id.*

⁹⁰ GOMES, Angela Maria de Castro. *Op. Cit.* 2005.

nome à modernização social. As principais características de seu governo consistem em medidas sociais, como por exemplo, a Carteira Profissional em 1932⁹¹ e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943⁹². O governo Vargas foi mais eficaz na área da legislação social do que os anteriores. Dessa forma, a denominada “Revolução” de 1930 marcou o início da intervenção direta do Estado nas questões relacionadas ao mundo do trabalho⁹³. Sob o seu governo, “[...] o país deu um salto qualitativo em termos da legislação políticas que o país conheceu”⁹⁴. No entanto, é válido ressaltar que o regime tratava-se de uma ditadura e, dessa forma, suprimia e restringia os direitos individuais.

Em 1934, a Comissão de Censura é transferida do Ministério da Educação e Saúde para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores assim como é criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Em 1939 esse departamento é transformado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) o qual passa a ser ligado diretamente à Presidência da República⁹⁵. Suas sessões demonstram o auto-nível de intervenção do Estado Novo nas comunicações sociais⁹⁶.

Em relação ao retorno de Maximiano ao Brasil, não se tem muitas informações, pois não existem muitas referências documentais. Uma das poucas menções sobre sua volta foi obtida através da entrevista de história oral com seu filho. Na passagem é apontado como motivo do retorno de Maximiano para o Brasil o falecimento da mãe, no entanto, como já foi mencionado, a morte de Maria José ocorreu antes de Maximiano deixar o Brasil pela primeira vez.

Ele terminou o liceu entrou para a universidade para o curso de direito lá na universidade de Lisboa em Portugal e ai quando ele estava no terceiro para o

⁹¹ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Op. Cit.* 2012B.

⁹² FRENCH, John. **Afogados em Leis.** A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

⁹³ D'ARAUO, Maria Celina Soares. *Op. Cit.* 2003..

⁹⁴ *Id.* p. 236.

⁹⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.* 2011.

⁹⁶ GOMES, Angela Maria de Castro. *Op. Cit.* 2005.

quarto semestre aproximadamente ele é chamado pelo pai porque a mãe que estava no Brasil estava doente em fase terminal com câncer. Ele retorna para o Brasil [...]”⁹⁷.

É válido ressaltar, como aponta Janaína Amado⁹⁸, que as controvérsias nas narrativas orais, como em outros tipos de fonte, é frequente, mas, nem por isso devem ser descartadas. Neste caso, o filho de Maximiano muito provavelmente confundiu a ordem em que ocorreram os acontecimentos. No entanto, ainda assim, contribui para a afirmação de que a viagem de ida para Portugal de fato tenha sido influenciada em alguma medida pela morte de Maria José.

Depois de voltar ao Brasil, Maximiano necessitava revalidar o diploma do curso secundário concluído em Portugal. Após aprovado no exame de validação passou a frequentar e também começou suas atividades profissionais como revisor no *Diário Popular*. No ano seguinte, em 1935, além ser efetivado no *Diário* iniciou novamente o curso de Direito desta vez em Pelotas.

Nos primeiros meses [após o retorno ao Brasil] pouco tempo me sobrava, pois com o Prof. Rafael Alves Caldelas, estudava intensamente caligrafia e História do Brasil, a fim de prestar exames escritos e orais dessas disciplinas no Ginásio Pelotense, para o efeito de adaptar o curso secundário concluído no estrangeiro, ao mesmo curso no Brasil.

Mas, concluídos os exames com aprovação, comecei à frequentar o DIÁRIO á noite e, a título de curiosidade, passei a ajudar graciosamente na revisão e, dentro de pouco tempo, tão a peito havia levado esse encargo que a ele me julgava vinculado definitivamente⁹⁹.

Foi neste período de retorno ao Brasil que Maximiano passou a ter um contato, além do de apenas leitor, para um outro, mais próximo das

⁹⁷ CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JÁQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

⁹⁸ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: Tradição, Veracidade, e Imaginação em História Oral. **História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.

⁹⁹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2.

atividades cotidianas do *Diário Popular*. Neste momento, ele passou a formar, mais efetivamente, uma rede de relações composta por homens influentes daquela sociedade.

As antigas concepções essencialistas de identidade, “[...] que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”¹⁰⁰. Maximiano deve ser considerado enquanto um sujeito plural, que possuiu durante toda a sua trajetória uma série de identidades, nem sempre coerentes entre si. Algumas delas serão abordadas nos próximos capítulos do livro, direcionadas à sua atuação enquanto jornalista e advogado.

¹⁰⁰ HALL, Stuart. *Op. Cit.* 2003, p.7.

Capítulo II

Jornalista

O campo da imprensa

Até este momento foram abordadas apenas questões relacionadas aos anos iniciais da trajetória de Maximiano, até o início de sua vida profissional no *Diário Popular*. Apontando o processo de adaptação e inserção de um imigrante português na sociedade pelotense no início do século XX. Estes se constituem enquanto aspectos de suma importância para a compreensão de como se deu sua ascensão sócio-profissional naquele contexto. Neste capítulo se abordará a forma como Maximiano, uma vez inserido no espaço jornalístico de Pelotas, no *Diário Popular*, passou de simples voluntário no jornal para interventor em espaços mais amplos de atuação.

A diferença entre imprensa e jornalismo é discutida por Francisco Rüdiger¹, o autor aponta que o Rio Grande do Sul, por exemplo, possuiu diversos tipos de imprensa, desde política e operária até religiosa e humorística desde o final do século XIX até início do XX. Entretanto, nem sempre a primeira possibilita/ou a formação do segundo como seu correspondente. Para o autor jornalismo é uma,

[...] prática social componente do processo de formação da chamada opinião pública; prática que, dotada de conceito histórico variável conforme o período pode estruturar-se de modo regular nos mais diversos meios de comunicação, da imprensa à televisão².

¹ RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.

² *Id.* p 11.

Neste sentido, entende-se que Maximiano atuou no espaço compreendido pelo jornalismo, o qual acaba fazendo parte do universo mais amplo abrangido pela imprensa. A configuração do jornalismo como uma prática social relativamente consistente data do final do século XVII na Europa. Por sua vez o jornalismo moderno surge com o florescimento de uma imprensa crítica e independente do Estado e da formação da figura da redação. Assim, os jornais deixaram de viver para o mercado e passaram a se preocupar com a esfera da opinião pública, passando a servir como porta-vozes dos partidos políticos e fórum das discussões da sociedade civil³.

No que se refere ao Brasil, o nascimento e desenvolvimento da imprensa podem ser compreendidos no mesmo sentido. O jornalismo, no Brasil, se desenvolveu relativamente tarde, com a instalação da Imprensa Régia (Imprensa Nacional) devido a mudança da Corte portuguesa para a colônia em 13 de maio de 1808, possuía como função principal a publicação de dos atos oficiais do governo⁴. Depois de observada a força da imprensa como formadora de opinião, as forças políticas e os políticos enquanto indivíduos ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas através do surgimento das primeiras redações.

A implantação e a propagação da imprensa no Brasil decorreu do objetivo de atender às necessidades burocráticas do Estado (necessidade de imprimir atos oficiais) e de divulgar uma produção doutrinária e opinativa. Sendo assim, no período de 1808 a 1852, as disputas políticas geraram e estimularam o estabelecimento de oficinas tipográficas nos centros urbanos das províncias⁵.

Ao encontro dessa afirmação, Aristeu Lopes afirma que,

³ *Id.*

⁴ VITORINO, Artur José Renda. **Máquinas e Operários**: Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Annablume FAPESP, 2000.

⁵ *Id.* p. 27.

Apesar de rudimentar nas técnicas e caracterizado por uma produção artesanal, o jornalismo encontrou na realidade política brasileira das primeiras décadas do século XIX uma fonte para exercer sobre ela uma extraordinária influência e se desenvolver⁶.

No que se refere ao Rio Grande do Sul, durante as décadas de 1910 e 1920 a imprensa era claramente identificada como extensão dos partidos políticos. Foi neste sentido que os “[...] políticos foram progressivamente tomando o lugar dos tipógrafos na função social de jornalistas⁷.” Neste sentido, a imprensa pelotense foi inspirada e utilizou como modelo periódicos mais antigos, em especial, do Rio de Janeiro⁸. No entanto, é válido ressaltar que a prosperidade da imprensa em Pelotas foi oriunda do processo de desenvolvimento da cidade⁹, já exposto anteriormente.

A imprensa pelotense e o início das atividades no *Diário Popular*

Durante o período imperial e republicano ocorreu um grande florescimento da imprensa pelotense. De acordo com Beatriz Loner¹⁰, entre 1889 e 1930 existiam 14 jornais de periodicidade diária em Pelotas¹¹, entre eles o *Diário Popular* de 27 de agosto de 1890. Fundado como veículo independente, o *Diário* logo em seguida foi vendido para o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) tornando-se então veículo oficial da administração da cidade até 1930¹².

⁶ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da Política**: Representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, 236p, pp. 33.

⁷ RÜDIGER, Francisco. *Op. Cit.* 2003, p. 35.

⁸ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Op. Cit.* 2006, 236p.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. **Ecos Revista**, EDUCAT- Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, abril de 1998.

¹¹ *Correio Mercantil* (1875), *A Pátria* (1886), *Nacional* (1889), *Gazeta da Manhã-Gazeta da Tarde* (1890-1891), *Diário Popular* (1890), *Tribuna Federal* (1893), *A Opinião Pública* (1896), *A Tribuna* (1911), *A Redação* (1912), *O Rebate* (1914), *O Dia* (1916), *Jornal da Manhã* (1922), *O Libertador* (1924) e *A Reforma* (1906-1911).

¹² LONER, Beatriz Ana. *Op. Cit.* 1988, p. 11-12.

Quando a união entre PRR e a Aliança liberal foi rompida em 1930 o *Diário Popular* manteve-se fiel ao partido criticando tanto o governo federal quanto a figura de Getúlio Vargas. Na medida em que os principais apoiadores do jornal iam se distanciando dos círculos influentes da política nacional e estadual e com o declínio tanto do PRR quanto de Borges de Medeiros¹³, o jornal passou por mudanças de direção e orientação política¹⁴. A única característica constante neste processo foi a intrínseca ligação com a elite conservadora da cidade¹⁵.

Com a Revolução que sobreveio em novembro de 1930, o Governo Provisório suprimiu as garantias constitucionais e indicou interventores aos Estados, todos eles distantes do centro político borgista e do próprio PRR. Assim, o DP, por tabela, registrou o declínio do poder de seus antigos apoiadores e apoiados, que se colocaram ao lado de Borges de Medeiros durante toda a década de 1920. Com o desligamento do PRR da administração direta do município e os novos tempos da República, o jornal se desvincularia da política partidária oficial e tendeu a dar mais atenção aos assuntos do noticiário diverso¹⁶.

No período de início das atividades profissionais de Maximiano no *Diário*, o regime jornalístico vigente no jornal era comandado pelo conceito de jornalismo político-partidário. Esta é a primeira fase do jornalismo gaúcho que foi dominante desde a sua formação até meados da década de 1930¹⁷. É no início dessa mesma década que se inicia no Rio Grande do Sul o afastamento do jornalismo de cunho político partidário para um de perfil informativo¹⁸. Este período de transição foi acompanhado de perto por

¹³ Em função principalmente da Revolução de 1923, uma disputa política armada que divide o Rio Grande do Sul entre Ximangos e Maragatos. Ver sobre: DAL FORNO, Rodrigo. **O “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923: uma análise de Política e Imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015, 200p.

¹⁴ CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923-1939**. Pelotas: UFPel, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2014, 248p.

¹⁵ *Id.*

¹⁶ *Id.* p. 60.

¹⁷ RUDIGER, Francisco. *Op. Cit.* 1998.

¹⁸ *Id.*

Maximiano durante sua atuação no *Diário Popular*, ele acompanhou a passagem de um regime de imprensa político-partidário, no jornal, para um novo regime jornalístico, o empresarial.

Naquele momento a imprensa passava por um momento de reestruturação e modernização pautado por novidades de caráter tecnológico somado ao crescimento de importância da função de repórter. É essa dimensão profissional e tecnológica que caracteriza a nova fase da imprensa com o surgimento dos grandes impérios de comunicação empresarial do Brasil. O jornalismo deixava de ser europeu para adotar uma objetividade americanizada concluído pela ideia de imparcialidade¹⁹.

Neste sentido, o *Diário Popular*, no primeiro período de atuação profissional de Maximiano, durante a década de 1930, pode ser entendido como pertencente a uma lógica da imprensa, que consiste em,

[...] garantir a sua supremacia ideológica sobre os concorrentes, mesmo que isso signifique sacrificar sua própria coerência. [Definindo a imprensa] [...] como interventora da vida social, manipuladora de interesses e ideologicamente engajada, tal e qual classificamos o *Diário Popular*, de Pelotas, nas décadas de 1920 e 1930²⁰.

Por ser um órgão oficial, naquele período, o *Diário Popular* pode ser considerado favorecido em diversos aspectos²¹. Em 1933 o jornal adquiriu novas máquinas, permitindo, então, que alterasse sua composição estrutural de seis para oito páginas. A partir de 1934, além do novo maquinário, o *Diário* apresentava como seu diretor João Couto.

Em seguida de seu regresso a Pelotas, em 1934, no momento de aperfeiçoamento do *Diário Popular*, Maximiano passou a ter um contato mais direto com o jornal e sua redação. Este era feito através de algumas colaborações as quais entregava pessoalmente ao redator-chefe do *Diário*, que

¹⁹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: 2007.

²⁰ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014, p. 25-26.

²¹ LONER, Beatriz Ana. *Op. Cit.*, 1998.

na época era bacharelado em direito, Guilherme Schultz Filho²². Os membros da redação frequentemente eram oriundos da Faculdade de Direito pertenciam a elite intelectual e eram investidos da missão de transformação para o futuro. De acordo com Tania de Luca “a elite intelectual apresentou-se, em diferentes momentos, investida da missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar as suas linhas de força para o futuro”²³.

Guilherme Schultz, por sua vez, possuía como companheiros de redação Jaime Gonçalves Wetzel, repórter e cronista e Antonio de Almeida Peres, professor do Ginásio Pelotense. Com as colaborações no jornal feitas por Maximiano e a preparação para prestar os exames de adaptação, no Ginásio Pelotense, do curso secundário concluído no estrangeiro ao seu correspondente no Brasil, sobrava-lhe pouco tempo livre²⁴.

[...] concluídos os exames com aprovação, comecei à frequentar o DIÁRIO á noite e, a título de curiosidade, passei a ajudar graciosamente na revisão e, dentro de pouco tempo, tão a peito havia levado esse encargo que a ele me julgava vinculado definitivamente²⁵.

Após os intensos estudos de cartografia e História do Brasil, com o Prof. Rafael Alves Caldelas²⁶, Maximiano foi aprovado nos exames escritos e orais de validação do diploma. Foi quando passou a revisor voluntário do jornal no turno da noite, das 20h às 24h²⁷. De acordo com Maximiano, iniciou sua participação no jornal “a título de curiosidade” ajudando nas revisões dos textos. Neste ponto fica clara a discussão teórica, já discutida

²² Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3.

²³ LUCAS, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação**. São Paulo: UNESP, 1999, p 19.

²⁴ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3.

²⁵ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3, p. 2.

²⁶ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3.

²⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas. 27 de junho de 1985, pp. 1-7.

anteriormente, acerca da inexistência de um indivíduo predestinado através de uma vida composta por uma linearidade coerente²⁸. Maximiano, naquele momento, não possuía expectativas específicas e planejadas acerca de sua ascensão profissional no *Diário*, ela aconteceria mais tarde através de diversas influências e inclusive ao acaso.

Estávamos em princípio de 1935, e, certa noite, o gerente João Souto procurou-me na mesa da revisão, para dizer que, daquele dia em diante, caso aceitasse, passaria a revisor efetivo com o salário de Cr\$ 20,00 velhos por semana, proposta que acolhi com satisfação.

A essa altura, já me havia ligado por fortes laços de amizade ao Schultz, ao Dr. Almeida Peres e ao Wetzel, este sofrendo ‘mal de amores’ de que, anos mais tarde, as havia de curar²⁹.

De acordo com Maximiano, em 1935, ele já estava ligado por “fortes laços de amizade” ao então redator chefe do *Diário* e acadêmico de direito, Guilherme Schultz, quando é efetivado como revisor pelo gerente João Souto. A função de revisor a qual foi designada a Maximiano exigia domínio intelectual das letras, autoridade que de fato possuía devido sua formação complementar no curso de letras realizada no liceu em Portugal e breve experiência na área. No entanto, sua relação pessoal com Guilherme Schultz não deve ser minimizada nesta situação, afinal, pouco mais adiante quem assumiria a direção do jornal seria o jovem estudante de direito, demonstrando o alto grau de influência de Schultz no jornal.

Com o passar dos dias, fui-me assenhoreando dos segredos da redação, fazendo incursões esporádicas pela reportagem, redigindo notas para a secção ‘várias’, até que o Schultz, achando-me competente para tal, após a meia noite,

²⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

²⁹ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2.

*terminada a revisão passava-me aos originais, entregues durante o dia por colaboradores assíduos, para lhes dar uma vista de olhos, para o efeito de ver se não continham alguma falha ou omissão*³⁰.

De acordo com Caetano³¹, o sistema moderno de impressão do *Diário Popular*, do tipo linotipo ou monotipo, exigia a interação e trabalho em conjunto entre os redatores e os operadores de máquinas. Basicamente, para que o jornal saísse às ruas, era necessário que diversas pessoas atuassem em conjunto.

A notícia era recebida pelo técnico telegrafista, que deveria imprimi-la e entregá-la ao chefe da redação, ele por sua vez escolhia os textos que deveriam ser publicados na próxima edição do jornal. Depois de selecionados o chefe da redação ou algum dos redatores deveria redigir o texto na máquina de linotipo, uma vez redigido o redator podia observar enquanto cada linha da composição era fundida. O bloco era entregue ao revisor que realizava a conferência do conteúdo e então o enviava ao montador que deveria diagramar a página. O *Diário Popular* era, então, impresso e circulava de domingo a domingo na cidade, vendido por jovens menores de idade que eram contratados pelo jornal.

O grupo de indivíduos que compunham o quadro de redatores e diretores do *Diário Popular* é entendido como uma figuração social, ambos interagem entre si e com a sociedade³². “Autores, editores e público leitor compõe um sistema que funciona à base de estímulos múltiplos e recíprocos”³³. O jornal não deve ser observado como isolado da sociedade a que pertence e nem das questões que a envolvem. Ele interage com os diversos extratos sociais, no caso do *Diário Popular*, diretamente com a elite de Pelotas.

³⁰ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2.

³¹ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014.

³² *Id.*

³³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 323-348.

De uma feita, examinava colaboração enviada pelo Dr. Fernando Luis Osório, o Historiador da Cidade e meu professor na faculdade de Direito, quando notei que ele, em um período, escrito na ordem direta, havia separado o sujeito do predicado por vírgula. Como aprendera, no meu curso complementar de letras do Liceu Alexandre Herculano, no Porto, que o fato se constituía em grave erro na arte de bem escrever, não tive dúvida: cortei a vírgula.

Na noite do dia seguinte, aí pelas 20 horas, mal me havia iniciado meu expediente, apareceu na redação o Dr. Fernando Luis Osório a perguntar quem tinha feito a revisão de seu artigo. Respondi, imediatamente, que tinha sido eu, embora me desse conta de estar em maus lençóis [SIC] por saber que era grande acionista do DIÁRIO.

Perguntou por que motivo cortara eu a malsinada vírgula e, em resposta, disse-lhe que ele havia separado por vírgula o sujeito do predicado e que isso, sob o ponto de vista gramatical, consistia erro, inadmissível em um escritor de sua estirpe. Se, no entanto, em seu espírito pairasse alguma dúvida sobre a minha atitude, esta poderia ser facilmente dirimida, bastando, para tal, consultar qualquer gramática.

Acho que acatou o meu conselho, por que daí em diante, sempre que levava ao DIÁRIO alguma colaboração, pedia que eu revisasse e, e se não me achava na casa, deixava essa recomendação com algum dos redatores presentes.

Escusado será dizer que ganhei um amigo³⁴.

Nesta passagem nota-se como se dava a atividade de revisão que era desempenhada por Maximiano. Os textos eram recebidos e enviados ao profissional que realizava a revisão. A atividade exigia, como já mencionado, um domínio intelectual das letras, dessa forma, na passagem escrita por Maximiano fica clara a importância de sua formação no curso complementar de letras na execução de sua atividade como revisor.

Ainda referente à passagem acima, quando Maximiano menciona o Dr. Fernando Luis Osório³⁵ como escritor de alta “estirpe” e somando-se o fato de ser professor na faculdade de direito e historiador da cidade constata-se como já observado a forte ligação do *Diário Popular* com a elite pelotense. Observa-se que Maximiano afirma, novamente e desta vez

³⁴ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3, p. 2.

³⁵ Descendentes de Marechal Osório, a família faz parte da “cultura de elite” de Pelotas. Fernando Osório, inclusive, dá nome, atualmente, a uma das principais avenidas da cidade.

quase despreocupadamente, que “ganhou um amigo”, proveniente mais uma vez do grupo composto por intelectuais da cidade.

Outro fator que deve ser mencionado consiste na inserção de Maximiano em outros ciclos de sociabilidade além do profissional remunerado. Observou-se que em junho de 1936 passou a integrar o cargo de diretor adjunto do Grêmio Acadêmico Jurídico da Faculdade de Direito de Pelotas³⁶. E, entre os anos de 1937 a 1939, compôs o quadro de diretoria do clube Centro Português 1º de Dezembro de Pelotas³⁷. Ainda que Maximiano demonstre amplo interesse pessoal e profissional no *Diário Popular*, sua inserção em outras atividades aponta a existência de uma pluralidade de possibilidades vinculadas a vida social do sujeito.

Através do exposto até o momento pode-se afirmar que neste período Maximiano já havia iniciado a Faculdade de Direito em Pelotas e que o Dr. Fernando Luís Osório era seu professor. É importante ressaltar que, principalmente nos últimos anos, Maximiano vinha interagindo, através dos espaços de sociabilidade que fazia parte, diretamente com uma parcela jovem e ascendente da elite pelotense. Guilherme Schultz, por exemplo, foi o mais novo diretor do *Diário Popular*, até aquele momento, e também cursava a Faculdade de Direito de Pelotas. Infere-se, por todas as referências feitas a ele na documentação a sua importância no direcionamento intelectual tomado por Maximiano.

A crise no *Diário Popular*

Pode-se afirmar que, em Porto Alegre, os periódicos formavam lideranças para a esfera pública, “[...] a modernização das relações sociais havia progredido, possibilitando uma diminuição da dependência da imprensa em relação ao campo político [...]”. O mesmo pode ser observado com o *Diário Popular* de Pelotas, pode-se afirmar que o futuro “[...] do

³⁶ MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Diretoria do Grêmio Acadêmico Jurídico da Faculdade de Direito de Pelotas. **Circulares das novas diretorias e de Novas firmas comerciais 1936-1937**. Pelotas, 1936.

³⁷ MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Diretoria Centro Português 1º de Dezembro. **Circulares das novas diretorias e de Novas firmas comerciais 1936-1937**. Pelotas, 1937.

jornalismo estava se ligando progressivamente às condições determinadas pelo desenvolvimento do capitalismo no País, adotando padrões de organização empresarial como meio de sobrevivência³⁸.”

Desde março de 1935, após deferir diversas denúncias contra a Prefeitura de Pelotas, somado ao estado de sítio e a entrada em vigor da lei de censura à imprensa, o *Diário Popular* começa a sofrer censuras oficiais e a partir de outubro com maior rigor³⁹. Somado a isto, na ocasião, o *Diário* passava por grave crise financeira, de acordo com Maximiano, para se conseguir, [...] *nos sábados, do gerente Souto, um vale de 20 mil réis, era um caso sério*⁴⁰. Sendo assim, quando se apresentou a oportunidade, Maximiano deixou o jornal, a convite de Vital Melo, passando a atuar como vendedor auxiliar da Perfumaria Lopes S. A em Pelotas⁴¹. “*Continuei, no entanto, sem descurar dos meus estudos de Direito, a colaborar anonimamente no DIÁRIO*”⁴². Mais tarde, em janeiro de 1937, Guilherme Schultz deixa a função de diretor, passando a ser assumida por F. de Magalhães.

Desde o início da pesquisa, quando, em 1929, Maximiano retorna a Portugal e publica o seu “Adeus!” na página principal do jornal *A Luz*, pois ali gozava de “*íntimas relações, principalmente no seio dos acadêmicos do comércio*”⁴³, havia-se percebido a aparente respeitabilidade do pai de Maximiano na sociedade, comercial, de Pelotas. No entanto, neste ponto da análise observou-se que Manoel, para além da autoridade abstrata, possuía

³⁸ RÜDIGER, Francisco. *Op. Cit.*, 2003, p. 75.

³⁹ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014.

⁴⁰ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2.

⁴¹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

⁴² Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2.

⁴³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Adeus!. **Recorte de Jornal**. *A Luz*. Pelotas. 23 de março de 1929.

um cargo na diretoria da Associação Comercial dos Varejistas⁴⁴ em Pelotas. Sabendo, através de seu pai, que esta Associação passava por difícil situação resolveu,

[...] depois de ouvir o Sr. Victorino Menegotto, presidente da Associação Comercial de Pelotas, encetar uma campanha, visando a fusão das duas entidades, pois seus, primados estatutários e fins eram os mesmos, não fazendo sentido existissem duas sociedades com objetivos idênticos⁴⁵.

Foi realizada então, na sede social da Associação Comercial, reunião “para receber uma comissão de membros da Associação Comercial dos Varejistas de Pelotas, a-fim-de [sic] serem iniciadas as démarches sobre a possibilidade de uma fusão com esta Associação”⁴⁶. Ao que tudo indica, Maximiano fazia parte desta comissão, porém, o negócio acabou não se concretizando, entretanto, as reuniões com o Sr. Victorino Menegotto parecem ter gerado frutos. Afinal, em 1937,

[...] numa manhã chuvosa que aproveitei para estudar, visto estarem próximo os exames de meio de ano da Faculdade de Direito, fui procurado pelo Sr. Victorino Menegotto que, depois de dizer que tinha gostado muito do trabalho que desenvolvera para a fusão daquelas duas entidades, me formulou convite para criar o Boletim Informativo da Associação Comercial com o salário mensal de Cr\$ 400,00 velhos (ótimo para a época), que imediatamente aceitei, e, assim, em 26 de agosto de 1937, saía o primeiro número, continuando até o presente [novembro de 1980], sem interrupções, com a mesma apresentação gráfica. [...]⁴⁷.

O boletim era direcionado principalmente aos comerciantes associados, no entanto, com o objetivo de melhor atender a coletividade,

⁴⁴ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

⁴⁵ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2.

⁴⁶ MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Relatório referente aos negócios do biênio 1936/1937 apresentado à Assembléia geral realizada em 26 de janeiro de 1938. **Relatórios de 1936-1959**. Pelotas, 20 de janeiro de 1938.

⁴⁷ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

incentivava novas associações, pois assim representaria uma “*parcela magnífica na formação de um conjunto mais forte, elevando o prestígio sempre maior de sua classe*”⁴⁸.” Com uma finalidade ampla, além dos serviços de orientação e informação, o Boletim se incumbia de publicar,

*[...] colaborações dos senhores sócios sobre qualquer assunto de ordem econômica e financeira, ou de relevante interesse para o município de Pelotas, porquanto uma de suas finalidades será fazer uma propaganda eficiente e demonstrativa do que é e do papel que, futuramente, pode vir a desempenhar este rico e próspero município, na balança econômica de nosso Estado*⁴⁹.

Fundada em 7 de setembro de 1873 a Associação Comercial de Pelotas “[...] é um dos órgãos de defesa dos interesses da classe empresarial mais antigos do país”⁵⁰. Atua como impulsionadora do desenvolvimento da cidade e dessa forma buscou apoiar projetos que considerava viabilizar o desenvolvimento social e econômico da região⁵¹, como por exemplo, a fundação da Gráfica *Diário Popular* LTDA, mais adiante no texto.

Entreato

Quando, em princípios de 1938, ficou vago o cargo do senhor Eurico Raupp de Souza, secretário privativo da Associação Comercial, Maximiano passou a substituí-lo interinamente por mais de um mês, redigindo as atas da diretoria⁵².

⁴⁸ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Boletim Informativo da Associação Comercial de Pelotas. **Associação Comercial**. Ano. I, Nº. I, Pelotas. 26 de agosto de 1937.

⁴⁹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Boletim Informativo da Associação Comercial de Pelotas. **Associação Comercial**. Ano. I, Nº. I, Pelotas. 26 de agosto de 1937.

⁵⁰ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. **Institucional**. Disponível em: < <http://www.ascompel.com.br/sobre-a-acp/>>. Acesso em 24 de dezembro de 2016.

⁵¹ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. **Institucional**. Disponível em: < <http://www.ascompel.com.br/sobre-a-acp/>>. Acesso em 24 de dezembro de 2016.

⁵² Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3.

Como chegasse ao meu conhecimento de que havia candidatos ao lugar, com bons padrinhos membros da Diretoria pleiteei, em uma das sessões, a efetivação no cargo, pretensão que de imediato foi posta em discussão e aprovada por unanimidade, passando eu a perceber o salário mensal de Cr\$ 500,00 velhos, que, de tão bom, possibilitou o meu casamento daí a um mês, abril desse ano⁵³.

Neste sentido, através da apreensão demonstrada por Maximiano, na passagem acima, de pleitear o cargo de secretário privativo da Associação, antes que fosse concedido a outro candidato com “bons padrinhos”, observa-se a importância conferida ao apadrinhamento neste meio. Sabe-se que este tipo de relação constituiu-se enquanto prática comum em diversos círculos⁵⁴, entretanto, a questão primordial neste caso consiste em apontar que Maximiano, apesar de não explicar claramente, notoriamente possuía figuras influentes como seus protetores. Afinal, pleiteou diretamente em uma das sessões da diretoria sua efetivação no cargo, que foi posta em votação e imediatamente foi aprovada por unanimidade.

Depois de realizar diversas modificações na função de secretário privativo e, após a aprovação da diretoria criou o cargo de Diretor Geral da Associação, o qual passou a exercer. Neste momento Maximiano já integra parte do alto ciclo da elite intelectual conservadora de Pelotas para o “cafezinho” diário na Associação onde eram discutidos assuntos de diversos aspectos.

Naquele tempo, o presidente Victorino Menegotto e membros da Diretoria, com Carlos Gotuzzo Giacoboni, Aires Adures Nelson Ferraz Vianna, Balbino Mascarenhas, Dr. Silvio Echenique, José Faustini e, alternadamente, outros que não lembro, compareciam diariamente na Associação, entre 13 e 14 horas, para tomar um cafezinho, tratar de assuntos inerentes às atividades da classe e estabelecer planos sobre trabalhos a apresentar às autoridades, etc. E, evidentemente, também se falava de política, face ao estado de ebulição que se criara com o golpe branco, desfechado pelo Presidente Vargas, no dia 10 de novembro de 1937, em que outorgou aos brasileiros uma constituição, cerrou as portas

⁵³ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3, p. 2.

⁵⁴ CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: **Pontos e Bordados**. Belo Horizonte: UFMG, pp. 130-153, 1998.

*do Congresso Nacional, extinguiu os partidos políticos e suspendeu a circulação dos órgãos de imprensa que defendiam os postulados de alguns desses partidos, entre eles, o jornal O Estado, de Porto Alegre, órgão do partido libertador, de que era diretor Raul Pilla, o DIÁRIO POPULAR de nossa cidade, órgão do Partido Republicano Riograndense, e outros*⁵⁵.

Até as vésperas do Estado Novo o jornal *Diário Popular* se manteve fiel aos ideais de Borges de Medeiros⁵⁶. Finalmente, com o advento do golpe de 1937, o *Diário* sofreu uma interrupção de caráter provisório, ele deveria adaptar-se as novas leis sobre a imprensa impostas pelo regime ditatorial⁵⁷.

Os jornais sobreviventes procuraram adaptar-se à nova situação, adotando uma linha noticiosa, como foi o caso dos dissidentes do novo regime, ou simplesmente adotando uma postura oficialista, como se verificou na maior parte dos casos. A censura estabelecida se encarregou de cuidar para que os primeiros se mantivessem estritamente na nova linha editorial, e os resistentes sofreram duras represarias. O *Diário Popular*, de Pelotas, *O Tempo*, de Rio Grande, e o *Ponche Verde*, de Dom Pedrito, entre outros, tiveram sua publicação provisoriamente suspensa e os jornalistas de oposição foram intimados pela polícia em todo o Estado⁵⁸.

Sendo assim,

Com a supressão dos partidos políticos, o DP mudou sua razão social e transformou-se em sociedade anônima. A nota, publicada em 4 de dezembro de 1937, explica que ‘em virtude do decreto do governo da República, foi retirado do cabeçalho do *Diário Popular* a legenda: órgão do partido republicano⁵⁹.

Dos jornais existentes apontados por Loner entre 1889 e 1920 somente o *Diário Popular* e o *Opinião Pública* haviam resistido ao advento

⁵⁵ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2, p.2.

⁵⁶ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014.

⁵⁷ LONER, Beatriz Ana. *Op. Cit.*, 1998.

⁵⁸ RÜDIGER, Francisco. *Op. Cit.*, 2003, p. 56.

⁵⁹ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014, p. 67.

do Estado Novo em 1937⁶⁰. O jornal que sempre havia sido fiel a Borges de Medeiros tomou a posição pró-Vargas. Pela mudança do quadro interno de diretores e pelo advento do Estado Novo, o jornal passou a aproximar-se do governo federal.

Mas os donos do DIÁRIO, feridos nos seus ideais políticos e cansados de manter com dinheiro seu as despesas do jornal, retraíram-se e a situação financeira entrou em pane total.

Aconteceu que, para agravar ainda mais a crise, o [Guilherme] Schutz delibrou, concluindo o curso de Direito em dezembro de 1937, transferir residência para a Santa Vitória do Palmar, afim de ali exercer a profissão de advogado e casar com a filha do Dr. Antônio de Almeida Peres da qual era noivo, passando o Sr. Francisco Magalhães, poeta de mérito, de gerente a Superintendente Geral.

Não havendo possibilidade de superar as dificuldades existentes, outra alternativa não restou senão parar o DIÁRIO de circular, o que ocorreu em 30 de abril de 1938, ele que deixara de ser órgão oficial do Partido Republicano Rio-grandense, encerrando-se, assim, uma longa fase de 48 anos de ininterrupta circulação⁶¹.

Não existem trabalhos que tratem especificadamente sobre o fechamento do *Diário*. E quando abordado referem-se apenas a uma breve suspensão de suas atividades confundindo e muitas vezes tratando de forma conjunta a suspensão provisória do jornal pelo governo Vargas e seu efetivo fechamento devido a problemas financeiros, que já se arrastava desde antes da suspensão. Neste sentido, é válido ressaltar que foram dois momentos distintos, o primeiro de suspensão provisória até que o jornal se adequasse a nova legislação vigente. O segundo, de efetivo fechamento do jornal devido a sua crise financeira e, de acordo com as fontes utilizadas nesta pesquisa, Maximiano possuiu participação ativa no processo de reabertura do jornal.

⁶⁰ LONER, Beatriz Ana. *Op. Cit.*, 1998.

⁶¹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 2, p.2.

*A paralisação [referindo-se ao fechamento] do DIÁRIO passa a ser ponto obrigatório de comentários em todas as camadas sociais, pois que, único matutino de Pelotas, varara o tempo, vencera muitas outras vicissitudes, constituindo-se num patrimônio cultural da própria cidade*⁶².

Maximiano poderia ter perdido o emprego assim como muitos de seus antigos colegas se tivesse permanecido no *Diário Popular*. Entretanto, quando se apresentou a oportunidade de trabalho oferecida por Vital Melo, Maximiano deixou, não sem dúvidas, o jornal ainda que fosse para uma área de atuação diferente, a de vendedor auxiliar. Logo adiante retornaria aos ciclos influentes da sociedade pelotense quando começou a redigir o *Boletim Informativo* da Associação Comercial. Depois do fechamento, os funcionários do *Diário* precisaram tomar novos rumos, muitos deles, desempregados, passaram por dificuldades financeiras, enquanto isso, Maximiano se tornava Secretário Privativo da Associação com o salário mensal de Cr\$ 500,00 velhos, “*que, de tão bom*”, possibilitou o seu casamento em abril de 1938.

Casava-se com a jovem de olhos castanhos escuros⁶³, natural de Rio Grande⁶⁴, Auzendia Pinheiro Cirne, na época com 25 anos e filha de José de Castro Pinheiro e Noemia Fonseca Pinheiro⁶⁵. O casamento realizado no dia 23 de abril de 1938⁶⁶ foi com registro civil e também com cerimônia religiosa realizado na residência da nubente⁶⁷. A união, além de ser a concretização das declarações de amor de Maximiano, que há aproximadamente 10 anos antes havia escrito versos e poemas dedicados

⁶² Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n.º 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2.º cad., pp. 2 e 3, p. 2, p.3.

⁶³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Carteira de Identidade/Auzendia Pinheiro Cirne. **Documentação Pessoal**. Pelotas. 18 de agosto de 1958.

⁶⁴ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas. 27 de junho de 1985, pp. 1-7.

⁶⁵ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Carteira de Identidade/Auzendia Pinheiro Cirne. **Documentação Pessoal**. Pelotas. 18 de agosto de 1958.

⁶⁶ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas. 27 de junho de 1985, pp. 1-7.

⁶⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Enlace Pinheiro-Cirne. **Recortes de jornal sem identificação**. [?]. Pelotas [?], abril de 1938 [?].

a sua pretendente quando esteve em Portugal, também pode ser considerada como manutenção e criação de laços de reciprocidade.

Entre os padrinhos dos noivos encontraram-se personalidades pertencentes à elite pelotense, tais como: Augusto Simões Lopes, Jorge Salis Goulart, Vitorino Menegotto, Tancredo Amaral Braga, Bruno de Mendonça Lima e Balbino de Souza Mascarenhas⁶⁸.

Ressalta-se entre as personalidades envolvidas nas relações de apadrinhamento dos noivos, a critério desta pesquisa, principalmente os senhores Vitorino Menegotto e Bruno de Mendonça Lima. O primeiro era diretor da Associação Comercial de Pelotas e por consequência superior de Maximiano. Já o segundo foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito da cidade e advogado trabalhista, atuando em favor das empresas, sendo mentor de Maximiano em sua posterior carreira de advogado. Dessa forma, ressalta-se novamente a importância das relações de apadrinhamento constituídas por Maximiano.

A reabertura do *Diário Popular* e a Rua XV de novembro

Era na rua XV de novembro, no trajeto compreendido entre as praças matriz e Cel. Pedro Osório, nas proximidades do *Diário Popular*⁶⁹ e da Associação Comercial⁷⁰, que, ainda no início da década de 1930, se constituía um dos principais espaços de comércio, cultura e lazer da cidade⁷¹. A rua era ocupada predominantemente por homens de vestimenta e chapéus elegantes de acordo com a moda da época para se mostrar nos espaços coletivos da cidade⁷².

⁶⁸ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Enlace Pinheiro-Cirne. **Recortes de jornal sem identificação**. [?]. Pelotas [?], abril de 1938 [?].

⁶⁹ Ainda hoje localizado na Rua XV de novembro.

⁷⁰ Ainda hoje localizada na Rua XV de novembro.

⁷¹ DEVANTIER, Vanessa da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. A Rua XV de Novembro: espaço de comércio, cultura e lazer. Pelotas, 1870-1931. In: X Encontro de História da Arte, 2011, Pelotas. **Anais do X Encontro de História da Arte**, p. 1-12, 2011.

⁷² *Id.*

[Nesta rua] estavam situadas as melhores lojas de tecidos e ateliês de costura, armazéns de secos e molhados, bazares, confeitarias, livrarias, cafés, os cinemas e ateliês fotográficos. Segundo os relatórios da Intendência e as informações dos antigos jornais e almanaques pelotenses, como também dos registros da rua nas velhas fotografias existentes nessas publicações, era através da circulação de pessoas nas casas comerciais da via, ou da movimentação de pedestres e veículos na XV de Novembro, que o coração da cidade pulsava⁷³.

Foi quando, em um encontro casual, nos arredores do *Diário Popular* à Rua XV de novembro, Armando Vargas antigo chefe das oficinas e paginador do *Diário*, fazia um apelo inusitado a Maximiano⁷⁴. Para que levasse ao conhecimento da Associação Comercial de Pelotas a situação por que passava o *Diário* “*afim de ver se ela se sensibilizava e, quem sabe, tomava a iniciativa de adquirir o jornal e fazer com que voltasse a circular*”⁷⁵. Isso por que, em 1935, o diretor do jornal *A Opinião Pública* havia solicitado seu apoio e quase o conseguira⁷⁶.

*Logo no dia seguinte, na Secretaria da Associação Comercial de Pelotas, à hora do cafézinho, transmiti ao presidente Victorino Menegotto o apelo, quase dramático, que me fizera o Armando Vargas e de imediato, tanto o presidente como Carlos Gotuzzo Giacoboni, tradutor público e representante comercial, com escritório e residência num sobrado quase ao lado do DIÁRIO, bem como José Faustini, Aires Adures, Dr. Silvio da Cunha Echenique, Balbino Mascarenhas e não recorro se presente se achava mais alguém, se manifestaram simpáticos a idéia [sic] e que o assunto deveria ser abordado e discutido na próxima reunião da Diretoria*⁷⁷.

A Associação, localizada nas imediações da rua XV de novembro, era frequentada diariamente por membros da elite de Pelotas. Sendo assim,

⁷³ *Id.* p. 11.

⁷⁴ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p.3.

⁷⁵ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p.3.

⁷⁶ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3

⁷⁷ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p.3.

novamente a “hora do cafezinho” mostra-se de fundamental importância. Afinal, visivelmente, para os homens que compunham aquele ciclo, esse era um momento para além de apreciarem o sabor do café, tratar de assuntos que consideravam de relevância política, econômica e social. Quando Maximiano deixou o *Diário Popular* para se esquivar da crise que se instaurava no jornal de modo a garantir sua sobrevivência financeira, não tinha como imaginar que sua trajetória profissional acabaria se cruzando, de forma tão enfática e casual, novamente com o *Diário*. No entanto, ali estava ele, a pedido do antigo colega, intervindo junto a Associação em nome do jornal.

Alguns dias depois, uma vez realizada a reunião da Diretoria, o assunto foi amplamente discutido pelos diretores presentes. Deliberou-se, por unanimidade, nomear uma comissão que deveria estudar a possibilidade de fazer com que o *Diário Popular* voltasse a circular, faziam parte dela, Victorino Menegotto, Silvio da Cunha Echenique, Balbino Mascarenhas, Carlos Gotuzzo Giacoboni, José Faustini e Aires Noronha Adures⁷⁸.

Como medida preliminar, a comissão, ainda nessa reunião, pediu-me que, na qualidade de Diretor Geral da Associação e, ainda, porque conhecia bem o problema do DIÁRIO do qual havia sido revisor, jornalista [sic] e interpretador de telegramas, estabelecesse os primeiros contatos com os proprietários e, ao mesmo tempo, elaborasse um trabalho, no qual deveria focalizar os meios indisponíveis e necessários ao ressurgimento do jornal⁷⁹.

Foram realizadas duas reuniões oficiais na sede social da Associação Comercial a primeira em 10 de agosto de 1938 e a segunda em 7 de outubro do mesmo ano. Possuíam como objetivo, tratar, com os quotistas do *Diário Popular*, assuntos referentes a incorporação do jornal à Associação⁸⁰.

⁷⁸ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

⁷⁹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p.3.

⁸⁰ MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Relatório referente aos negócios do biênio 1938/1939 apresentado à Assembléia geral realizada em 19 de janeiro de 1940. **Relatórios de 1936-1959**. Pelotas, 19 de janeiro de 1940.

A Comissão, após mais de mês de conversa e entendimentos, chegou a uma solução definitiva com os proprietários, aceitando uma das exigências por estas impostas, qual seja a de manter todos os funcionários em seus cargos, principalmente os estáveis, bem como transformar-se em “órgão dos interesses gerais”. Aceita esta exigência, o preço da compra, incluindo o prédio, máquina impressora “Duplex Plana” e todo o material tipográfico, foi de Cr\$ 80.000,00 (dos velhos),

Em seguida, fui encarregado de elaborar a minuta do contrato social da firma que haveria de administrar o jornal e que tomou a designação de Gráfica Diário Popular Ltda., com o capital de Cr\$ 210.000,00 velhos, imediatamente subscritas pelos membros da Associação Comercial⁸¹.

Sendo assim, em virtude da legislação do Estado Novo⁸², que proibia os partidos políticos e seus órgãos de imprensa, o jornal foi transformado em um grupo consorciado passando a denominar-se Gráfica do *Diário Popular*⁸³. A comunicação de caráter oficial da transação foi registrada na Ata nº 410 redigida por Maximiano no dia 6 de junho de 1938⁸⁴. Nela o presidente Victorino Menegotto comunicava que “*amigos das tradições de Pelotas e membros da Diretoria*” haviam adquirido tanto o prédio quanto as máquinas do *Diário Popular* com o propósito de fazê-lo circular novamente. Afirmava ainda que o jornal “[...] reaparecerá inteiramente, remodelado, [e] será o porta-voz das classes conservadoras”. O presidente da Associação, Victorino Menegotto, e os organizadores do jornal confiaram a gerência do *Diário* à Maximiano, que aceitou de imediato o convite, deixando vago o cargo de Diretor Geral da Associação assumido por Que-rubim Queiroz⁸⁵.

⁸¹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3, p.3.

⁸² Decreto-Lei nº 383 de abril de 1938.

⁸³ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014.

⁸⁴ MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Ata nº 410 – Sessão ordinária de Diretoria, realizada no dia 6 de junho de 1938. **Sessões de Diretoria** – de 25/janeiro/1938 a 26/junho/1939 – Atas nºs 396 a 452. Pelotas, 6 de junho de 1938, pp. 36-38.

⁸⁵ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3.

E assim, depois de realizada algumas modificações em todos os setores e adquirindo algum material tipográfico novo, voltava a circular, no dia 20 de julho de 1938 o *Diário Popular* “marco atestador do progresso de nossa cidade e fiel depositário das tradições do nosso povo”⁸⁶. Figuravam no cabeçalho do jornal Maximiano, como gerente, e Djalma de Matos, como diretor da redação⁸⁷.

A profissão de Jornalista

Passados os primeiros meses da nova direção e organização do *Diário* via-se a necessidade de regularização de seus funcionários. Afinal, desde a regulamentação da Carteira Profissional em 1932 ela se tornara cada vez mais imprescindível aos trabalhadores⁸⁸. Dessa forma, em princípios de 1939 tem-se o registro de que oito empregados do *Diário* se dirigiram a Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul para solicitar o documento profissional⁸⁹, Maximiano estava entre eles.

Aos 29 anos, residente à Rua Benjamin Constant número 320, o jovem imigrante de cor branca com 1,64 cm de altura, olhos castanhos, cabelos pretos e bigode⁹⁰ requeria a Carteira Profissional em Pelotas. Isso demonstra, além da necessidade básica do documento, uma intenção inicial de regularização da sua situação no Brasil. Naquele momento

⁸⁶ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

⁸⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. *Diário Popular*, Órgão dos Interesses Gerais – Propriedade e Direção da <Grafica Diário Popular, Ltda>. **Recorte de Jornal**. *Diário Popular*. Pelotas. 28 de agosto de 1938.

⁸⁸ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Os trabalhadores Gráficos no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943). In: **Anais do XI Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**. Rio Grande: FURG, p. 01-12, 2012A.

⁸⁹ JAQUES, Biane Peverada. **Os Trabalhadores das Letras**: Empregados Gráficos do Rio Grande do Sul a partir da DRT-RS (1933-1943). Pelotas: UFPel, 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Bacharelado em História, Universidade Federal de Pelotas, 2014, 50p.

⁹⁰ ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Declaração 950. **Banco de Dados Digital** da DRT-RS. Núcleo de Documentação História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 1939.

Maximiano ainda não requisitara sua naturalização, mas, já possuía como beneficiária sua esposa, de naturalidade brasileira⁹¹.

Declarou na ficha de qualificação profissional como grau de instrução o nível superior⁹². No entanto, naquele período Maximiano ainda estava cursando o último ano da faculdade de direito. Naquele momento seu estabelecimento de trabalho era a Gráfica *Diário Popular* LTDA e a espécie de estabelecimento foi declarada como ‘jornal diário’⁹³. Sendo assim, a denominação da empresa corrobora com a perspectiva de Francisco Rüdiger⁹⁴, já exposta anteriormente, e vai ao encontro da afirmação de Aristeu Lopes⁹⁵ que aponta o *Diário Popular* como empresa jornalística, de fato, esta atividade foi intensa no Rio Grande do Sul entre os anos de 1933 a 1943⁹⁶.

Mesmo apresentando um certificado de função alegando ser diretor do *Diário Popular* e cursando o último ano da faculdade de direito, Maximiano, se auto declarou como jornalista de profissão⁹⁷. Naquele período fazia menos de um ano que a atividade havia sido reconhecida no Brasil pelo decreto-lei n° 910 de 30 de novembro de 1938, promulgado no Estado Novo por Getúlio Vargas. De acordo com o decreto, “entende-se como jornalista o trabalhador intelectual cuja função se estende [sic] desde a busca de informações até à redação de notícias e artigos e à organização, orientação e direção desse trabalho”⁹⁸.

⁹¹ ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Declaração 950. **Banco de Dados Digital** da DRT-RS. Núcleo de Documentação História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 1939.

⁹² ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Declaração 950. **Banco de Dados Digital** da DRT-RS. Núcleo de Documentação História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 1939.

⁹³ ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Declaração 950. **Banco de Dados Digital** da DRT-RS. Núcleo de Documentação História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 1939.

⁹⁴ RÜDIGER, Francisco. *Op. Cit.*, 2003.

⁹⁵ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Jornalista também solicita carteira de trabalho: os trabalhadores da imprensa através da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943). In: **I Encontro Internacional Fronteiras e Identidades**, 2012, Pelotas-RS. Anais do I Encontro Internacional Fronteiras e Identidades. Pelotas-RS: Editora e Gráfica da UFPel, p. 131-140, 2012B.

⁹⁶ *Id.*

⁹⁷ ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Declaração 950. **Banco de Dados Digital** da DRT-RS. Núcleo de Documentação História da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 1939.

⁹⁸ DECRETO-LEI N° 910 DE 30 DE NOVEMBRO DE 1938. **Dispõe sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas**. Capítulo I, Art. 1º, Inciso 1º. Brasil, 1938. Disponível em

Neste sentido, pode-se afirmar a existência, no *Diário* de uma

[...] relação básica entre escolaridade e função desempenhada. Os indivíduos que possuíam o nível de instrução mais elevado desenvolviam atividades que exigiam maior envolvimento com a escrita das matérias e artigos impressos no jornal. Enquanto que aos que possuíam o nível de instrução primária ficavam destinadas as tarefas mais gerais [...]⁹⁹.

Considerando as disposições acerca da profissão de jornalista, Aristeu Lopes afirma que esta função deveria ser desempenhada pelo trabalhador intelectual¹⁰⁰. Maximiano se enquadra nesta perspectiva, como já foi exposto anteriormente, ele possuía domínio e conhecimento acadêmico da escrita devido sua formação complementar no curso de letras no liceu em Portugal, o que o capacitava, entre outros fatores, a desempenhar o cargo que ocupava no *Diário Popular*.

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declci/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 23 de dezembro de 2016.

⁹⁹ JAQUES, Biane Peverada. *Op. Cit.*, 2014, pp. 40-41.

¹⁰⁰ LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Op. Cit.*, 2012B.

Capítulo III

Advogado

De jornalista a advogado

No capítulo anterior foram abordados alguns aspectos da trajetória profissional de Maximiano no *Diário Popular*. Discutiu-se desde suas primeiras atividades no jornal até sua atuação, como intermediário, no processo de reabertura do *Diário* em 1938. Buscou-se apontar as estratégias realizadas, tanto de forma consciente quanto inconsciente, para integrar o campo da imprensa pelotense no século XX, composto principalmente por uma elite conservadora e emergente, da cidade. Neste capítulo será abordada a forma como a inserção de Maximiano nesse espaço de sociabilidade possibilitou sua ascensão social e profissional enquanto operador do direito.

Poucos meses após a reabertura do *Diário Popular* o senhor Djalma Matos decidiu deixar o cargo de gerente do jornal, ele era advogado e havia deliberado atuar como operador do direito. Dessa forma, a necessidade iminente de preencher o cargo fez com que Maximiano aconselhasse o presidente da Gráfica *Diário Popular*, Vitorino Menegotto, “[...] buscar, no *Diário de Notícias em Porto Alegre um de seus mais destacados repórteres e que já havia trabalhado no jornal O Libertador, o Sr. Pedro Campos*”¹.

¹ Minha passagem pelo “Diário Popular”. *Diário Popular*. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

Essa é apenas uma das reviravoltas que a pesquisa pode empreender ao pesquisador, e considere importante fazer uma pausa para compartilhar com o leitor: Pedro Campos era, no *insight* inicial, antes mesmo de escrever um anteprojeto de pesquisa de mestrado, uma das possibilidades de biografado, junto com Maximiano. Ambos haviam solicitado a Carteira Profissional em 1939 e integraram o objeto de estudo no trabalho de conclusão de curso da autora, que consistia nos Empregados Gráficos do Rio Grande do Sul. No entanto, como já havia sido mencionado no memorial, na parte introdutória do livro, no período de levantamento de fontes para a pesquisa não foi possível encontrar novas referências sobre Pedro Campos, naquele momento não se tinha a informação de que ele era repórter do *Diário de Notícias* ou que havia trabalhado no *O Libertador*. Essas questões surgiram posteriormente através da análise biográfica de Maximiano o que de fato demonstra como as trajetórias individuais perpassam umas nas outras e uma das formas de serem capturadas é justamente nas análises de redes sociais.

O fato de Maximiano sugerir, e Vitorino acatar a proposta de buscar novo funcionário na capital, um já “destacado” repórter em um jornal conceituado como o *Diário de Notícias*, ainda que para desempenhar uma função de direção, demonstra a respeitabilidade e importância do *Diário Popular* no período. Essa afirmação é corroborada pela informação de que Pedro Campos aceitou o cargo e em 20 de outubro de 1938 passou a figurar no cabeçalho do jornal como Secretário da Redação. “*Ele deu ao jornal uma nova feição gráfica, criando, nos moldes de ‘O Jornal’, líder dos Diários Associados, os títulos contados e a reportagem ilustrada, na qual se sobressaiu como repórter-fotográfico o Ramão Barros*”².

² Minha passagem pelo “Diário Popular”. *Diário Popular*. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p.3.

Como observou Rosendo Caetano³, entre as décadas de 1920 e 1930 poucas fotografias foram publicadas no *Diário Popular*. “O fator limitante era o preço pago pelos clichês fotográficos, que era encarecido pela escassez de material e de pessoal qualificado para o complexo processo de gravação”⁴. Entretanto, este padrão visivelmente se modificou a partir de 1938 com o começo das atividades de Pedro Campos no jornal. Sendo assim, com a década de 1940 se iniciava no *Diário* um novo formato de noticiar ao leitor, com imagens fotográficas ocupando um espaço considerável nas páginas, as reportagens, que antes possuíam títulos objetivos, deram lugar aos descritivos, mais atrativos ao leitor.

Como, em 1938, dadas as funções de gerente, que acumulava com as de noticiariasta [sic] e interpretador de telegramas, não tivesse prestado os exames parciais em setembro, na Faculdade de Direito, o que me acarretou [Maximiano] repetir o 4.º ano, pedi para passar para a redação, pois, como então declarei ao presidente da Gráfica, minha principal finalidade era concluir o curso jurídico. Fui atendido nesse pedido, sendo-me entregue o cargo de secretário e, para gerente, foi convidado o saudoso Salvador Hitta Porres, alteração essa sacramentada na edição de 27 de janeiro desse ano, em que meu nome deixou de figurar naquela função. Para melhor ajustar as coisas, pois não poderiam haver dois secretários da redação, o Pedro Campos passou a diretor⁵.

Como Maximiano aponta na passagem acima, além de sua atuação no *Diário Popular* como gerente, acumulava as funções de noticiariasta e interpretador de telegramas. Em função disso, por estar sobrecarregado de atividades relacionadas ao jornal, não conseguiu prestar os exames parciais na Faculdade de Direito, fazendo com que, no ano seguinte, repetisse o quarto ano do curso. Como seu principal objetivo, naquele momento, era se tornar um operador do direito solicitou ao senhor Vitorino Menegotto

³ CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do *Diário Popular***: Pelotas, 1923-1939. Pelotas: UFPel, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2014, 248p.

⁴ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014, p.54.

⁵ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. ***Diário Popular***. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3, p.3.

que se alterasse sua função, passando a atuar como secretário da redação a partir de 1939.

Maximiano, pautado em seus objetivos e possibilidades de atuação, tomou uma decisão: a de se dedicar mais intensivamente para se tornar advogado mesmo que isso acarretasse diminuir sua atuação no *Diário Popular*. Entendeu que possuiria mais chances de ascensão social e profissional como operador do direito. Esta atitude pode ser resultado da prática recorrente dos membros da redação, normalmente estudantes da Faculdade de Direito⁶, de utilizar o jornal como meio de acesso para a advocacia depois de formados. Como, por exemplo, Guilherme Schultz e Djalma Matos que já haviam deixado o jornal em função disso, como já mencionado anteriormente.

A solicitação da naturalização

De acordo com Carmen Schiavon⁷, é um fato que durante todo o período do Estado Novo no Brasil ocorreu um forte estreitamento das relações luso-brasileiras.

Muito embora todo o empenho do governo brasileiro em busca da nacionalização do país, o que implicava diretamente num processo de naturalização de muitos estrangeiros, o percentual de portugueses que buscam a naturalização é relativamente baixo se comparada a outras etnias. Para se ter uma idéia em 1940, a taxa de portugueses naturalizados brasileiros no país representava o percentual de 7% (no Rio de Janeiro este número caía para 6%), quanto que, no mesmo período, o número de alemães naturalizados no Brasil subia para 10% no país (no Rio de Janeiro era de 8%) e entre os italianos este percentual subia para 12% no Brasil e mantinha o índice de 8% no Rio de Janeiro⁸.

⁶ CAETANO, Rosendo da Rosa. *Op. Cit.*, 2014, 248p.

⁷ SCHIAVON Carmem Burgert. *Estado Novo e relações luso-brasileiras (1937-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007, 304p, p. 176.

⁸ *Id.*, p.197-198.

Ao encontro desta perspectiva, o governo brasileiro estipula, junto com a política nacionalista varguista, “[...] um período para a naturalização de todos os jornalistas estrangeiros no país, sob pena de cancelamento do seu registro profissional”⁹. Ainda que Maximiano não fosse um jornalista sindicalizado de profissão, esta situação demonstrava ainda mais a sua necessidade de naturalização enquanto imigrante. No entanto, “[...] as naturalizações espontâneas de membros da colônia portuguesa são [eram] tidas como uma espécie de atentado à integridade da Nação portuguesa [...]”¹⁰. Além disso, “[...] o português que optava pela naturalização brasileira, como se pode presumir, não poderia continuar usufruindo do seu *status* de português em Portugal”¹¹.

Com a formatura se aproximando e a intenção iminente de atuar como advogado, cada vez mais se tornava imprescindível a naturalização brasileira de Maximiano. Apenas a Carteira Profissional não era suficiente para atuar como operador do direito. Afinal, de acordo com o Art. 150 da constituição de 1937, só poderiam: “[...] exercer profissões liberais os brasileiros natos e os naturalizados que tenham prestado serviço militar no Brasil [...]”¹². Sendo assim, “[...] viu-se obrigado a requerer a sua naturalização em meados de 1940”¹³.

Dessa forma, levando em consideração todos os aspectos, positivos e negativos, envolvidos na questão da naturalização pelos imigrantes portugueses, Maximiano pode ter entendido que sua ascensão social teria maior chance como imigrante português, naturalizado brasileiro. Assim, poderia atuar profissionalmente de forma livre e independente possuindo maior probabilidade de sucesso.

⁹ *Id.*, p. 200.

¹⁰ *Id.*, p. 203.

¹¹ *Id.*, p. 204.

¹² ART. 150. **Constituição de 1937**. Brasil, 10 de novembro de 1937. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pl.html>>. Acesso em 19 de janeiro de 2017.

¹³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7, p. 2.

A Faculdade de Direito de Pelotas

De acordo com Valesca Costa¹⁴, no final do século XIX e início do XX percebe-se uma preocupação iminente da elite pelotense, em especial dos membros pertencentes a maçonaria, em relação aos assuntos envolvendo o acesso à educação e à formação dos seus jovens.

Aqui deve-se destacar a importância da criação de uma das instituições mais antigas da cidade de Pelotas, o Colégio Pelotense, que com o apoio da maçonaria dará origem a algumas das instituições de ensino superior, dentre elas a Faculdade de Direito de Pelotas [em 1913]¹⁵.

Com todo o desenvolvimento e progresso na cidade de Pelotas no período foi “[...] necessário que se implantasse instituições educacionais que sanassem o anseio de cultura de uma população que emergia junto à opulência [...]”¹⁶ da cidade. Essa elite emergente buscava influência nos altos postos políticos através de cargos de destaque para os seus herdeiros. Dessa forma, fica evidente que a fundação da Faculdade de Direito de Pelotas está intimamente relacionada com os interesses de uma elite em ascensão. A criação da Faculdade, “[...] serviu aos interesses maçônicos de atuação junto à formação profissional de um grupo que se consolidava na cidade nos primeiros anos desse século [o XX]: os profissionais liberais”¹⁷.

No final do ano de 1940 finalmente ocorreria a solenidade que conferiria o diploma de bacharel em direito à Maximiano. A missa em ação de graças ocorreu na Catedral de Pelotas às 8h do dia 13 de dezembro de 1940 e a imposição oficial de grau foi no salão nobre da Biblioteca Pública Pelotense às 20h30min do mesmo dia¹⁸. Figurava como paraninfo o Dr.

¹⁴ COSTA, Valesca Brasil. Trajetória de diplomados na Faculdade de Direito de Pelotas/RS/Brasil (1960-1970): Herdeiros ou trãnsfugas?. In: **Anais I Seminário Internacional Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica**. Pelotas: UFPel, pp. 1-20, 2012.

¹⁵ *Id.*, p. 8-9.

¹⁶ *Id.*, p. 8.

¹⁷ *Id.*, p.10.

¹⁸ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Convite da Faculdade de Direito de Pelotas. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 1º de dezembro de 1940.

Joaquim Duval e entre os homenageados destaca-se o Dr. Tancredo Amaral Braga, vice-diretor da Faculdade de Direito e o Dr. Bruno de Mendonça Lima¹⁹. Como já foi mencionado, os dois últimos haviam sido padrinhos de casamento de Maximiano e mais uma vez faziam o papel de mentores do afilhado. Na passagem abaixo se observa, na relação entre Bruno de Mendonça Lima com a Faculdade de Direito de Pelotas, sua influência e posição de destaque na sociedade pelotense.

Com o passar dos anos a Faculdade de Direito de Pelotas consegue sedimentar-se como forte local de educação, e recebe forte apoio com a chegada em 1916 do então professor Bruno de Mendonça Lima, homem que dedicaria sua vida e obra a esta instituição de tal maneira que, ainda hoje, muitos se referem à Faculdade de Direito como a ‘Casa de Bruno Lima’²⁰.

Os “jovens bacharelados”, considerados, pelo *Diário Popular*, como “[...] uma das mais brilhantes turmas que tem passado pela nossa DOMUS JURIS²¹” eram, da esquerda para a direita de acordo com a figura abaixo, os senhores: Maximiano Pombo Cirne, João Barcelos de Souza (orador da turma), Alcides Mendes, Isaac Martins Bühner, Aquelinno Translatti, N. Hamir Abduch, Luiz G. F. Medeiros, Epaminondas P. Torres, Germano Petrucci Filho, José A. S. Macedo, Dinar Gigante, e Procópio M. Aquino²².

¹⁹ PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Convite da Faculdade de Direito de Pelotas. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 1º de dezembro de 1940.

²⁰ COSTA, Valesca Brasil. *Op. Cit.*, 2012 p.10.

²¹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A solene formatura dos novos bacharéis pela Faculdade de Direito de Pelotas. **Recorte de Jornal**. *Diário Popular*. Pelotas, 13 de dezembro de 1940.

²² ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A solene formatura dos novos bacharéis pela Faculdade de Direito de Pelotas. **Recorte de Jornal**. *Diário Popular*. Pelotas, 13 de dezembro de 1940.



Figura 3. Formandos do ano de 1940 da Faculdade de Direito de Pelotas
Fonte: Arquivo Privado de Maximiano Pombo Cirne

O evento possuiu extrema relevância para a elite da sociedade pelotense do período, na ocasião o quadro de formatura fez parte de uma “*exposição, numa mostra da Casa Levy, gentilmente cedida*”²³. A formatura foi bastante noticiada, inclusive em Portugal, o *Correio Português* relatou que:

[...] Maximiano P. Cirne, que já nos bancos universitários da velha e gloriosa Coimbra se afirmara como um dos melhores valores da nova geração, e vem confirmar, na Faculdade de Pelotas, os seus dotes de inteligência e dedicação ao estudo através de uma carreira invejável.

Novo ainda, o Dr. Maximiano P. Cirne é figura de realce na sociedade pelotense, onde goza da melhor consideração, e desde muito tempo se afirmou o brilhante jornalista que tocou o Estado sulino admira através da sua colaboração no Diário Popular, da referida cidade.

*Ao iniciar uma nova e espinhosa carreira, o Correio Português apresenta ao ilustre amigo e jovem advogado os seus melhores votos de felicidade, esperando que as suas actividades [sic] no campo jurídico não façam desaparecer o jornalista consagrado do nosso prestigioso colega Diário Popular*²⁴.

Também o *Progresso da Murtosa* fez sua homenagem:

²³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A solene formatura dos novos bacharéis pela Faculdade de Direito de Pelotas. **Recorte de Jornal.** Diário Popular. Pelotas, 13 de dezembro de 1940.

²⁴ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Na cidade de Pelotas/Colação de Grau. **Recorte de Jornal.** Correio Português. Portugal, 02 de fevereiro de 1941.

[...] o <Progresso> tinha o dever de dar relêvo [sic] a um acontecimento, que, embora ocorrido do outro lado do Atlântico, encheu de satisfação os conterrâneos e os numerosos amigos, aqui, do dr. Maximiano Cirne.

Este nosso querido amigo triunfou à custa do seu próprio esforço.

Os seus estudos superiores fê-los [sic] ao mesmo em que trabalhava no jornalismo, tendo, neste ramo de actividade [sic], conquistado no Rio Grande do Sul um logar [sic] de destaque, como já tivemos ocasião de referir.

[...]

Maximiano P. Cirne, doublé de jornalista e advogado, a quem não faltam nem talento nem qualidades de trabalho para conquistar de cada vez mais, um logar de rêlevo [sic] na sociedade Pelotense – onde já é muito considerado – tem na sua frente um caminho brilhante, que não lhe é difícil de trilhar, não só porque possui uma vontade de ferro para vencer na vida, mas também porque não lhe faltam os restantes predicados para que seja completo êsse [sic] triunfo²⁵.

Mesmo do outro lado do Atlântico o ato de formatura de Maximiano mereceu destaque nas páginas dos jornais, onde os conterrâneos e amigos afirmavam extrema satisfação com o ocorrido. Asseguravam que desde o breve período em que cursou a Universidade de Coimbra, ainda em Portugal, havia demonstrado grande capacidade e competência, que foram comprovadas na Faculdade de Direito de Pelotas. Além de demonstrar que Maximiano mantinha contato com alguns jornalistas dos periódicos portugueses.

Mesmo atuando simultaneamente à Faculdade de Direito, como jornalista no *Diário Popular*, Maximiano foi capaz de construir uma “carreira invejável” conquistando um lugar de “destaque” e “realce” na sociedade pelotense, como um “brilhante jornalista” triunfando “à custa do seu próprio esforço”. Naquele momento iniciava uma “nova e espinhosa carreira”, a de advogado, no entanto, por possuir “talento” e “qualidades de trabalho” teria pela frente “um caminho brilhante”. Porém, faziam votos de que, mesmo triunfante na nova profissão, o jornalista não desaparecesse.

²⁵ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Dr. Maximiano Pombo Cirne concluiu o Curso de Direito, no Brasil, êste nosso prezado conterrâneo. **Recorte de Jornal.** Progresso da Murtosa. Murtosa, 20 de julho de 1941.

O falecimento de Manoel e a decisão de transferir residência para o Rio de Janeiro

No final do ano de 1941, mais uma vez ocorreria uma situação que foge do controle humano, alterando e modificando experiências, planos e expectativas. Em 15 de agosto falecia o senhor Manoel, ainda jovem, com pouco mais de 50 anos²⁶ no hospital de Beneficência Portuguesa de Pelotas. O enterro teve repercussão tanto em Pelotas quanto em Portugal, como se observa a seguir, respectivamente.

[...] antigo e conceituado comerciante da praça e que pelas suas elevadas qualidades gozava do apreço geral, não só entre a colônia lusa como no nosso meio comercial e social.

[...]

Avultado foi o numero de pessoas que compareceu á residência mortuária, à rua Voluntários n° 506, entre as quais comissões da Beneficência Portuguesa, Centro Português e Associação dos Varejistas [...]

[...] colocado em coche fúnebre especial [...] seguindo-se extenso cortejo, além de cinco automóveis com flores e coroas²⁷.

Elemento influente da colônia, fez parte da Diretoria da Beneficência Portuguesa e do Centro Português, e era sócio benemérito da Associação Comercial dos Varejistas, da qual foi presidente, prestando relevantes serviços.

Muito estimado e relacionado, o seu enterro, que se realizou em 15 de Agosto e no qual tomaram parte cerca de cem automóveis conduzindo pessoas das suas relações de amizade, foi uma verdadeira consagração da alta estima que gozava no seio da sociedade pelotense, bem como da colônia lusitana²⁸.

Como já havia sido averiguado anteriormente, de acordo com as passagens, Manoel era um “muito estimado”, “antigo e conceituado comerciante”, da cidade de Pelotas. O que vai ao encontro da afirmativa de

²⁶ As fontes divergem em relação à idade exata de Manoel na data de seu falecimento.

²⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Necrologia Manoel Luiz Cirne. **Recorte de Jornal**. Folha do Povo. Pelotas, 16 de agosto de 1941.

²⁸ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A'Sombra da Cruz. **Recorte de Jornal**. Progresso da Mur-toda. Murtosa, 10 de setembro de 1941.

que no seu enterro, compareceram figuras influentes do Hospital de Beneficência Portuguesa, Centro Português e da Associação dos Varejistas, das quais Manoel fez parte em diversas ocasiões, inclusive em cargos de diretoria. Dessa forma, era considerado uma figura de “apreço geral” e “elemento influente”, tanto na colônia lusa quanto no meio social e comercial da cidade. O “extenso cortejo” que teria se formado na ocasião de seu falecimento evidencia essa afirmação como sendo uma “verdadeira consagração de sua alta estima”.

Em um papel já amarelado pela ação do tempo, e sem data gravada, Maximiano escrevia de próprio punho as seguintes palavras:

Meu pai

Manuel Luiz de Sousa Cirne [...] filho de Manuel José Afonso Cirne e de Maria Rosa da Silva Pereira, nascido em 27 de fevereiro de 1886, às 9 horas da manhã, na freguesia de Bunheiro [...]. Neto paterno de João Cirne de Sousa e de Maria Luiza Tavares[?] e Cirne e materno de Domingos Manuel da Silva de Bastos e de Maria Caetana Pereira.

*Faleceu em 15 de agosto de 1941, às 15 horas, no quarto particular [...] do Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência para o qual entrou em 25 de julho [...]*²⁹.

Maximiano realiza na sequência do manuscrito um breve histórico familiar do pai, apontando alguns familiares próximos e sua relação com Portugal. Na passagem acima fica evidente a necessidade de perpetuação do pai por parte de Maximiano. Através da escrita ele *rememora* Manoel, para não *esquecer* e não deixar ser *esquecido*, um processo natural da memória³⁰. Em relação à perda, Candau acrescenta que,

Queremos tudo abraçar de nosso passado e sem dúvida prestamos mais atenção do que antes ao que já foi perdido. Por essa razão, não podendo tudo guardar, é despertado em nós um sentimento, de esfacelamento daquilo que é impossível captar em sua totalidade. Por outro lado, se o que é transmitido

²⁹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Meu pai [Manuscrito]. **Documentação Pessoal**. [sem local], [sem data].

³⁰ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

não é estruturado é porque, obcecados pela perda, queremos tudo transmitir sem hierarquia nem discernimento ³¹.

A maneira como os indivíduos lidam com a perda informa sempre sobre o jogo de memória e identidade a que pertencem³². Nesse sentido é possível deduzir que, da mesma forma que a morte da mãe, ainda que em um momento anterior, pode ter influenciado sua decisão de retornar a Portugal, a perda do pai possivelmente foi um impulsionador para a decisão de deixar, novamente, Pelotas. É evidente, de acordo com as fontes, que acompanhar o pedido de naturalização, já feito por ele, foi o fator primordial na tomada desta decisão.

“Expressiva homenagem ao distinto jornalista”

Foi assim que, em 1942, depois de solicitar a naturalização brasileira, da colação de grau em direito, virando de fato advogado, e com a morte do pai, Maximiano deixava o *Diário Popular*. Possuía como intenção, residir no Rio de Janeiro³³, a fim de acompanhar de perto o processo de sua naturalização³⁴. Vale ressaltar que, naquele período, “[...] o Rio de Janeiro se constituía como pólo principal de construção da cultura do Estado Nacional³⁵”.

O jantar de homenagem “ao distinto jornalista” ocorreu em 22 de agosto de 1942, “dia em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial”³⁶. Abaixo é possível observar a repercussão da decisão de Maximiano

³¹ CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p 189-190.

³² *Id.*

³³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O jornalista dr. Maximiano Cirne alvo de significativa homenagem. **Recorte de Jornal**. *Diário Popular*. Pelotas, 26 de agosto de 1942.

³⁴ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

³⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 329.

³⁶ Minha passagem pelo “*Diário Popular*”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

na sociedade pelotense e especificamente nos meios em que estava inserido de forma mais ativa, demonstrando o alto prestígio e posição social que gozava.



Figura 4. Jantar de homenagem à Maximiano Cirne em 1942
Fonte: Arquivo Privado de Maximiano Pombo Cirne

Companheiro dedicado e sincero, Cirne, pelas suas excepcionais qualidades de caráter e coração, soube fazer de cada um dos que trabalham no DIÁRIO POPULAR um verdadeiro amigo, motivo pelo qual o seu afastamento causou-nos profunda mágoa.

Conforta-nos, entretanto, a certeza de que esse bom companheiro, amigo de todas as horas, que conosco compartilhou das raras alegrias e das constantes amarguras da vida de jornal, há-de lá fora triunfar, pelo seu talento e pelas suas qualidades e como aqui, se fazer estimar e querer.

Os seus companheiros de trabalho e numerosos outros amigos ofereceram-lhe, sábado último, um jantar de despedida no Rio-Hotel.

O homenageado teve oportunidade de sentir o quanto é estimado em nosso meio.

Exaltando as qualidades do homenageado, pondo em relevo a sua brilhante atuação como jornalista e os seus grandes serviços prestados ao DIÁRIO POPULAR falaram os nossos companheiros Pedro Campos e Ladislau Rohnelt, diretor e redator desta folha, respectivamente, e os acadêmicos Anselmo Amaral, Mozart Victor Russomano e Delfim Silveira.

Visivelmente comovido Maximiano agradeceu a homenagem³⁷.

³⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Expressiva homenagem ao distinto jornalista dr. Maximiano Cirne. **Recorte de Jornal.** Diário Popular. Pelotas, 26 de agosto de 1942.

A passagem acima demonstra que Maximiano era considerado pelos amigos um “companheiro dedicado e sincero” de “bom caráter e coração” “estimado nos meios em que vivia” principalmente pela sua “brilhante atuação como jornalista”. Era dotado de “excepcionais qualidades” e, portanto, seu afastamento do *Diário Popular* causava profunda tristeza, eram confortados pela certeza de que triunfaria na nova etapa de sua vida. Dessa forma, ofereciam um jantar de despedida em sua homenagem no qual falaram Pedro Campos, diretor do *Diário*, Ladislau Rohnelt, redator, Mozart Victor Russomano, importante figura do ambiente jurídico pelo-tense, espaço que Maximiano passava cada vez mais a integrar, entre outros.

A decisão tomada por Maximiano foi pautada nas possibilidades e contexto específico em que estava inserido. Possivelmente não foi fácil, mas ele definitivamente possuía condições específicas, inclusive financeiras, para decidir e poder fazer isso. O apoio dos colegas e do jornal não deve ser minimizado neste contexto, afinal, como o próprio aponta:

Não me desvinculei, porém, do DIÁRIO. O Salvador Porres nomeou-me seu correspondente no então Distrito Federal com o salário mensal de Cr\$ 400,00 velhos e, com a redemocratização do País, passei a mandar, diariamente, o meu Comentário Parlamentar, que era publicado em rodapé na última página e que só deixou de figurar, quando retornei a Pelotas [...]”³⁸.

Por último, vale ressaltar, ainda que de forma breve, que:

Encerrando a cordial festa, foi erguido um brinde em honra ao presidente da República por ter, na tarde daquele dia, (sábado), proporcionado aos brasileiros a oportunidade de desafrontar a Pátria, ante as agressões miseráveis do ‘eixo’, permitindo, por outro lado, ao Brasil, lutar ao lado das nações unidas³⁹.

³⁸ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3.

³⁹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Expressiva homenagem ao distinto jornalista dr. Maximiano Cirne. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 26 de agosto de 1942.

Os radiojornais vinham divulgando já há algum tempo os feitos de guerra das tropas norte-americanas⁴⁰, e com a pressão de grandes manifestações⁴¹ percebe-se o apoio popular em relação à entrada do Brasil na guerra contra o Eixo. Neste sentido, aquele sábado de agosto de 1942, reforçaria, ainda que em caráter provisório, o prestígio de Getúlio Vargas⁴². O que vai ao encontro do brinde, erguido no jantar de homenagem à Maximiano, em “homenagem ao presidente da República” por ter “proporcionando aos brasileiros desafrontar a pátria”. Afinal, “entre 5 e 17 de agosto de 1942, cinco navios mercantes brasileiros foram [havia sido] afundados por submarinos alemães⁴³”.

Paradoxalmente, apesar de certa afinidade ideológica, que poderia facilitar a maior aproximação com os alemães, as relações entre Brasil e Alemanha sofreram um abalo em 1938. Nesse ano o regime estabilizou-se, eliminando da cena política a única força que ainda escapava a seu controle: o integralismo. Ao mesmo tempo que marcava sua distância com o fascismo nacional, o Estado Novo investia contra grupos nazistas existentes no Sul do país⁴⁴.

As transformações que vinham ocorrendo desde a segunda metade da década de 1930 estiveram fortemente marcadas e guiadas por valores que haviam sido construídos desde o final da Primeira Guerra Mundial⁴⁵. Nos cinco primeiros anos do Estado Novo, o regime estava definindo e consolidando o poder de Estado⁴⁶. Nesse sentido, o “[...] processo de aproximação dos Estados Unidos com o Brasil foi possível graças à montagem

⁴⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.*, 2011.

⁴¹ BORIS, Fausto. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2008.

⁴² SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o estado novo. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em Perspectiva**. São Paulo: Dital, p. 256-282, 1985.

⁴³ BORIS, Fausto. *Op. Cit.*, 2008 p.211.

⁴⁴ BORIS, Fausto. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2008 p. 210.

⁴⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.*, 2011.

⁴⁶ SOLA, Lourdes. *Op. Cit.*, 1985, p. 256-282.

e à organização da Política de Boa Vizinhança durante o governo Roosevelt⁴⁷. Em consequência desta aliança, foram eliminadas as companhias de aviação alemã e italiana, Condor e Lati, respectivamente⁴⁸.

As transformações em curso durante o governo Vargas na sociedade brasileira e o impacto da Segunda Guerra Mundial alteraram de forma significativa o cotidiano da sociedade brasileira⁴⁹. Essa aliança, que proporcionou uma nova relação cultural entre Estados Unidos e Brasil, contribuiu tanto em aspectos políticos e econômicos quanto no campo das artes e arquitetura em ambos os países⁵⁰.

O que de fato convém observar é que de acordo com os fatores aqui apresentados, o projeto de ascensão social-profissional idealizado por Maximiano estava tomando forma. Em um momento de instabilidade, em função da Segunda Guerra Mundial, ele estava transferindo residência para a “Cidade Maravilhosa” possuindo diversos intuítos e nenhum em específico.

Última fase de atuação direta no *Diário Popular*: as reportagens

Pelo que pode ser observado até o momento, desde o início das atividades profissionais de Maximiano no *Diário Popular*, em 1934, ele possuiu, uma participação ativa em grande parte das questões relacionadas ao jornal. Prova disso, é que em 1938 se tornou diretor do *Diário*, acumulando, de acordo com ele, as tarefas de “noticiarista e interpretador de telegramas”. Somando-se a estas, considera-se necessário tratar, ainda que de forma breve, sua atuação como “representante” do jornal especificamente entre 1939 a 1940. É importante ressaltar que é neste momento que Maximiano possuiu maior influência no jornal e também o período em que salvaguardou, no seu acervo pessoal, diversas reportagens, que se supõe de sua

⁴⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.*, 2011, p. 342.

⁴⁸ SOLA, Lourdes. *Op. Cit.*, 1985, p. 256-282.

⁴⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. Cit.*, 2011.

⁵⁰ *Id.*

autoria. Esta é a última fase de sua atuação direta⁵¹ no jornal antes de iniciar, de fato, sua carreira como advogado.

Até o ano de 1938 eram encontradas no acervo de Maximiano apenas reportagens esparsas. No entanto, entre 1939 a 1940, considerando, como já mencionado, o período de sua maior influência no *Diário Popular*, este padrão se modifica. Foram salvuardados diversos recortes de jornal acerca de reportagens de diferentes assuntos. Excetuando-se as demais, neste momento, e tratando apenas das que se supõe de sua autoria foram apontados 16 recortes de jornal. Destes, selecionou-se 6 reportagens que demonstram sua atuação profissional e as relações sociais em que estava inserido

Antes de apresentar as reportagens selecionadas é necessário esclarecer um aspecto da análise desenvolvida neste ponto da pesquisa. Como se tratam de recortes de jornal convém deixar claro que eles se encontram separados do conjunto original do periódico. Este pode ser considerado um fator problemático na análise da documentação. No entanto, ao encontro da perspectiva de Tânia de Luca, acerca da inexistência de “[...] um roteiro rígido e tampouco espécie de fórmula ou elixir aplicável a quaisquer impressos, circunstâncias ou períodos⁵²”, considero como sendo a proveniência do recorte, o arquivo privado de Maximiano, sem entender isso como fator prejudicial para a pesquisa. Ao contrário, este fator corrobora e é fundamental para o desenvolvimento da análise. Afinal, a proposta central da pesquisa consiste em uma análise de caráter biográfica utilizando como fonte principalmente o arquivo privado de Maximiano.

A primeira reportagem aborda a “Caravana *Diário Popular*”⁵³, se tratava de uma excursão, realizada pelo jornal, pela região sul do estado para elaborar um memorial que deveria ser enviado a Getúlio Vargas. Este posuiria como objetivo demonstrar a necessidade da construção de uma

⁵¹ Como já foi mencionado, Maximiano continuou atuando de forma indireta no *Diário Popular* até seu falecimento em 1992.

⁵² LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, p. 111-154, 2005, p. 130.

⁵³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Chegou, ontem, a São Lourenço a <Caravana *Diário Popular*>. **Recorte de Jornal**. Pelotas. *Diário Popular*, 29 de março de 1939.

estrada de ferro ligando Pelotas á Santa Maria. Acompanhado de Querubim Queiroz, diretor geral da Associação Comercial de Pelotas, nesta “caravana”, “[...] o nosso companheiro, Maximiano P. Cirne, que viaja devidamente credenciado para representar o DIÁRIO POPULAR em tudo quanto se tornar necessário durante a excursão⁵⁴”.

A segunda reportagem intitula-se “Entre Urbano Garcia, Miguel Barcelos e Domingos de Almeida haverá um lugar para Simões Lopes Neto e outro para F. Osório⁵⁵”, trata acerca do reconhecimento, pela academia de Letras do Rio Grande do Sul e instalação de monumento em homenagem a eles. O entrevistado é o senhor Quincio Barcelos, professor da Faculdade de Agronomia de Porto Alegre que ocupava à época a cadeira de patrono da Academia. De acordo com a legenda da fotografia que acompanha a reportagem, apresentada abaixo, a entrevista é concedida ao *Diário Popular*, ali representado apenas por Maximiano, à esquerda. Como já foi mencionado, anteriormente, Augusto Simões Lopes foi padrinho de casamento de Maximiano e Fernando Osório amigo, professor e mentor.



Figura 5. Reportagem realizada por Maximiano em 1939

Fonte: Arquivo Privado de Maximiano Pombo Cirne

⁵⁴ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Chegou, ontem, a São Lourenço a <Caravana Diário Popular>. **Recorte de Jornal**. Pelotas. Diário Popular, 29 de março de 1939.

⁵⁵ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Entre Urbano Garcia, Miguel Barcelos e Domingos de Almeida haverá um lugar para Simões Lopes Neto e outro para F. Osório. **Recorte de Jornal**. Pelotas. Diário Popular, 24 de junho de 1939.

A terceira reportagem trata acerca das casas comerciais na cidade⁵⁶, o entrevistado concede sua entrevista ao *Diário Popular*, que mais uma vez é representado por Maximiano. Este era um assunto de seu interesse geral assim como do jornal. Como já foi demonstrada no capítulo anterior, Maximiano possuía forte ligação com o comércio local, havia sido diretor geral da Associação Comercial, que naquele momento já havia comprado o jornal, e seu pai, Manoel, da Associação dos Varejistas. Ressalta-se também que a poucos meses Querubim Quiroz, que atualmente era diretor geral da Associação Comercial, havia integrado a “Caravana *Diário Popular*”.

Na quarta reportagem fica evidente a combinação do interesse pessoal de Maximiano com o profissional do *Diário Popular*. O título já evidencia essa amálgama: “Alguns momentos de palestra com uma verdadeira expressão do teatro e do cinema de Portugal⁵⁷”. É conveniente acentuar que o período do Estado Novo impulsionou as atividades relacionadas ao cinema no país e neste contexto Pelotas era uma cidade composta por uma elite que se dizia sofisticada e moderna, representada na imprensa, pelo *Diário Popular*. Por esse motivo a atriz Beatriz Costa, “expressão do teatro e cinema de Portugal”, era entrevistada pelo jornal, representado por Maximiano, imigrante de origem portuguesa e componente ativo da comunidade lusa pelotense.

⁵⁶ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Ultrapassa de mil o número de casas comerciais, em Pelotas. **Recorte de Jornal**. Pelotas. *Diário Popular* [?], [?], [?], de 1939 [?].

⁵⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Alguns momentos de palestra com uma verdadeira expressão do teatro e do cinema de Portugal. **Recorte de Jornal**. *Diário Popular*. Pelotas, 31 de marco de 1940.



Figura 6. Entrevista realizada por Maximiano com a atriz Maria Costa 1940.

Fonte: Arquivo Privado de Maximiano

Na quinta reportagem, Maximiano, representando mais uma vez o *Diário Popular*, entrevista o senhor João Simões Lopes⁵⁸, diretor da Estática Municipal. A reportagem trata acerca do desenvolvimento dos trabalhos estatísticos de Pelotas e do recenseamento nacional. No entanto, o que convém apontar novamente, a critério desta pesquisa, é o prestígio ilustrado ao senhor João Simões Lopes e sua família e sua relação próxima com Maximiano.

A última reportagem aqui analisada trata acerca da homenagem realizada pelos funcionários do *Diário Popular* à Vitorino Menegotto⁵⁹. Foi oferecido um jantar de homenagem pelos membros da redação e gerencia do jornal. Ressalta-se novamente que Vitorino havia sido superior de Maximiano na Associação Comercial de Pelotas e também seu padrinho de casamento. Entre os sujeitos que figuram na fotografia que registrou o jantar encontra-se, como esperado, Maximiano.

É possível perceber, a partir das breves observações aqui apresentadas, acerca das reportagens selecionadas, a existência de uma pluralidade

⁵⁸ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O Sr. João Simões Lopes faz declarações ao 'Diário Popular'. **Recorte de Jornal.** Diário Popular, Pelotas, 17 de abril de 1940.

⁵⁹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O Sr. Vitorino Menegotto homenageado pelos funcionários do 'Diário Popular'. **Recorte de Jornal.** Diário Popular. Pelotas, 25, de [?] de 1940.

de assuntos considerados de “interesse geral” tanto de forma pessoal, quanto profissional, por Maximiano. De acordo com o exposto acima fica visível sua ligação com figuras influentes da sociedade no período. Afinal, em todas as reportagens citadas ele é entendido como “representante” do jornal. Isso provavelmente se dá devido sua posição elevada, de destaque e prestígio no *Diário*.

Operador do direito

Em 1942, acompanhado da esposa, Maximiano transferia residência para o Rio de Janeiro a fim de acompanhar o processo de naturalização por ele solicitado, afinal, seu pedido estava paralisado no Ministério da Justiça⁶⁰. “[...] *Por ter o Brasil entrado na 2º grande guerra e ter sido suspensa a concessão da nacionalidade brasileira aos súbditos do EIXO, medida que paralisou todos os processos em andamento, inclusive os de portugueses [...]*”⁶¹.

*Então ele teve que ir para o Rio de Janeiro trabalhar no Rio de Janeiro, fazer tiro de guerra aos fins de semana fazer uma série de coisas, porque era a capital, para poder se naturalizar e depois retornar para Pelotas*⁶².

Quando desembarcou no Rio de Janeiro, apesar de ainda não possuir a naturalização nem a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil, Maximiano passou a exercer a profissão, “[...] *assinando por ele as petições advogado amigo*”⁶³. Não foi possível identificar quem era o “advogado amigo” que assinava as petições de Maximiano, o que se sabe é que ele trabalhava [...] *no escritório de um Deputado Federal como secretário para*

⁶⁰ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7.

⁶¹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7, p. 2.

⁶² CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

⁶³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7, p. 2.

*ficar perto do processo de naturalização. Então ele ficou três anos eu acho, uma coisa assim, no Rio de Janeiro [...]*⁶⁴.

Em 14 de outubro de 1944, em conformidade do Art. 1º, letra e, do decreto-lei nº 389, de 25 de abril de 1938⁶⁵, era concedida a naturalização solicitada por Maximiano⁶⁶. Para tanto, ele teve de abandonar “[...] definitivamente e para todos os fins a sua nacionalidade de origem, e [concordar em] cumprir todas as obrigações e deveres relativas à sua nova nacionalidade⁶⁷”. Como já foi mencionado anteriormente, este processo era visto como uma espécie de “atentado à integridade” por muitos membros da colônia portuguesa, deixando inclusive de usufruir seu *status* de português em Portugal⁶⁸.

No dia seguinte, 15 de outubro de 1944, Maximiano matriculava-se no Ministério da Guerra realizando o exame no dia 18 de outubro obtendo o grau “aprovado”⁶⁹. Sendo assim, em 23 de janeiro de 1946 foi declarado reservista de segunda categoria⁷⁰. Neste período ele ainda declarava como profissão “jornalista”⁷¹ mas, em seguida, Maximiano promoveu sua inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil na secção do Rio de Janeiro. Deferida em agosto de 1946, recebeu então a carteira profissional de número 6.081⁷². Depois de legalizado, em todas as instâncias cabíveis,

⁶⁴ CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

⁶⁵ DECRETO-LEI Nº 389 DE 25 DE ABRIL DE 1938. **Regula a nacionalidade brasileira**. Art. 1º, Letra ‘e’. Brasil, 1938. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-389-25-abril-1938-350776-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

⁶⁶ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O presidente da República [...] [Documento de naturalização deferida]. **Documentação Pessoal**. Rio de Janeiro, 1944.

⁶⁷ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O presidente da República [...] [Documento de naturalização deferida]. **Documentação Pessoal**. Rio de Janeiro, 1944.

⁶⁸ SCHIAVON Carmem Burgert. *Op. Cit.*, 2007.

⁶⁹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Certificado de Reservista de 2º Categoria. **Documentação Pessoal**. Capital Federal (Rio de Janeiro), 23 de janeiro de 1946.

⁷⁰ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Certificado de Reservista de 2º Categoria. **Documentação Pessoal**. Capital Federal (Rio de Janeiro), 23 de janeiro de 1946.

⁷¹ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Certificado de Reservista de 2º Categoria. **Documentação Pessoal**. Capital Federal (Rio de Janeiro), 23 de janeiro de 1946.

⁷² ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7.

Sua estréia na tribuna judiciária deu-se no Supremo Tribunal Federal – a mais alta corte judicial do País – em que defendeu os recorrentes de Recurso Extraordinário, oriundo da Comarca de Pelotas, cujo resultado favorável unânime, pelo vulto da ação e situação social das pessoas integrantes da parte vencedora, teve grande repercussão na cidade; de conseqüência, passou também a defender, em última instância, processos junto ao Tribunal Federal de Recursos, ao Tribunal Superior do Trabalho, no Conselho Federal dos Contribuintes, etc., além de causas locais nas varas cíveis da Comarca do Rio de Janeiro; começou a sua profissão de advogado aonde os outros terminam⁷³.

Pelas informações citadas, mencionadas no início da passagem cima, acredita-se que esta primeira atuação de peso protagonizada por Maximiano, tenha sido o processo número 6. 862/47 do Tribunal Superior do Trabalho⁷⁴. No entanto, é importante ressaltar que, ao encontro da proposta deste livro, que consiste em analisar o processo de ascensão de Maximiano e não sua atuação como advogado, não foram analisados os autos em que ele operou como advogado. O que se deve observar da passagem acima, são justamente as oportunidades que Maximiano obteve após o resultado favorável daquele primeiro processo. Depois disso, ele retornou “[...] a Pelotas para assumir a Consultoria Jurídica da Associação dos Proprietários de Imóveis, em junho de 1949⁷⁵”.

Mesmo após iniciar a função de advogado da Associação dos Proprietários de Imóveis de Pelotas se sabe que Maximiano atuou de forma independente em pelo menos um processo trabalhista em 1949, em defesa do empregador⁷⁶. O que se pode afirmar a partir destas duas considerações é que ele continuou protagonizando ao lado da elite da sociedade pelotense. De forma diversa, porém, também formado na Faculdade de Direito

⁷³ ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7, p. 2.

⁷⁴ COLEÇÃO ACERVOS (CD ROOM) PROCESSOS TRABALHISTAS DE PELOTAS/RS (1935-1957). **Processo 6.862/47**. Porto Alegre, Tribunal Regional da 4ª Região, n. 2, 2011.

⁷⁵ Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, nº 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2º cad., pp. 2 e 3, p. 3.

⁷⁶ O processo trata de salários atrasados e horas extras, a parte reclamante do processo foi o senhor Olegario Fonseca, fundador, e a parte reclamada o senhor Jose Martins, empregador, representado por Maximiano. A resolução do processo se deu através de um acordo aceito por ambas as partes. [ACERVO DA JUSTIÇA DO TRABALHO DE PELOTAS (1940-2205). **Processo 577/49**. Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas.]

de Pelotas apenas um ano antes de Maximiano, em 1939, “[Antonio Ferreira] Martins foi conquistando aos poucos a classe operária da região Sul do Rio Grande do Sul, tornando-se o advogado de inúmeros sindicatos⁷⁷”.

Ao representar vários trabalhadores sindicalizados de Pelotas nos processos trabalhistas, Martins utilizava o novo aparelho varguista (Justiça do Trabalho, criada pela constituição de 1934 e instituída em 1941) como meio de reivindicação da classe operária⁷⁸.

Isso demonstra a existência de outro caminho, além do vivenciado por Maximiano, de atuação e ascensão como operador do direito. A diferença básica na trajetória de ambos os advogados, consiste no fato de Antonio possuir “poucos recursos financeiros para abrir um escritório que captasse a elite pelotense⁷⁹”. Eles possuíram a mesma formação acadêmica na Faculdade de Direito de Pelotas. Antonio viu na Justiça do Trabalho “um espaço onde poderia lançar sua carreira profissional, entrelaçando retorno financeiro aos seus ideais políticos por meio do atendimento ao proletariado⁸⁰”. No entanto, Maximiano definiu seu caminho profissional a partir das oportunidades vivenciadas no *Diário Popular*, relacionadas com a elite local, que possibilitaram sua atuação como advogado para essa parcela daquela sociedade.

⁷⁷ BRAGA, Camila Martins. **‘Os operários não mentem perante a justiça’**: Análise do exercício da advocacia de Antônio Ferreira Martins em Pelotas (RS) DE 1941 A 1945. Pelotas: UFPel, 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2016, 122p, p.49.

⁷⁸ BRAGA, Camila Martins. *Op. Cit.*, 2016, p.62

⁷⁹ *Id.* p. 48.

⁸⁰ *Ibid.*

Considerações finais

Este livro teve como objetivo realizar uma análise biográfica do imigrante de origem portuguesa Maximiano Pombo Cirne, emigrado para Pelotas, Rio Grande do Sul, no Brasil, em 1922. Respeitando os limites impostos, pela dimensão física do acervo, e levando em consideração as atuais discussões acerca deste tipo de análise, foi necessário enfocar em dois aspectos específicos da sua trajetória, são eles: a atuação de Maximiano no espaço jornalístico de Pelotas, principalmente no *Diário Popular*, e sua inserção no campo jurídico como operador do direito. Dessa forma, este estudo, considerando o espaço jornalístico e dos operadores do direito, procurou demonstrar como se deu o processo de ascensão social e profissional de um indivíduo imigrante na sociedade pelotense na primeira metade do século XX.

No primeiro capítulo se buscou apresentar Maximiano ao leitor, apontando o processo de imigração, portuguesa, do período. Demonstrou-se que a adaptação de Maximiano à Pelotas em muito se deu através de seu contato e inserção profissional no jornal *Diário Popular* e pela influência que seu pai possuía no seio do comércio local. Outra questão que deve ser mencionada é a sua determinação em ter mantido os estudos mesmo que isso em alguns momentos lhe tivesse acarretado complicações de caráter pessoal. Mais adiante seria justamente sua formação complementar em letras no ensino liceal que lhe possibilitaria ascender no *Diário*. O capítulo encerra com o início da formação de Maximiano na Faculdade de Direito de Pelotas.

Depois de apontar como se deu o início das atividades profissionais de Maximiano no *Diário Popular* de Pelotas em 1934, o segundo capítulo buscou tratar acerca da sua trajetória no *Diário*, enquanto jornalista. Abordou-se, inclusive, a crise financeira que se instaurou no jornal e seu

fechamento, em 1937, pelo governo Vargas. Através da influência do pai de Maximiano ele passou a atuar na Associação Comercial da cidade e possuiu participação ativa no processo de reabertura do jornal em 1938. Foi neste período, principalmente atuando no *Diário Popular*, que ele cunhou uma rede de relações influentes, que seriam fundamentais no seu processo de ascensão social e profissional.

O último capítulo buscou tratar acerca do processo de ascensão de Maximiano como operador do direito. Foi realizada toda a discussão sobre a sua formação acadêmica na Faculdade de Direito de Pelotas e a última fase de sua atuação direta no *Diário Popular*. Neste capítulo se apontou a existência de uma relação entre os alunos da Faculdade de Direito e os altos cargos do jornal, demonstrando a ligação de ambos com a elite pelotense. Abordou-se a importância das relações desenvolvidas por Maximiano no interior do jornal, com membros influentes daquela sociedade, para sua ascensão social e profissional como advogado.

De acordo com o exposto nos capítulos deste livro, a partir da observação e análise das fontes da pesquisa, é possível afirmar que os dois aspectos abordados da trajetória de Maximiano: sua atuação no jornal *Diário Popular* e sua inserção no espaço jurídico como operador do direito permaneceram intrínsecos, e colaboraram de forma fundamental para que ele se tornasse um “proeminente imigrante¹”. Ambos os espaços de atuação de Maximiano, abordados neste livro, fizeram parte de um projeto de ascensão idealizado, tanto de forma consciente quanto inconsciente, por ele.

Em alguns casos, ainda que seja tentador afirmar que o sujeito histórico seja “a frente de seu tempo” convém lembrar que todos somos homens e mulheres do seu próprio tempo. Maximiano estava inserido em um contexto específico de ação, desfrutava do prestígio do pai e cunhou

¹ Esta terminologia foi utilizada por Ana Scott em: SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). Congreso de Historia Económica de Zaragoza. 2000, SESSION: LAS MIGRACIONES A AMERICA, Universidad San Pablo-CEU, Madrid, pp. 1-28, 2001.

uma rede de relações, composta por figuras de influência na sociedade pelotense do período. Até seu falecimento, Maximiano possuiu uma presença ativa no *Diário Popular*, mas, foi a sua atuação no jornal, nos anos iniciais de sua carreira, que possuíram extrema importância para a criação e manutenção dessas relações, as quais contribuíram de forma inegável para sua ascensão social e profissional.

*“Eis, aí, como tomei contato com o *Diário*”²”.*

² Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3, p. 3.

Fontes

ACERVO DA DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. Declaração 950. **Banco de Dados Digital** da DRT-RS. Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 1939.

ACERVO DA JUSTIÇA DO TRABALHO DE PELOTAS (1940-2205). **Processo 577/49**. Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Adeus!. **Recorte de Jornal**. A Luz. Pelotas, 23 de março de 1929.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A freguesia do Bunheiro e a instrução de seu povo. **Recorte de Jornal**. O Concelho da Murtosa. Murtosa, 30 de julho de 1932. [Cópia do jornal].

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Alguns momentos de palestra com uma verdadeira expressão do teatro e do cinema de Portugal. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 31 de março de 1940.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A solene formatura dos novos bacharéis pela Faculdade de Direito de Pelotas. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 13 de dezembro de 1940.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. A'Sombra da Cruz. **Recorte de Jornal**. Progresso da Murtoda. Murtosa, 10 de setembro de 1941.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Boletim Informativo da Associação Comercial de Pelotas. **Associação Comercial**. Ano. I, N°. I, Pelotas, 26 de agosto de 1937.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Carteira de Identidade/Auzendia Pinheiro Cirne. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 18 de agosto de 1958.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Certificado de Reservista de 2º Categoria. **Documentação Pessoal**. Capital Federal (Rio de Janeiro), 23 de janeiro de 1946.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Convite da Faculdade de Direito de Pelotas. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 1º de dezembro de 1940.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Curriculum Vitae de Maximiano Pombo Cirne – Vice-Cônsul de Portugal. **Documentação Pessoal**. Pelotas, 27 de junho de 1985, pp. 1-7.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Chegou, ontem, a São Lourenço a <Caravana Diário Popular>. **Recorte de Jornal**. Pelotas. Diário Popular, 29 de março de 1939.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Diário Popular, Orgão dos Interesses Gerais – Propriedade e Direção da <Grafica Diário Popular, Ltda>. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 28 de agosto de 1938.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Diploma do curso complementar de Letras do Liceu Alexandre Herculano. **Documentação Pessoal**. Porto, 25 de julho de 1933.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Dr. Maximiano Pombo Cirne concluiu o Curso de Direito, no Brasil, êste nosso prezado conterrâneo. **Recorte de Jornal**. Progresso da Murtosa. Murtosa, 20 de julho de 1941.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Enlace Pinheiro-Cirne. **Recortes de jornal sem identificação**. [?]. Pelotas [?], abril de 1938 [?].

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Entre Urbano Garcia, Miguel Barcelos e Domingos de Almeida haverá um lugar para Simões Lopes Neto e outro para F. Osório. **Recorte de Jornal**. Pelotas. Diário Popular, 24 de junho de 1939.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Expressiva homenagem ao distinto jornalista dr. Maximiano Cirne. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 26 de agosto de 1942.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. MÃE!... **Recorte de Jornal**. A LUZ. Pelotas, 08 de fevereiro de 1930.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Meu pai [Manuscrito]. **Documentação Pessoal**. [sem local], [sem data].

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Na cidade de Pelotas/Colaço de Grau. **Recorte de Jornal**. Correio Português. Portugal, 02 de fevereiro de 1941.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Necrologia Manoel Luiz Cirne. **Recorte de Jornal**. Folha do Povo. Pelotas, 16 de agosto de 1941.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O jornalista dr. Maximiano Cirne alvo de significativa homenagem. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 26 de agosto de 1942.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O presidente da República [...] [Documento de naturalização deferida]. **Documentação Pessoal**. Rio de Janeiro, 1944.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O Sr. João Simões Lopes faz declarações ao 'Diário Popular'. **Recorte de Jornal**. Diário Popular, Pelotas, 17 de abril de 1940.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O Sr. Vitorino Menegotto homenageado pelos funcionários do 'Diário Popular'. **Recorte de Jornal**. Diário Popular. Pelotas, 25, de [?] de 1940.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. O 31 de Janeiro no Porto. **Recorte de Jornal**. [?]. Porto [?], 15 de fevereiro de 1933.

ARQUIVO PRIVADO DE MAXIMIANO POMBO CIRNE. Ultrapassa de mil o número de casas comerciais, em Pelotas. **Recorte de Jornal**. Pelotas. Diário Popular [?], [?], [?], de 1939 [?].

CIRNE, MAXIMIANO PINHEIRO. Trajetória Profissional do Jornalista Maximiano Pombo Cirne. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a JAQUES, Biane Peverada, Pelotas-RS, 2013.

COLEÇÃO ACERVOS (CD ROOM) PROCESSOS TRABALHISTAS DE PELOTAS/RS (1935-1957). **Processo 6.862/47**. Porto Alegre, Tribunal Regional da 4ª Região, n. 2, 2011.

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Ata n° 410 – Sessão ordinária de Diretoria, realizada no dia 6 de junho de 1938. **Sessões de Diretoria** – de 25/janeiro/1938 a 26/junho/1939 – Atas n°s 396 a 452. Pelotas, 6 de junho de 1938, pp. 36-38.

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Diretoria Centro Português 1° de Dezembro. **Circulares das novas diretorias e de Novas firmas comerciais 1936-1937**. Pelotas, 1937.

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Diretoria do Grêmio Acadêmico Jurídico da Faculdade de Direito de Pelotas. **Circulares das novas diretorias e de Novas firmas comerciais 1936-1937**. Pelotas, 1936.

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Relatório referente aos negócios do biênio 1936/1937 apresentado à Assembléia geral realizada em 26 de janeiro de 1938. **Relatórios de 1936-1959**. Pelotas, 20 de janeiro de 1938.

MEMORIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. Relatório referente aos negócios do biênio 1938/1939 apresentado à Assembléia geral realizada em 19 de janeiro de 1940. **Relatórios de 1936-1959**. Pelotas, 19 de janeiro de 1940.

Minha passagem pelo “Diário Popular”. **Diário Popular**. Pelotas, n° 70, 15 e 16 de novembro de 1980, 2° cad., pp. 2 e 3.

Legislação

ART. 150. **Constituição de 1937**. Brasil, 10 de novembro de 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-35093-10-novembro-1937-532849-publicacaooriginal-15246-pl.html>>. Acesso em 19 de janeiro de 2017.

DECRETO-LEI Nº 389 DE 25 DE ABRIL DE 1938. **Regula a nacionalidade brasileira**. Art. 1º, Letra 'e'. Brasil, 1938. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1930-1939/decreto-lei-389-25-abril-1938-350776-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

DECRETO-LEI Nº 910 DE 30 DE NOVEMBRO DE 1938. **Dispõe sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas**. Capítulo I, Art. 1º, Inciso 1º. Brasil, 1938. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 23 de dezembro de 2016.

Referências

- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: Tradição, Veracidade, e Imaginação em História Oral. **História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas: Gráfica Universitária – UFPel, 2000.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE PELOTAS. **Institucional**. Disponível em: < <http://www.ascompel.com.br/sobre-a-acp/>>. Acesso em 24 de dezembro de 2016.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**. Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: 2007.
- BIAVASCHI, Magda Barros. **O Direito do Trabalho no Brasil – 1930-1942**: A construção do sujeito de direitos trabalhistas. Campinas: Unicamp, 2005. Tese (Doutorado), 2005, 348p.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: Grandezas e misérias da biografia. In.: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-234.
- BORIS, Fausto. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2008.
- BRAGA, Camila Martins. **‘Os operários não mentem perante a justiça’**: Análise do exercício da advocacia de Antônio Ferreira Martins em Pelotas (RS) DE 1941 A 1945. Pelotas: UFPel, 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2016, 122p.
- CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular**: Pelotas, 1923-1939. Pelotas: UFPel, 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2014, 248p.

- CANAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: **Pontos e Bordados**. Belo Horizonte: UFMG, PP. 130-153, 1998.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar (1889-1930). In.: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (Orgs.). **Coleção Geral do Rio Grande do Sul - República Velha (1989-1930)**. Passo Fundo: 2007, pp. 395-418.
- COSTA, Valesca Brasil. Trajetória de diplomados na Faculdade de Direito de Pelotas/RS/Brasil (1960-1970): Herdeiros ou trãnsfugas?. In: **Anais I Seminário Internacional Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica**. Pelotas: UFPel, pp. 1-20, 2012.
- CHAVES, Larissa Patron. **“Honremos a Pátria senhores!”: as Sociedades Portuguesas de Beneficência**: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910). Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008, 339p.
- DAL FORNO, Rodrigo. **O “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923**: uma análise de Política e Imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015, 200p.
- D’ARAUO, Maria Celina Soares. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 215-239, 2003.
- DE RUGGIERO, Antonio. O laboratório de história oral da PUCRS e algumas reflexões sobre a utilização da oralidade para estudos migratórios. **Confluências Culturais**. V. 4, Nº 2, pp. 114-122, set. 2015 A.
- DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: Perspectivas de pesquisa. In.: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp.162-181, 2015 B.

DEVANTIER, Vanessa da Silva; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. A Rua XV de Novembro: espaço de comércio, cultura e lazer. Pelotas, 1870-1931. In: X Encontro de História da Arte, 2011, Pelotas. **Anais do X Encontro de História da Arte**, p. 1-12, 2011.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: _____ (Org.). **O Brasil Republicano**. O tempo da experiência democrática (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 15-45, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Sumara Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 387-416, 2011.

FRENCH, John. **Afogados em Leis**. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia de Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Angela de Castro (Org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Retrato falado: a Justiça do Trabalho na visão de seus magistrados. **Estudos Históricos**, n. 37, jan-jun, pp. 55-79, 2006.

GRANDE COLÉGIO UNIVERSAL DO PORTO. Disponível em <<http://www.gcolegiouniversal.com/portal/?s=2>>. Acesso em 25 de março de 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEINZ, Flávio. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso de Filinto Müller. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 10, nº 19, p. 41-66, 1997.
- JAQUES, Biane Peverada. **Os Trabalhadores das Letras: Empregados Gráficos do Rio Grande do Sul a partir da DRT-RS (1933-1943)**. Pelotas: UFPel, 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Bacharelado em História, Universidade Federal de Pelotas, 2014, 50p.
- JOHNSON, Harold. A colonização portuguesa do Brasil, 1500-1580. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. São Paulo: FUNAG/EDUSP, v.1, p.241-281, 2004.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método de microanálise na construção de trajetórias. In.: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp. 32-52, 2015.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo: a trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS-PPGHIS, Rio de Janeiro, 2012.
- KLEIN, Herbert. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1994.
- LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. **Ecoss Revista**, EDUCAT - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, pp. 5-34, abril de 1998.
- LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Os trabalhadores Gráficos no acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943). In: **Anais do XI Encontro Estadual de História da ANPUH-RS**. Rio Grande: FURG, p. 01-12, 2012A.
- LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Jornalista também solicita carteira de trabalho: os trabalhadores da imprensa através da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul (1933-1943). In: **I Encontro Internacional Fronteiras e Identidades**, 2012, Pelotas-RS. Anais do I Encontro Internacional Fronteiras e Identidades. Pelotas-RS: Editora e Gráfica da UFPel, p. 131-140, 2012B.
- LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Traços da Política: Representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, 236p.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação.** São Paulo: UNESP, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, p. 111-154, 2005.

MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Personagens, seus objetos, suas imagens. Arca-bouço material como evidência biográfica. **História Social.** vol. 1, n° 24, 2013, pp. 17-29.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro.** Pelotas: UFPel, 1993.

MAGALHÃES, Mário Osório. Portugueses. In.: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório. **Dicionário de História de Pelotas.** Pelotas: UFPel, pp. 201-202, 2010.

MENESES, Lená Medeiros de. Bastidores: um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro. **Acervo Revista do Arquivo Nacional**, v. 10 (2), pp. 3-16, 1997.

MUGGE, Miquéias. História de elites e micro-história: aproximações metodológicas. In.: MARTINS, Maria Cristina & MOREIRA, Paulo Roberto (Orgs.). **Uma história em escalas.** A microanálise e a historiografia latino-americana. São Leopoldo: Oikos; UNISSINOS, 2012, p. 305-322.

NOGUEIRA, Ana Maria de Moura. **Como Nossos Pais: uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1998, 157p.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História.** São Paulo: PUC-SP, n° 10, dez/1993, pp. 7-28.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano.** O tempo do nacional estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, Georges; et. al. **História e Nova História.** Lisboa: Teorema, pp. 33-42, 1986.

PENNA, Rejane Silva & GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Arquivo Particular Júlio de Castilhos: Cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, UNESP-FCLAs-CEDAP, v. 4, n. 2, p. 55-73, jun. 2009.

PEREIRA, Mirian Halpem. **A política portuguesa de emigração (1850-1930)**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

PERES, Eliane. **Templos de Luz**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense 1875-1915. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995, 178p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho / 1880-1920**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1994.

REIS, Jaime. A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870, 1913. **Análise Social**, Lisboa, v. XXIII (96), pp. 207-227, 1987.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.

SCHIAVON Carmem Burgert. **Estado Novo e relações luso-brasileiras (1937-1945)**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007, 304p.

SERRES, Juliane C. Primon,; QUEVEDO, Éverton Reis; REICHARDT, João Carlos. (Org.). **Beneficência Portuguesa**: a primeira Sociedade de Socorros Mútuos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SIMÕES, Nuno. **O Brasil e a emigração portuguesa**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.

SOARES, Antonio. (Org.). **Portugueses no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Caravela, 1988.

SOUSA, Jorge Pais de. O Estado Novo de Salazar como um fascismo catedrático: Fundamentação histórica de uma categoria política. In.: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & CROCI, Federico (Orgs.). **Tempos de fascismos: Ideologia – Intolerância – Imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2010.

SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o estado novo. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Brasil em Perspectiva**. São Paulo: Dital, p. 256-282, 1985.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). Congreso de Historia Económica de Zaragoza. 2000, SESSION: **LAS MIGRACIONES A AMERICA**, Universidad San Pablo-CEU, Madrid, pp. 1-28, 2001.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. **Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (séculos XVIII e XIX)**. Vol.6. Coleção de Monografias, Guimarães: NESP/Instituto de Ciências Sociais-Universidade do Minho, 1999.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarina, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. Flávio Koutzii: pedaços de vida na memória (1943-1984) - apontamentos sobre uma pesquisa em curso. **História Unisinos**, v. 13, p. 189-196, 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Trabalho, justiça e direitos no Brasil**: pesquisa histórica e preservação das fontes. São Leopoldo: Oikos, 2010.

VENDRAME. Máira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

VENDRAME. Máira Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias: algumas reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In.: VENDRAME. Máira Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira; WEBER, Beatriz & FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, pp. 200-223, 2015.

VITORINO, Artur José Renda. Os sonhos dos tipógrafos na corte imperial brasileira. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Orgs.). **Culturas de Classe**. São Paulo: Ed. UNICAMP, p.167-203, 2004.

- VITORINO, Artur José Renda. **Máquinas e Operários**: Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Annablume FAPESP, 2000.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo da experiência democrática**: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 297-216, 2011.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, p. 7-72.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org